

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPIRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

DOUTORADO EM PSICOLOGIA

LILIANE CARACIOLO FERREIRA

**Representações sociais de sertão
entre moradores da região sertaneja Petrolina-PE Juazeiro - BA**

**VITÓRIA
2012**

LILIANE CARACIOLO FERREIRA

Representações sociais de sertão
entre moradores da região sertaneja Petrolina-PE e Juazeiro - BA

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal do Espírito Santo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Psicologia, sob orientação do Prof. Dr. Lídio de Souza.

VITÓRIA
2012

RESUMO

FERREIRA, L. C. (2012). Representações sociais de sertão entre moradores da região sertaneja Petrolina-PE e Juazeiro - BA. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES.

O objetivo do presente trabalho consistiu em identificar, descrever e analisar as representações sociais de sertão de grupos de moradores da região sertaneja, através da Teoria do Núcleo Central. Referenciada nessa teoria, a pesquisa foi desenvolvida em três estudos interrelacionados: o Estudo 1 (E1) abordou as representações sociais de sertão entre jovens e idosos moradores da região sertaneja Petrolina-PE Juazeiro - BA e contou com a participação de 60 jovens, entre 18 e 25 anos e 60 idosos, a partir dos 60 anos; o Estudo 2 (E2) investigou as representações sociais das cidades de Petrolina-PE e Juazeiro - BA a partir de dados coletados com 120 sujeitos, sendo 60 entre 18 e 25 anos e 60 com idade a partir de 60 anos; o Estudo 3 (E3) analisou as representações sociais de sertão entre estudantes-professores dos cursos de Licenciatura em História e em Geografia, sendo 30 de LH e 30 de LG. Para a coleta de dados foram realizadas entrevistas individuais com perguntas abertas bem como o teste de associação de palavras. O tratamento dos corpora de dados foi realizado através dos softwares TextSTAT, EVOC e SIMI, bem como da Análise de Conteúdo, segundo os objetivos de cada um dos estudos e a natureza dos dados. Os resultados evidenciaram que o conteúdo da representação social de sertão reproduz a forma tradicional de pensar a região, com papel destacado para os elementos seca, pobreza e miséria, levando os participantes a declararem que o local em que moram não é sertão, porque é desenvolvido economicamente. Ressalta-se que o discurso do desenvolvimento econômico legitima-se e torna a desigualdade social invisível.

Palavras-chave: representação social; sertão; desenvolvimento econômico; Petrolina, Juazeiro

ABSTRACT

FERREIRA, L. C. (2012). Social representations of wilderness between local residents sertaneja Petrolina, Pernambuco, Bahia and Juazeiro. Doctoral Thesis, Graduate Program in Psychology, Federal University of Espírito Santo, Vitória / ES.

The objective of this study was to identify, describe and analyze the social representations of wilderness groups of residents hinterland, through the Central Nucleus Theory. Referenced in this theory, the research was conducted in three interrelated studies: Study 1 (E1) addressed the social representations of wilderness between young and old residents of the hinterland region Petrolina-PE Juazeiro - BA and was attended by 60 young people between 18 and 25 years and older, the age of 60, the Study 2 (E2) investigated the social representations of the cities of Petrolina-PE and Juazeiro - BA from data collected from 120 subjects, 60 between 18 and 25 years and aged from 60 to 60 years, the Study 3 (E3) examined the social representations of wilderness between student-teachers of undergraduate courses in History and Geography, 30 LH and 30 LG. For data collection, was applied interview with open questions and the test of free association of words. The processing of corporate data was performed using the software TextSTAT, EVOC and ACS, as well as content analysis, according to the objectives of each study and the nature of the data. The results showed that the contents of social representation of wilderness reproduces the traditional way of thinking about the region, with a prominent role for the elements drought, poverty and misery, leading participants to declare that the site is not live interior, because it is economically developed . It is emphasized that the discourse of economic development becomes legitimized and social inequality invisible.

Keywords: representation; wilderness; economic development; Petrolina; Juazeiro

LISTA DE SIGLAS

TRS: Teoria das representações sociais

RS: Representações sociais

TAP: Teste de associação de palavras

G1: Grupo 1 – Jovens moradores da região sertaneja Petrolina-PE Juazeiro-BA

G2: Grupo 2 – Idosos moradores da região sertaneja Petrolina-PE Juazeiro-BA

S1: Simulação 1 – “se não existisse a fruticultura irrigada”

S2: Simulação 2 – “ontem e hoje de Petrolina-PE e Juazeiro-BA”

LG: Grupo de estudantes-professores do curso de Licenciatura em Geografia

LH: Grupo de estudantes-professores do curso de Licenciatura em História

VE: Variáveis essenciais

VC: Variáveis circunstanciais

S: Sujeito

O: Objeto

C: Ciências

SS: Sujeito social

SI: subjetividade

I: intersubjetividade

T: Transubjetividade

EVOC: *Ensemble de Programmes Permettant L'Anayse dès Evoca.*

SUDENE: Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

SUVALE: Superintendência do Desenvolvimento do Vale do São Francisco

SVSF: Submédio do Vale do São Francisco

CODEVASF: Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco

EMBRAPA: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

VALEXPORT: Associação dos Produtores e Exportadores de Hortifrutigranjeiros e Derivados do Vale do São Francisco

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

BNDS: Banco Nacional de Desenvolvimento Social

PNUD: Programa Nacional das Nações Unidas para o Desenvolvimento

IOC: Instituto Oswaldo Cruz

DNOCS: Departamento Nacional de Obras Contra a Seca

MDA: Ministério do Desenvolvimento Agrário

MI: Ministério da Integração Nacional

LISTA DE FIGURAS

INTRODUÇÃO

Figura 1 – Percentual de domicílios em pobreza por região no Brasil (1981 – 2009).....	11
Figura 2– Momentos históricos e principais idéias associadas ao sertão	16
Figura 3- Vista aérea do Rio São Francisco e das cidades de Petrolina e Juazeiro	18
Figura 4- Símbolos da economia capitalista, Petrolina-PE: River <i>Shopping</i>	20
Figura 5 - Símbolos da economia capitalista, Petrolina-PE: Prédios de luxo na orla.	21
Figura 6- Símbolos da economia capitalista, Petrolina-PE: Aeroporto Internacional.	21
Figura 7- Conteúdo das representações sociais	25

Estudo 1: Representações sociais de sertão entre jovens e idosos moradores da região sertaneja Petrolina-PE Juazeiro-BA

Figura 1– Árvore máxima das evocações dos participantes do G2.....	41
Figura 2– Árvore máxima das evocações dos participantes do G1.....	43

Estudo 2: Representações sociais das cidades de Petrolina-Pe e Juazeiro-BA

Figura 1 – Participação relativa das categorias de respostas entre os participantes do G1 para simulação S1	Erro! Indicador não definido.
Figura 2 – Análise contextual da categoria desenvolvimento entre participantes do G1 para a simulação S1	61
Figura 3 – Participação relativa das categorias de respostas entre os participantes do G2 para a simulação S1	61
Figura 4 – Participação relativa das categorias de respostas dos participantes do G2 para a simulação S2.....	65
Figura 5 – Análise Contextual : perspectiva Micro (Petrolina-PE Juazeiro-BA) e Macro (Sertão)	68
Figura 6 – Campo de elaboração da representação social de sertão para G1 e G2	69

Estudo 3: Representações sociais de sertão entre estudantes de Licenciatura em História e Geografia

Figura 1 Árvore máxima das evocações dos participantes de LH.....	86
Figura 2 - Árvore máxima das evocações dos participantes de LG	88
Figura 3 – Esferas de pertença das representações sociais.....	89
Figura 4 – Representação social de sertão para LH e LG	93

LISTA DE TABELAS

INTRODUÇÃO

Tabela 1 – O papel do cientificismo biológico-racial na construção do racismo (Século XIX - Século XX)	14
Tabela 2 - Síntese do processo de implantação da fruticultura no SMSF	20
Tabela 3- Sistematização do quadro empírico-metodológico dos estudos	29

Estudo 1: Representações sociais de sertão entre jovens e idosos moradores da região sertaneja Petrolina-PE Juazeiro-BA

Tabela 1 – Categorização das evocações associadas ao sertão (N=120).....	38
Tabela 2 – Características dos participantes dos grupos	39
Tabela 3 – Evocações produzidas pelos participantes do G2	40
Tabela 4 – Evocações produzidas pelos participantes do G1	42
Tabela 5 – Categorias de respostas fornecidas pelos participantes à pergunta ‘Como é morar no sertão para você?’, considerando-se respostas múltiplas.....	45
Tabela 6 - Como é morar no sertão: exemplo de um jovem e de um idoso moradores de Petrolina.....	47
Tabela 7 - Frequência absoluta e relativa das categorias essenciais considerando-se respostas múltiplas.	47
Tabela 8 – Frequência relativa e absoluta das categorias circunstanciais considerando-se respostas múltiplas.....	48

Estudo 2: Representações sociais das cidades de Petrolina-Pe e Juazeiro-BA

Tabela 1 – Características dos participantes.....	58
Tabela 2 – Categorização das respostas de todos os participantes para a simulação S1.....	59
Tabela 3 – Frequências absolutas e relativas das respostas dos participantes à simulação S1	59
Tabela 4 – Tempo de moradia dos participantes do G2 em Petrolina-PE e Juazeiro-BA	63
Tabela 5 – Categorização das respostas dos participantes do G2 para a simulação S2	65
Tabela 6 – Frequência relativa das categorias de respostas dos participantes do G2 para a simulação S2.....	66

Estudo 3: Representações sociais de sertão entre estudantes de Licenciatura em História e Geografia

Tabela 1 – Projetos exógenos, contextos históricos e categorias de significação de sertão.....	73
Tabela 2 – Elementos das categorias de sertão: Deserto, Nação, Atraso e Doença e Subdesenvolvido.....	74
Tabela 3 – Estrutura da RS de sertão dos participantes de LH	85
Tabela 4 – Estrutura da RS de sertão dos participantes de LG	87
Tabela 5 – Categorização do <i>corpus</i> sobre o que é sertão para os participantes de LH e LG (N=60)	90
Tabela 6 – VE e VC para os participantes de LH e LG (frequência absoluta e relativa).....	91

CONCLUSÃO

Tabela 1 – Elementos centrais resultantes da evocação de sertão para os grupos investigados	98
Tabela 2 – Elementos da primeira periferia resultantes da evocação de sertão para os grupos investigados	99

SUMÁRIO

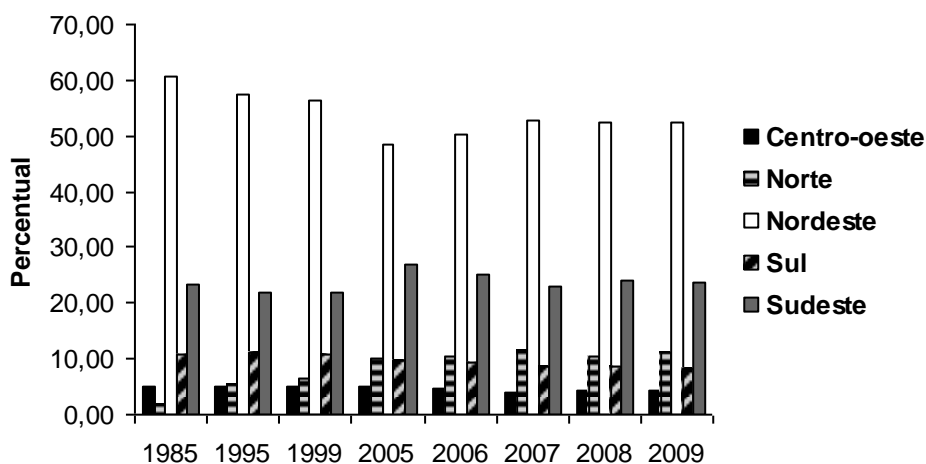
INTRODUÇÃO	10
ESTUDOS	27
QUADRO GERAL DA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO.....	27
ESTUDO 1: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE SERTÃO ENTRE JOVENS E IDOSOS MORADORES DA REGIÃO SERTANEJA PETROLINA-PE JUAZEIRO- BA.....	30
Resumo.....	30
Método	35
Resultados e Discussão	38
Conclusão.....	49
Referências Bibliográficas	49
ESTUDO 2: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS CIDADES DE PETROLINA-PE E JUAZEIRO-BA.....	52
Resumo.....	52
Método	56
Resultados e Discussão	58
Conclusão.....	67
Referências Bibliográficas	69
ESTUDO 3: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE SERTÃO ENTRE ESTUDANTES DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA E GEOGRAFIA	71
Resumo.....	71
Método	82
Resultados e Discussão	84
Conclusão.....	93
Referências Bibliográficas	95
CONCLUSÃO.....	98
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	103
APÊNDICES	110
APÊNDICE A – Roteiro de entrevista/ Estudo 1 – Representações sociais de sertão entre jovens e idosos moradores da região sertaneja Petrolina-PE Juazeiro-BA	110
APÊNDICE B – Roteiro de entrevista/ Estudo 2 – Representações sociais das cidades Petrolina-PE e Juazeiro-BA.....	111
APÊNDICE C – Roteiro de entrevista/ Estudo 3 – Representações sociais de sertão entre estudantes-professores dos cursos de Licenciatura em História e Geografia em uma instituição de ensino superior de Petrolina-PE.....	112
APÊNDICE D – Termo de Consentimento	113

INTRODUÇÃO

Há muito se reconhece que o fenômeno climático, que assola o sertão, assume dimensões de calamidade pública devido à situação de pobreza em que vive a maioria da população dessa região brasileira (MATTAR & VILELA, 2010; LIMA, 2008; COELHO & SANTOS, 2008, SILVA, 2007; SÁ 2003, DUARTE, 2001). Tratando do tema, muita tinta já foi gasta na academia, na literatura, na arte, nas políticas públicas e na mídia. Na academia, por exemplo, podemos citar, entre outras, as disciplinas de Geografia, História, Economia, Literatura, Antropologia, Sociologia. Na literatura, sertão e sertanejos são temas frequentes em livros, na literatura de cordel e nos quadrinhos. Na mídia, em rádio, jornal e televisão. Na arte, as referências encontram-se nos quadros, na música, no cinema e em peças de teatro. Como exemplo, temos a marcante recorrência do “cangaço” nas mais “diversas produções culturais (folhetos de cordel, xilogravuras, folclore, romances, cinema, quadrinhos).” Divulgado pela literatura regionalista por autores como “José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa e, mais recentemente, de Francisco Dantas.”, considerado pelos intelectuais de esquerda a antessala de movimentos sociais da luta no campo. (SÁ - 2003, p. 49).

Para Gomes (2008, p. 11), “cada sociedade elege o núcleo de preocupações ao qual confere centralidade.” No caso do Brasil, o sertão é tema antigo, visto que já ocupava a mente dos portugueses que aqui se instalaram e depararam com o desconhecido. É notório que ainda hoje o tema ocupe a mente dos brasileiros e, em especial, dos governantes, tendo em vista que estamos falando da região com os maiores índices de pobreza do país. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA (2011), 52,47% dos domicílios nordestinos, em 2009, estavam abaixo da linha de pobreza. Cenário persistente, conforme os dados de 1981 a 2009. (Figura 1)

Figura 1 – Percentual de domicílios em pobreza por região no Brasil (1981 – 2009)



Fonte: Ipeadata (Adaptação da autora)

É necessário que se faça uma breve exposição da transferência de recursos para atender a região Nordeste. O recorte que nos orienta é “a seca”, tendo em vista que até a primeira metade do século XIX foi considerada um problema para o projeto de colonização, porque índios fugiam para o litoral em busca de alimentos. Na condição de “assunto de índio”, fome e miséria no sertão seriam registradas como um problema para a “civilização” ou, especificamente, para o “projeto de colonização”, até que o sertão fosse povoado pelos brancos, com fazendas de gado que seriam atingidas por longos períodos de seca, o que era “problema de índio” passa a ser “prejuízo de fazendeiros”. Ciência, governo, fazendeiros e políticos são alguns dos setores que se mobilizaram para “a nova perspectiva de atendimento à região” (SILVA, 2008).

A partir dessa preocupação em “atender fazendeiros” podemos compreender a gradativa evolução de possíveis transferências de recursos para o Nordeste e especificamente para a região Petrolina-PE/Juazeiro-BA. Na lógica capitalista, para que o modelo de produção funcione é preciso acumular capital e isso ocorre com o excedente de produção e os meios para escoar o produto, tais como estradas, portos, aeroportos, transportes e comunicação.

É importante lembrar que o tema, sertão, foi eleito pelos portugueses e permanece até

hoje como um “problema” para o governo. Diante dessa amplitude temporal, da colonização à industrialização da economia brasileira, este trabalho procurou orientar-se por dois momentos da História do Brasil, o Colonial e o Pós-colonial, e suas influências na elaboração de representações, ou seja, “dos elementos socioculturais que influenciam” o trabalho de quem cria significados. (GUEDES, 2006)

No período colonial, o primeiro significado do sertão surgiu com a chegada dos portugueses, que ocuparam o solo a partir do litoral e nomearam as terras além, de sertão, ou seja, terras “desertas”, “desconhecidas” e “perigosas”. Uma vez instalados no litoral, evoluíam de povoado para cidade e o significado de sertão passa a ser construído em relação ao que estava colonizado (o litoral), seria o não colonizado ou incivilizado. Seguiu com a exploração e povoamento do sertão e, com as “entradas e bandeiras”, foi descoberto o ouro e instalou-se a criação de gado, cenário de um novo ciclo de significados: Sertões do Ouro e Sertões dos Currais. (IBGE – Atlas das Representações Literárias dos Sertões, 2006).

Essa idéia de ocupação e exploração foi substituída pela perspectiva instaurada pela declaração da independência do Brasil, que cria e difunde a ideia de “Nação”, instituindo-se um novo campo de representações: os ideais de “brasilidade” (ARRUDA 1998). É no período pós-colonial que o sertão passa por construções conduzidas por dois movimentos: o “romantismo” e o “realismo”. A urgência em caracterizar a ex-colônia fez ver o brasileiro associado à paisagem e à sociedade do interior, numa perspectiva “romântica”: Araújo (2008, pp. 23-24) citando, Guimarães Rosa, diz:

O país não poderia ser definido moral e culturalmente a partir do ambiente eclético, heterogêneo e indefinível que se encontra à beira-mar. Para o autor, a chave para adentrarmos as características nacionais só será encontrada nas estradas que levam ao interior do país. Somente neste ambiente distante das diversas influências metropolitanas e estrangeiras em geral, com a rigidez e proximidade do controle português é que se pode encontrar o brasileiro digno desta definição.

Por sua vez, para o “realismo” a região era tida como um problema para a “Nação” que se desejava construir um outro negativo, oposto à urbanidade litorânea, porção indesejável e vergonhosa do Brasil, a exemplo da descrição do sertanejo por Euclides da Cunha em *Os Sertões*: “É homem permanentemente fatigado.” (p.51).

Vale lembrar que o critério de análise que aqui é utilizado tem em vista as construções e reconstruções de representações em determinados momentos ou contextos. O Nacionalismo romântico brasileiro, por exemplo, sofreu influência do Nacionalismo romântico europeu. Segundo Antônio Cândido (2009, p. 13): “No Brasil, ao contrário dos países americanos que conheceram grandes civilizações pré-colombianas, é impossível pensar num processo civilizador à margem da conquista européia, que criou o País.”

Para aprofundar o entendimento, vale a reflexão sobre explicações biológico-raciais que elegeram a miscigenação como símbolo de degeneração da raça humana e influenciou o realismo brasileiro. Cientistas como Nina Rodrigues, médico legista, professor de medicina legal na Bahia, Oliveira Viana, professor da faculdade de Direito do Rio de Janeiro e Euclides da Cunha, engenheiro, cientista e literário, incorporaram e difundiram a teoria do racismo no Brasil. (BUONICORE, 2005)

Mesmo que não seja o objetivo desse trabalho, entende-se que é relevante refletir sobre o papel do cientificismo¹ biológico-racial no processo de construção histórica de uma forma de pensar legitimada, mesmo que breve. São exemplos dessa construção: Gobineau (1816-1882) e a superioridade da raça branca; Ratzel (1884-1904) e a divisão dos povos entre naturais e civilizados; Lombroso (1835-1909), que procurou estabelecer relações entre características físicas e tendências criminais.

No caso brasileiro tais influências podem ser identificadas em Nina Rodrigues (1862 –

¹ Entende-se por cientificismo, quando a ciência é reduzida à verificação empírica, ignorando qualquer outro método de investigação como científica.

1946) e a teoria sobre a tendência de negros e mestiços ao crime; Euclides da Cunha (1866 – 1909) e a teoria dos dois brasis: atrasado e moderno e Oliveira Viana (1883 – 1951) com negros e índios como massas passivas e improgressivas. (Tabela 1)

Tabela 1 – O papel do cientificismo biológico-racial na construção do racismo (Século XIX - Século XX)

Intelectuais	Atividade profissional	País de origem	Teoria
Joseph Arthur de Gobineau (186-1882)	Diplomata, escritor e filósofo.	França	Tese sobre a existência de uma superioridade inata das raças brancas e louras (arianas) sobre todas as outras. A miscigenação é inevitável e levará a raça humana a graus sempre maiores de degenerescência física e intelectual. Obra: Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas (1855).
Friedrich Ratzel (1884-1904)	Geógrafo e etnólogo.	Alemanha	Dividiu os povos em dois grandes grupos, “naturais” e “civilizados”. Os primeiros eram dominados pela natureza e os segundos a dominavam. O meio influencia a história humana na medida em que pode oferecer melhor ou pior acesso aos recursos naturais, atuando assim como estímulo ou obstáculo ao progresso. Obras: Antropogeografia (1882); As raças humanas (1885 e 1888); Geografia Política (1897).
Cesare Lombroso (1835-1909)	Professor de psiquiatria e medicina forense.	Itália	Tentativa de dar status científico ao racismo moderno. Tese da relação entre as características físicas dos indivíduos e sua capacidade mental e propensões morais. Obras: O homem delinquente (1876); O crime, causas e remédios (1899).
Francis Galton (1822-1911)	Antropologista, Meteorologista, Matemático e Estatístico	Inglaterra	Criador do termo Eugenia, . Mais conhecido pelo estudo da hereditariedade e inteligência humana através de instrumentação matemático e biológico. Livro: Natural Inheritance (1889)
Nina Rodrigues (1862-1906)	Professor de medicina legal, Bahia	Brasil	Teses sobre a degenerescência e tendências ao crime dos negros e mestiços. Para ele o negro e os mestiços seriam as chagas da nossa nacionalidade. Obras: “Mestiçagem, degeneração e crime” (1899), “Degenerência física e mental entre os mestiços nas terras quentes” (1899).
Euclides Rodrigues da Cunha (1866-1909)	Engenheiro, cientista e literário, Instituto de Obras contra Seca - IOC	Brasil	<u>Mergulhado nos pressupostos e preconceitos advindos do credo cientificista: evolucionismo[1], determinismo climático e biológico e, de uma forma mais geral, o positivismo. Por esse caminho o conceito de sertão era compreendido da forma mais pejorativa possível, desqualificando a terra e a humanidade a ela relacionada, reconhecendo neles a impossibilidade de qualquer desenvolvimento rumo à civilização. Obra principal, Os Sertões: campanha de canudos (1902).</u>

Intelectuais	Atividade profissional	País de origem	Teoria
Oliveira Viana (1883 - 1951)	Professor da faculdade de Direito no Rio de Janeiro	Brasil	A tese de que os bandeirantes paulistas eram perfeitos arianos: altos, fortes, loiros e de olhos claros. Segundo ele, o país seria o resultado da vontade e da energia as elites brancas, racialmente superiores. Os negros e índios, por outro lado, não haviam dado “nenhum elemento de valor” à nossa formação histórica e cultural. Uns e outros se tornaram “massa passiva e improgressiva. Obras: Populações Meridionais do Brasil (1920); Pequenos Estudos de Psicologia Social (1921); O Idealismo na Evolução Política do Império e da República (1922); Evolução do Povo Brasileiro (1923); O Ocaso do Império (1925); O Idealismo na Constituição (1927); Problemas de Política Objetiva (1930); Raça e Assimilação (1932); Formation ethnique du Brésil colonial (1932); Problemas do Direito Corporativo (1938); As Novas Diretrizes da Política Social (1939).

[1] [Entendidas como interpretações reducionistas da teoria evolucionista.](#)

Fonte: Adaptação da autora (BUONICORE, 2005; OLIVEIRA, 2002)

Como exemplo do papel do cientificismo no Brasil temos as missões civilizatórias da primeira república, que correspondem a “viagens associadas a projetos modernizadores: Construções de ferrovias, Avaliações da Inspetoria de Obras Contra as Secas, Construções de linhas telegráficas.” Verifica-se ainda um expressivo movimento com base na ideia de valorização do sertão, a exemplo da Missão Rondon, das Expedições do Instituto Oswaldo Cruz e das viagens de Euclides da Cunha a Canudos e ao Amazonas. Segundo Lima (1999, p. 67): “Este movimento missionário, fortemente associado à expansão da presença do Estado, encontrou como atores sociais, agentes informados pelo cientificismo – quer na posição positivista ortodoxa, quer nas versões heterodoxas e em interpretações evolucionistas de cunho spenceriano.”

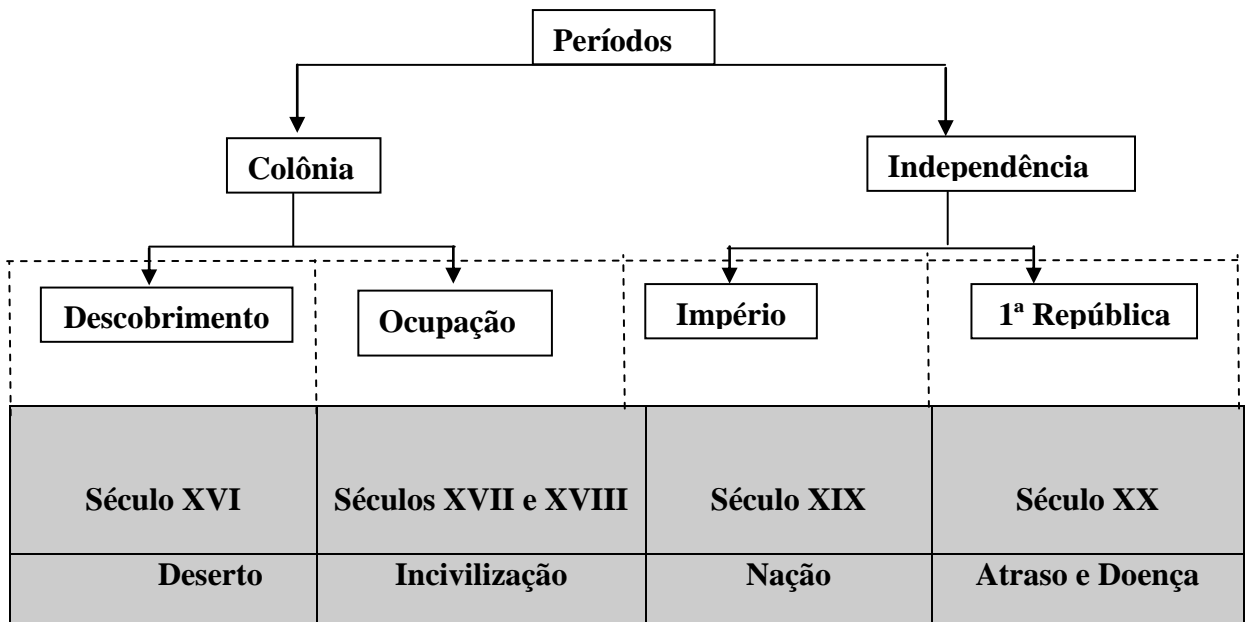
Nesse panorama destacamos as viagens médico-científicas de Arthur Neiva e Belisário Pena ao Norte e Nordeste do Brasil em 1912, por requisição da Inspetoria de Obras contra as Secas, que caracterizam as populações do interior do país com base nas doenças, no isolamento, geográfico e cultural, no analfabetismo, na pobreza e na vocação a regredir. “De

todas as expedições realizadas pelo Instituto Oswaldo Cruz, essa foi a de maior repercussão, nos meios intelectuais, médicos e políticos brasileiros”. (SÁ, 2009, pp. 184-185)

Essas considerações têm em vista destacar o campo de representações do sertão na primeira república. Para Lima (1999), sertão e viagem são termos que se interpenetram nas primeiras décadas republicanas no interior do país. Reinava entre intelectuais o sentimento de estar em uma missão: educar o povo brasileiro e, para isso, utilizavam-se dos meios institucionalizados: escolas, faculdades e jornais. Um exemplo marcante dessa prática é o uso da conferência pública entre letrados brasileiros da virada do século XIX para o século XX, meio utilizado para informar ao público ouvinte sobre assuntos literários e científicos em evidência. Tempo em que ciência e arte estavam em pleno processo de institucionalização no Brasil. (DISCINI DE CAMPOS, 2010)

Em síntese, foram séculos de construção e reconstrução de representações de sertão que, a depender do período e dos acontecimentos sociais, difundiram entre outras ideias as de deserto, incivilização, nação, atraso e doença, que são o reflexo das estratégias de domínio e controle da elite e podem ser notadas até os dias de hoje, tendo em vista a estrutura da região que permanece pobre ao longo da história. (Figura 2)

Figura 2– Momentos históricos e principais idéias associadas ao sertão



Entende-se que a forma como se pensa a realidade material pode perpetuar ou transformar a conformação de desigualdades sociais construídas ao longo da história. Neste ponto, impõe-se a discussão sobre as cidades Petrolina-PE e Juazeiro-BA, como referência do modelo de “desenvolvimento”, considerando a implantação da agricultura irrigada voltada para o mercado internacional. Segundo Elias (2006, p.34), de “imaginário trágico” para “desenvolvimento”, é uma “radical mudança do discurso sobre as possibilidades econômicas do semiárido, notadamente sobre os seus vales úmidos, e dos cerrados do Nordeste, construindo-se um novo imaginário social”.

Em relação à Petrolina - PE e Juazeiro - BA, a existência de mão-de-obra abundante e sol o ano inteiro para garantir a produção agrícola tem sido o discurso contemporâneo (BARROS, COSTA e SAMPAIO, 2004, p. 599). Segundo Sobel e Ortega (2007, p.4): “Há pouco mais de três décadas, este território se apresentava como mais um dentre as diversas zonas de miséria situadas no sertão nordestino.” Agora a região sertaneja é considerada um oásis para o *agribusiness*, cuja prática produtiva difere, e muito, da prática agrícola tradicional. Enquanto a prática agrícola tradicional ou familiar tem técnicas simples de plantio e colheita, o *agribusiness* utiliza a tecnologia de ponta, para atender às medidas de desempenho do modelo capitalista (excedentes, produtividade, lucro, escala de produção). O discurso tecnológico atrai pesquisadores, governo, bancos, órgãos internacionais e empresários, constituindo um quadro que pode tornar a agricultura familiar invisível. Guilhoto, Silveira, Ichiara e Azzoni (2006), mostram que a agricultura familiar além do alto nível de importância social, tem mais importância econômica que o agronegócio para o Brasil. Segundo os autores (p.356):

“o setor agropecuário familiar faz parte da história do Brasil e da própria humanidade. Sua influência foi reduzida ao longo dos séculos devido ao desenvolvimento tecnológico do próprio setor agropecuário e dos outros setores produtivos da economia. Assim, paulatinamente, o termo familiar tem sido associado a passado, atraso e pouca significância.”

Teremos, assim, em um mesmo cenário a “agricultura científica” e a “agricultura tradicional” disputando a gestão das políticas públicas. Nesse quadro de divergência entre os setores, a “agricultura científica” atende a uma minoria organizada e capitalizada, que garante retorno financeiro, oposto à estrutura da “agricultura tradicional”, cuja maioria é desorganizada e descapitalizada, sem garantias de retorno financeiro. O discurso da “agricultura científica” passa a ser hegemônico, em detrimento da importância da “agricultura tradicional” que possui fragilidade de organização para a promoção dos seus interesses, grande número de unidades heterogêneas, diversidade de estratégias produtivas e objetivos difusos. (ELIAS, 2006)

Petrolina-Juazeiro: contextualização

Petrolina localiza-se no extremo sudoeste do Estado de Pernambuco, às margens do rio São Francisco, e era passagem obrigatória de boiadeiros que atravessavam o rio. Essa movimentação propiciou o surgimento de duas cidades, uma em cada margem do rio São Francisco: Petrolina no Estado de Pernambuco e Juazeiro, na Bahia. (Figura 3)

Figura 3- Vista aérea do Rio São Francisco e das cidades de Petrolina e Juazeiro



Fonte: skyscrapercity.com

Em 1862, Petrolina torna-se freguesia, o que implicou prestígio e possibilidade de crescimento. Hoje, Petrolina e Juazeiro formam um grande polo comercial e agroindustrial

impulsionado pela agricultura irrigada para o mercado externo (FONSECA, 2008). Segundo Elias (2006, pp. 32-33):

Se até a década de 1980 o conjunto da agropecuária nordestina permaneceu quase inalterado, a partir de então, se vislumbra a ocupação de novas fronteiras pelo agronegócio globalizado, em alguns lugares específicos dessa região. Estes passam a receber vultosos investimentos de algumas importantes empresas do setor, difundindo-se a agricultura científica.

Segundo Silva (2001), as ações que consolidam a agricultura científica voltada para o mercado externo em Petrolina e Juazeiro podem ser sintetizadas em quatro etapas: primeiros passos da fruticultura irrigada (1950-1975) no Submédio do Vale do São Francisco – SMVSF; a constituição do polo agroindustrial nos municípios Petrolina-PE e Juazeiro-BA e o início da fruticultura (1975 – 1985); a fruticultura e a formação de uma base exportadora no polo Petrolina/Juazeiro (1985 - 1994) e a consolidação do complexo frutícola do polo Petrolina/Juazeiro (1994 – 1999). (Tabela 2).

Instaura-se um ciclo que se irradia no mercado de serviços da região. No tocante a Petrolina-PE, destacam-se o Polo Médico, considerado o segundo do Estado de Pernambuco e a implantação de instituições de ensino público de nível superior, a saber, Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Petrolina – FACAPE, Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF e Universidade do Estado de Pernambuco – UPE. Quanto a Juazeiro-BA, destacam-se a Universidade do Estado da Bahia – UNEB e o mercado financeiro.

Tabela 2 - Síntese do processo de implantação da fruticultura no SMSF

Períodos	Etapas	Fatores determinantes
1950-1975	Primeiros passos da fruticultura irrigada.	Ação do Estado em Infraestrutura. Criação da CVSF, SUVALE e da SUDENE. Empreendimentos pioneiros. Projetos-pilotos de irrigação.
1975-1985	A constituição do polo agroindustrial nos municípios de Petrolina-PE e Juazeiro-BA e o início da fruticultura.	Criação da CODEVASF. Implantação e operação de projetos públicos de irrigação. Instalação de agroindústrias. Empreendimentos pioneiros em vitivinicultura. Instalação dos primeiros projetos de fruticultura para exportação.
1985- 1994	A fruticultura e a formação de uma base exportadora no polo Petrolina/Juazeiro.	Infraestrutura de irrigação. Criação da Valexport. Crise do Estado e do padrão de financiamento. Abertura comercial. Integração com mercados regional e nacional de frutas.
1994 – 1999	Consolidação do complexo frutícola do polo Petrolina/Juazeiro.	Crescimento do mercado interno de frutas frescas. Especialização territorial em fruticultura. Crise de endividamento de grandes empresas. Emergência de novos atores sociais/formas de organização.

Adaptado de Silva (2001)

O processo segue com a estruturação de símbolos da dinâmica capitalista, tais como, *shopping center* (Figura 4), prédios de luxo (Figura 5) e aeroporto (Figuras 6). Basta um passeio no local para constatar nas conversas de moradores o quanto as cidades são ou ficaram “ricas” em função da fruticultura irrigada. Símbolos do modelo capitalista estruturam o discurso destas pessoas, que passam a projetar a cidade “que nada deve em relação às Capitais de referência”, Recife-PE e Salvador-BA.

Figura 4- Símbolos da economia capitalista, Petrolina-PE: River *Shopping*.



Fonte: blogfolha.com

Figura 5 - Símbolos da economia capitalista, Juazeiro-BA: Prédios de luxo na orla.



Fonte: skyscrapercity.com

Figura 6- Símbolos da economia capitalista, Petrolina-PE: Aeroporto Internacional.



Fonte: skyscrapercity.com

Trabalhos acadêmicos fundamentados no modelo desenvolvimentista informam os resultados da implantação da fruticultura irrigada, em Petrolina e Juazeiro, através de indicadores de melhorias, tais como, crescimento econômico, renda, consumo e exportação. Tais indicadores resultam de uma estratégia de “cima para baixo” da política de modernização agrícola do governo militar, que privilegiou excessivamente as “condições físicas locais favoráveis à produção em grande escala da agricultura irrigada, esquecendo-se, em consequência, de proporcionar o mesmo cuidado a outros fatores como, por exemplo, os relacionados à articulação e participação das comunidades locais em torno das políticas adotadas.” (SOBEL e ORTEGA, 2007, p. 5)

O suporte tecnológico da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária –EMBRAPA é fator de fundamental importância para o cenário construído pelas ações do Governo Federal. Em 23 de junho de 1975, por meio da Deliberação 0045/75, foi criado o Centro de Pesquisa Agropecuário do Trópico Semi-Árido – CPATSA, empresa pública vinculada ao Ministério da Agricultura e do Abastecimento, com o objetivo de promover o desenvolvimento rural do Semi-Árido brasileiro. A questão é que qualquer análise que se faça do modelo, que propõe o “desenvolvimento”, ele fica restrito a determinados segmentos da sociedade. Segundo Ramos (2002, pp. 3-4)

Refletindo-se sobre as mudanças no uso agrícola às margens do rio São Francisco, encontramos a constituição de um moderno polo fruticultor irrigado e a inserção cada vez maior da região no comércio internacional de frutas. No entanto, as distintas oportunidades que se dão a colonos, pequenos e médios irrigantes, e grandes empresários agrícolas, têm reforçado as exclusões técnicas e políticas.

Nesta lacuna, encontram-se outros fenômenos a serem discutidos, entre os mais citados estão os excluídos da economia de mercado, o jogo de forças, as relações de trabalho, a indústria da seca, a concentração do poder econômico e político. Segundo dados do Atlas de desenvolvimento humano do Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas – PNUD, no período 1991-2000, em Petrolina:

“A renda per capita média do município cresceu 34,51%, passando de R\$ 149,60 em 1991 para R\$ 201,23 em 2000. A pobreza (...) diminuiu 18,36%, passando de 54,5% em 1991 para 44,5% em 2000. A desigualdade cresceu: o Índice de Gini² passou de 0,63 em 1991 para 0,64 em 2000”.

Na lógica capitalista, a região sertaneja Petrolina/Juazeiro “enriqueceu”, haja vista o

2 Mede o grau de desigualdade existente na distribuição de indivíduos segundo a renda domiciliar per capita. Seu valor varia de 0, quando não há desigualdade (a renda de todos os indivíduos tem o mesmo valor), a 1, quando a desigualdade é máxima (apenas um indivíduo detém toda a renda da sociedade e a renda de todos os outros indivíduos é nula). Fonte: http://www.pnud.org.br/popup/pop.php?id_pop=97

aumento da renda. Se considerarmos que índices como renda per-capita, resultado da divisão entre Produção local e Número de habitantes da região, “são explicações que nos expõem somente à descrição, à constatação ou mesmo a interpretação dos fatos, sem que se procure desvendar os mecanismos sociais que os engendram” (FRANCO, 2004, p.177), temos uma lacuna científica que necessita ser preenchida. Segundo Chauí (2004, p. 13):

...uma teoria exprime, por meio de ideias, uma realidade social e histórica determinada, e o pensador pode ou não estar consciente disso. Quando sabe que suas ideias estão enraizadas na história, pode esperar que elas ajudem a compreender a realidade de onde surgiram. Quando, porém, não percebe a raiz da história de suas idéias e imagina que elas serão verdadeiras para todos os tempos e todos os lugares, corre o risco de estar, simplesmente, produzindo uma ideologia.

Nesta perspectiva, a crítica ao que produz deve ser vista como uma constante que confirma a tese de que todo conhecimento é passível de “polifasia cognitiva”, em outras palavras, “o saber não se desloca do contexto de sua produção, dos interesses e motivos que estão ligados a uma pessoa humana, a uma cultura humana.” (JOVECHELOVITCH, 2004).

Segundo a autora:

Trata-se então de entender a forma que o saber assume enquanto representação e aquilo que expressa enquanto sistema psicossocial firmemente radicado, em um contexto social. Trata-se também de entender como a variabilidade das formas de saber se realiza nas esferas públicas e como ela é tratada. Isso porque enquanto alguns saberes gozam de credenciais epistemológicas plenas, reconhecimento e legitimidade, outros são vistos como distorções, superstição e erro. Resta saber se essa distinção parte de uma característica interna dos saberes ou de determinantes sociais mais amplos que conferem poder a alguns saberes e pelo mesmo movimento desapropriam outros de qualquer reconhecimento. (p.21)

Diante do exposto, esse trabalho fundamentado pela teoria das representações sociais, visa entender a complexidade do cotidiano pensando em opostos, dicotomias e desigualdades sociais. Segundo Arruda (2005, p 231):

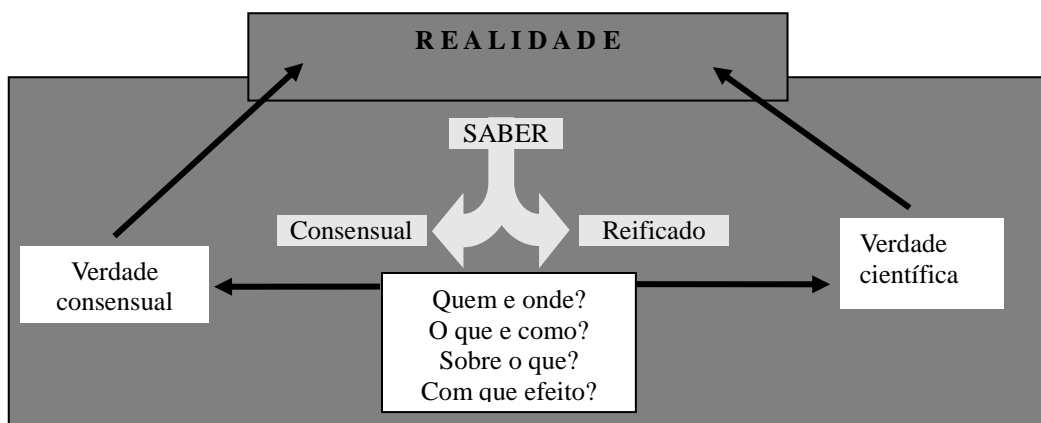
A TRS, como uma antropologia do mundo contemporâneo (Moscovici, 1978), lida com as maneiras como os grupos dão sentido ao real, elaborando-o e explicando-o para si mesmos, para se comunicarem e funcionarem cotidianamente. Trata-se de um pressuposto da teoria, o da construção social da realidade; socialmente erigida e compartilhada, esta se dá em cada espaço social, se faz em códigos sociais, a partir do olhar que tal espaço e a experiência/informação/afetos do sujeito aí posto lhe facultam projetar sobre o objeto representado. A representação social tem pertença. O corolário deste pressuposto é que toda representação é representação de alguém e de alguma coisa (Jodelet, 2000). Isto implica em que os grupos fazem interpretações “legais” do mundo à sua volta, que são as representações sociais, e o/a pesquisador/, como um/a antropólogo/a, as analisa para interpretá-las à luz da ciência...

Essa investigação das representações sociais de Sertão entre moradores das cidades sertanejas Petrolina-PE e Juazeiro-BA e entre estudantes-professores de Licenciatura em História e Geografia, entende que as mudanças da região decorrentes do acelerado desenvolvimento econômico e tecnológico despontam como rico cenário de investigação no campo da psicologia social. “Isto em função de ensejar a exploração da medida em que as transformações políticas, econômicas, tecnológicas, sociais, culturais, deixaram suas marcas no cotidiano das pessoas” (PECORA & SÁ, 2008, p. 319).

O estudo das representações sociais persegue a transformação do pensamento social e os seus desdobramentos segundo o grupo que fala (ARRUDA, 2009). Segundo Jodelet (2001, p.32-33):

três perguntas podem ser formuladas : “Quem sabe e de onde sabe?” , “O que e como sabe?” e “Sobre o que se sabe e com que efeito?” (...) o lugar, a posição social que eles ocupam ou as funções que assumem determinam os conteúdos representacionais e sua organização, por meio da relação ideológica que mantêm com o mundo social (Plon, 1972), as normas institucionais e os modelos ideológicos aos quais obedecem.

Figura 7- Conteúdo das representações sociais



Fonte: Adaptado de Jodelet (2001)

Podemos fazer uma reflexão a partir da Figura 7. Para lidar com a realidade, o sujeito constrói conhecimento. Essa construção pode ser empírica ou científica, “depende da posição social que o sujeito do conhecimento ocupa”. Considerando o poder de legitimação da construção do conhecimento científico, o saber propaga-se como forma de lidar com a realidade. Uma vez aceito como verdade, “consensual” ou “reificada”, concretiza-se em espaço público.

Considerando a reflexão, a legitimação do saber científico produz efeitos, ou seja, “uma vez que posto em debate na esfera pública, torna-se objeto de representação” (ARRUDA 2009) e nesse processo de construção concretiza-se em prática social. Segundo Jodelet (2009, p. 696), “seria reducionista eliminar de nosso exame aquilo que corresponde aos processos pelos quais o sujeito se apropria e constrói suas representações.” Nesse ponto, vale a reflexão do papel do cientificismo na construção do racismo nos séculos XIX e XX (Tabela 3), tendo em vista a legitimação de um ciclo de práticas racistas por renomadas instituições sociais, haja vista o exemplo de uso judiciário.

O Objetivo geral que norteou o desenvolvimento desta tese consistiu em investigar e analisar as representações sociais de sertão entre moradores de Petrolina-PE Juazeiro-BA e estudantes-professores de Licenciatura em História e Geografia em uma instituição de ensino

superior em Petrolina-PE. A proposta apresentada traduz-se nos seguintes objetivos específicos, conforme as modalidades de investigação implicadas no desenvolvimento da tese:

- Identificar e descrever os elementos centrais da representação social de sertão entre jovens e idosos moradores da região sertaneja;
- Identificar e descrever a representação social das cidades de Petrolina-PE e Juazeiro-BA entre jovens e idosos, tendo em vista o princípio da *rationale* de Flament (1996) através da simulação de dois casos hipotéticos: (a) Se não houvesse a fruticultura irrigada? (b) Petrolina e Juazeiro: Ontem e Hoje.
- Identificar e descrever os elementos centrais da representação social de sertão entre estudantes-professores dos cursos de Licenciatura em Geografia e História em uma instituição de ensino superior de Petrolina-PE, considerando a hipótese da polifasia cognitiva.

ESTUDOS

QUADRO GERAL DA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

O quadro geral de organização da tese foi planejado prevendo-se duas etapas, nas quais procuramos eleger estratégias metodológicas que pudessem contribuir para a apreensão dos diversos significados implicados nos processos representacionais vinculados ao objeto sertão. As etapas foram as seguintes: Etapa 1: Representações sociais de sertão entre jovens e idosos – entrevistas com o grupo de jovens (G1) e com o grupo dos idosos (G2) focalizando a os municípios sertanejos Petrolina-PE e Juazeiro-BA, tendo em vista a abordagem estrutural e Etapa 2: Representações sociais de sertão entre estudantes-professores dos cursos de Licenciatura em Geografia e História em uma instituição de ensino superior em Petrolina-PE, tendo em vista a construção do saber reificado.

Os resultados da investigação foram organizados em três estudos, apresentados em forma de artigos, cujo eixo consistiu em refletir sobre os processos psicossociais que caracterizam e constituem o fenômeno da construção social do indivíduo, tendo como aporte teórico-conceitual a Teoria das Representações Sociais de Moscovici (2003), mais especificamente a abordagem estrutural proposta por Abric (2001).

Em seu conjunto os estudos empíricos procuraram contribuir para a explicação de campos de construção das representações sociais de sertão. Cada estudo, em particular, esteve orientado pelos objetivos específicos da tese e forneceu subsídios apropriados à análise dos processos representacionais.

A primeira questão norteadora da pesquisa (Estudo 1: Representações sociais de sertão entre jovens e idosos que moram nas cidades Petrolina-PE e Juazeiro-BA) consistiu em saber se os participantes se entendiam como sertanejos, tendo em vista o contexto em que se inserem: o sertão “desenvolvido” segundo os moldes do capitalismo, que foge ao imaginário

tradicional de sertão “atrasado”. A partir desse cenário, investigamos a estrutura da representação social de sertão dos dois grupos e fizemos a comparação entre os elementos constituintes dos campos representacionais das gerações envolvidas.

O Estudo 2, Representações sociais das cidades de Petrolina-PE e Juazeiro-BA entre jovens e idosos, teve como objetivo conhecer como os integrantes do grupo posicionam-se frente à nova imagem de sertão, haja vista as transformações econômicas, sociais, políticas e culturais das cidades. A questão é que o modelo de desenvolvimento não transforma a realidade da maioria da população, que permanece na pobreza. Como o grupo vê um “desenvolvimento” que reproduz a desigualdade social e cria outras? Quais os mecanismos desse processo que legitima o enriquecimento da minoria? Nesse cenário adota-se a hipótese de condicionalidade de Flament, que distingue “as cognições do núcleo central, que seriam absolutas, e as cognições periféricas, que seriam condicionais.” (SÁ, 1996, p.24)

A investigação do Estudo 3, Representações sociais de sertão entre alunos de Licenciatura em História e Geografia, por sua vez, teve como objetivo apreender o conceito de sertão entre estudantes-professores, considerando a posição social dos sujeitos como detentores e divulgadores do saber científico. A partir dessa abordagem verificamos o princípio da polifasia cognitiva ou da permanência de diferentes formas de conhecimento em um mesmo campo representacional.

Na Tabela 3 são fornecidas informações acerca do desenho metodológico dos estudos, em consonância com os objetivos específicos da tese. São combinações de diferentes métodos, tendo em vista o “aprofundamento e a consistência” da pesquisa. BONOMO (2010, p. 85)

Tabela 3- Sistematização do quadro empírico-metodológico dos estudos

ESTUDOS	PARTICIPANTES	DADOS		
		Instrumento de coleta	Tratamento	Análise
1. Representações sociais de sertão entre jovens e idosos que moram em Petrolina-PE e Juazeiro-BA	60 jovens 60 idosos*	Entrevistas individuais – técnica de associação livre para o termo indutor ‘sertão’ e questão aberta: Como é morar no sertão para você?	1. Quadro de evocações pelo <i>software</i> EVOC-2003	Análise estrutural das representações sociais de sertão
			2. Árvore máxima pelo <i>software</i> SIMI	
3. Categorização e Análise de Conteúdo pelo <i>software</i> TextSTAT – 2003				
2. Representações sociais das cidades Petrolina-PE e Juazeiro-BA entre jovens e idosos.		Entrevistas individuais – simulação 1: ‘se não existisse fruticultura irrigada’	Categorização e Análise de conteúdo pelo <i>software</i> TextSTAT-2003	Análise processual das representações sociais das cidades
	*Apenas entre os idosos	Entrevistas individuais - simulação 2: ‘ontem e hoje de Petrolina e Juazeiro’.		
3. Representações sociais de sertão entre alunos de Licenciatura em História e Geografia	30 alunos de Geografia 30 alunos de História	Entrevistas individuais – técnica de associação livre para o termo indutor ‘sertão’ e questão aberta: o que é sertão?	1. Quadro de evocações pelo <i>software</i> EVOC-2003	Análise estrutural das representações sociais de sertão
			2. Árvore máxima pelo <i>software</i> SIMI	
			3. Categorização e Análise de Conteúdo pelo <i>software</i> TextSTAT - 2003	

ESTUDO 1: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE SERTÃO ENTRE JOVENS E IDOSOS MORADORES DAS CIDADES SERTANEJAS PETROLINA-PE JUAZEIRO-BA¹

Resumo

Este estudo analisa as representações sociais construídas por duas gerações acerca do sertão: jovens entre 18 e 25 anos (Grupo 1 – G1) e idosos a partir dos 60 anos (Grupo 2- G2). Participaram da pesquisa 120 sujeitos, G1 (N=60) e G2 (N=60), amostra intencional considerando-se o critério de saturação de conteúdo. Os dados foram coletados através de uma questão sobre como é morar no sertão, bem como do Teste de associação de palavras para o termo ‘sertão’. Os dados foram tratados através dos *softwares* TextSTAT, EVOC e SIMI, utilizando-se ainda a Análise de Conteúdo orientada pelos temas atraso e desenvolvimento. Os resultados revelaram que para G1 os elementos que caracterizam o sertão são “seca e caatinga” e para G2 “seca, sofrimento, resistência, agricultura, caatinga, fome e carência”. Os resultados permitem concluir que a representação social de sertão pertence ao imaginário trágico, que entende o sertão da seca, flagelo, fome, pobreza e miséria e que Petrolina-PE Juazeiro-BA ‘não é sertão’ porque é o ‘lugar mais rico do Vale do São Francisco’.

Palavras-chave: representações sociais; núcleo central; sertão; Petrolina-PE; Juazeiro-BA.

¹ Artigo elaborado de acordo com as normas do periódico Psicologia & Sociedade.

ABSTRACT

This study analyzes the social representations built by two generations about the interior: between 18 and 25 years (Group 1 - G1) and the elderly from 60 years (Group 2 - G2). The participants were 120 subjects, G1 (N = 60) and G2 (N = 60), intentional sample considering the criterion of saturation content. Data were collected through a question about how to live in the wilderness, as well as Test of Free Association of Words to the term 'wilderness'. The data were processed using the software TextSTAT, EVOC and ACS, using content analysis also guided by the themes and development delay. The results revealed that for G1 elements that characterize the interior are "dry caatinga" and G2 "dry, suffering, endurance, agriculture, savanna, hunger and deprivation." The results indicate that the social representation of wilderness belongs to the "tragic imagination," which means the interior "of drought, plague, famine, poverty and misery" and that Petrolina-PE Juazeiro-BA is "not wild" because it is "richer place Valley San Francisco. "

Keywords: social representations, core, interior, Petrolina-PE; Juazeiro-BA.

O presente artigo trata de uma pesquisa sobre representações sociais de sertão entre jovens e idosos que moram em Petrolina-PE/Juazeiro-BA. Localizada no Sertão do São Francisco, essa região tem sido alvo constante de políticas públicas, que através de vultosos investimentos sai do isolamento e passa a concentrar uma estrutura que lhe confere o título de maior pólo de fruticultura irrigada do país. Segundo Sobel e Ortega (2007, p.4): “há pouco mais de três décadas, este território se apresentava como mais um dentre as diversas zonas de miséria situadas no sertão nordestino.”

Em breve análise, podemos destacar a no índice de pobreza entre os anos 1970 e 2000, para os municípios do Sertão do São Francisco dos Estados de Pernambuco e Bahia. Em 1970, Petrolina tinha 85,7% da população na pobreza, em 2000, essa parcela caiu para 44,5% da população. Uma redução de 41,19%, que representa a maior queda na pobreza entre os municípios do Sertão do São Francisco. Em Juazeiro, por sua vez, a pobreza caiu de 77,5% (1970) para 49,1% (2000), mantendo-se como o município com o menor índice de pobreza do Sertão do São Francisco da Bahia.

Tabela X – Percentual de pessoas pobres na região do Sertão do São Francisco nos Estados de Pernambuco e Bahia – 1970-2000

Localidade	1970 ¹	2000 ²	A-B
PERNAMBUCO	84,19	51,31	32,88
Grupo 1	91,75	64,50	27,24
Petrolina	85,71	44,52	41,19
BAHIA	84,95	55,32	29,63
Grupo 2	91,75	64,50	27,24
Juazeiro	77,46	49,08	28,38

FONTE: IPEA

¹ Percentual de pessoas com renda familiar per capita inferior a 50% do salário mínimo de 01/09/1991

² Percentual de pessoas com renda domiciliar per capita inferior a R\$75,50, equivalentes a 1/2 do salário mínimo vigente em agosto de 2000.

* Exceto Dormentes e Lagoa Grande (PE), Canudos e Sobradinho (BA), tendo em vista a indisponibilidade de dados para o ano de 1970.

Hoje, Petrolina e Juazeiro formam “um grande polo comercial e agroindustrial impulsionado

pela agricultura irrigada” (FONSECA, 2008, p.189), tema de referência em trabalhos científicos, políticos e na mídia. A questão é que, nesse processo, há uma radical mudança da prática agrícola, “que de tradicional passa à agricultura científica e ao agronegócio” (ELIAS, 2006, p.30). Vale ressaltar que esse é um cenário que enseja transformações políticas, econômicas, tecnológicas, sociais e culturais, que deixam marcas no cotidiano das pessoas, em outras palavras, é um rico cenário de investigação em psicologia social. (PECORA e SÁ, 2008, p. 319). Este trabalho, portanto, aborda aspectos do processo de transformação do cotidiano de moradores da região sertaneja, através da investigação da representação social de sertão entre jovens e idosos em Petrolina-PE Juazeiro-BA.

Antes é preciso entender diferentes representações de sertão ao longo da história. Em breves considerações, é um processo que pode ser sintetizado pelas categorias “Atraso” e “Desenvolvimento” (ELIAS, 2006), resultantes dos interesses de dois grupos, a saber: colonizadores e empresários. Para colonizadores, o sertão era um lugar isolado, longe de tudo, de difícil acesso, que precisava ser desbravado. Para os empresários, que vivenciam outra realidade tecnológica, haja vista o progresso nas áreas de transporte e comunicação, o sertão é uma possibilidade de expandir o agronegócio. Segundo Mendes e Padilha Júnior (2007, pp.45-46):

Até hoje, a maioria das pessoas ainda pensa que a agricultura se restringe a arar o solo, plantar a semente, fazer a colheita, ordenhar vacas ou alimentar animais. Esse, na realidade, foi o conceito de agricultura que perdurou até o início da década de 1960. (...) Mais recentemente tem sido utilizado o termo agronegócio. A agricultura é vista como amplo e complexo sistema, que inclui não apenas a atividade dentro da propriedade rural (...) como também, e principalmente, as atividades de distribuição de suprimentos agrícolas (insumos), de armazenamento, de processamento e distribuição de produtos agrícolas.

O Sertão do “atraso”, que porventura imperava na época colonial, passa a levar tinta de Sertão do “desenvolvimento”. Fatores que geram “pobreza” passam a gerar “riqueza”,

dependendo de quem fala. Exemplo disso é o dipolo Petrolina-PE Juazeiro-BA, que após a implantação da agricultura irrigada, voltada ao mercado internacional, tornou-se a região com maior nível de exportação de manga e uva do Brasil. (IBGE, 2003). Segundo Castro (1994, p. 3):

Há (...) duas lógicas na organização do seu território; uma conservadora, que articula a escala local com a regional e a nacional, definindo o espaço econômico e político que garante a organização social e o poder no território com base nos azares climáticos; outra modernizadora, que articula a escala local com a internacional, organizando o espaço a partir de imposições de caráter tecnológico e de mercado, com base nas vantagens climáticas.

Há de se ressaltar que o que se tem feito tem importância em escala local, haja vista o desenvolvimento de uma nova paisagem produtiva, de relações de trabalho baseadas em lei, tecnologia, novas mediações econômicas, novas instituições, grandes investimentos, associações e cooperativas com pequenos produtores, mão-de-obra qualificada, terceirização, mediação financeira de instituições federais e regionais. Em outras palavras, instaura-se o “novo, que provoca rupturas no arcabouço institucional anterior”. (CASTRO, 2003, p. 50)

Entretanto, há, neste contexto, uma nova estrutura que mexe com o imaginário das pessoas que vivem nestas áreas e que podem ser investigadas através da metodologia da teoria das representações sociais, que, segundo Arruda (2002, p. 129) “trabalha o pensamento social em sua dinâmica e em sua diversidade”. O contato com o empírico permite-nos conhecer os opostos, as dicotomias, as desigualdades sociais (FRANCO, 2004, p.179), em outras palavras, investigar as representações sociais é investigar o que os sujeitos que protagonizam a história têm a dizer. Segundo Jodelet (2001, p.32-33) a pesquisa em representações sociais responde a três perguntas básicas: “Quem sabe e de onde sabe?”, “O que e como sabe?” e “Sobre o que se sabe e com que efeito?”

Considerando os propósitos do presente trabalho, optou-se por fundamentá-lo na teoria

psicossocial das representações sociais, que tem em S. Moscovici (1961) seu criador, e, em especial, na abordagem estrutural das representações sociais, proposta por Abric (2000, pp. 27-37). Na perspectiva de estudar coortes geracionais, extraíram-se da abordagem estrutural os seguintes critérios: a) A hipótese da existência do núcleo central, ou seja, “a organização de uma representação social apresenta uma característica específica, a de ser organizada em torno de um núcleo central, constituindo-se em um ou mais elementos, que dão significado à representação”; b) O estudo comparativo das representações, tendo em vista que “para que duas representações sejam diferentes, elas precisam ser organizadas em torno de dois núcleos centrais diferentes”, e por último, c) O teste de centralidade de elementos, segundo o qual “não é a presença maciça de um elemento que define a centralidade, mas sim o fato que ele dá significado à representação.” (ABRIC, 2000, p. 31).

O núcleo central ou sistema central determina a organização da representação social, independente do contexto imediato, é a parcela que resiste às mudanças, ou seja, é rígido e estável. Está ligado a memória coletiva e a história do grupo. Por sua vez, vale ressaltar que a parcela sensível ao contexto imediato é denominada de sistema periférico, que possibilita a adequação a realidade vivida pelo grupo é flexível e evolutivo.

Método

Participantes

Os sujeitos da pesquisa são jovens entre 18 e 25 anos (Grupo 1) e idosos a partir de 60 anos (Grupo 2), seleção etária que se fundamenta na perspectiva de que experimentam os mesmos problemas históricos concretos, na condição de grupos contemporâneos, e que os mais velhos possuem o “registro psicossocial de como era – ou de como as pessoas se lembram de como era - a cidade...” (PECORA e SÁ, 2008, p. 320).

Para a participação na pesquisa foi recrutado um total de 120 sujeitos, divididos em dois grupos de 60, ou seja, G1(N=60) e G2 (N=60), que forneceram dados de escolaridade,

renda familiar, sexo, origem e tempo de moradia. Os idosos foram contatados na reunião da terceira idade, que ocorre todas as quintas-feiras em uma instituição local de assistência. Os jovens, por sua vez, foram contatados em uma universidade da localidade. Foram feitos contatos iniciais com alguns participantes os quais, após entrevista, por solicitação da pesquisadora, indicavam três outros sujeitos a serem entrevistados conforme as necessidades da investigação, caracterizando a técnica ‘bola de neve’ ou *snowball*. (HECKATHORN, 2002)

Em consideração aos princípios éticos, a começar pelo contato com os representantes diretos dos locais de pesquisa, foi solicitado o consentimento de acesso e em contato com os sujeitos o procedimento seguiu com a sequência de apresentação da pesquisadora e da pesquisa, esclarecimentos sobre a liberdade de escolha de participar ou não, desistir a qualquer momento, garantia de anonimato e solicitação de permissão para gravação.

Procedimentos

Foram coletadas evocações ao termo indutor ‘sertão’ e respostas à pergunta aberta sobre ‘como é morar no sertão para você’. Para coletar essas informações foram utilizadas duas técnicas: entrevista e teste de associação de palavras - TAP. Para o TAP, foi solicitado aos sujeitos que fizessem associações ao termo 'sertão' e indicassem o grau de importância dos elementos evocados, ordenando-os numa escala numérica de um a cinco. Antes de iniciar a associação ao termo indutor, foram feitas simulações com outros termos, tais como Futebol, Religião, Violência, visando garantir a compreensão do procedimento.

Organização dos dados

Para organizar os dados objetivando a análise, além do uso da técnica de “categorização” proposta por Bardin (2005), foram utilizados respectivamente, os programas TextSTAT, *Ensemble de Programmes Permettant L'Anayse dès Evoca* – EVOC e o SIMI. O

TextSTAT trabalha com textos dispondo a frequência das palavras e a disposição de contexto em que estão inseridas. O EVOC organiza os dados do TAP por frequência e ordem de evocações, dividindo os elementos em centrais e periféricos em quatro quadrantes, superior esquerdo (núcleo central) para elementos com frequência maior e ordenação menor; superior direito (primeira periferia) para a frequência maior e ordenação maior; inferior direito (segunda periferia), frequência menor e ordenação maior, e finalmente, o quadrante inferior esquerdo (zona de contraste) com frequência menor e ordenação menor. Por fim, o *software* SIMI organiza os elementos por co-ocorrência ou gráfico de árvore máxima, dando visibilidade às relações entre categorias e indicando se são fortes ou fracas. As relações são apresentadas por linhas: pontilhadas, uma, duas e três, que indicam o grau de relação entre palavras co-ocorrentes, ou seja, linhas pontilhadas, fraquíssima relação entre palavras co-ocorrentes, fraca para uma linha, forte para duas linhas e fortíssima para linha tripla (MARTINS, TRINDADE e ALMEIDA, 2003, p. 559).

O TAP resultou em 600 unidades de significado (5 evocações de 120 sujeitos) agrupadas em 15 (quinze) categorias. Segundo Bardin (2005 p.145), “as categorias são rubricas ou classes, que reúnem um grupo de elementos sob um título genérico em razão de características comuns”. (Tabela 1)

Tabela 1 – Categorização das evocações associadas ao sertão (N=120)

Categories	Elementos
Agricultura	agricultura, milho, feijão e roça.
Caatinga	caatinga, mata, algaroba e mandacaru.
Carência	carência, falta recursos, falta escola, falta hospital e falta tudo.
Cultura	cultura, Luiz Gonzaga, forró, vaquejada, bode assado e buchada.
Desenvolvimento	desenvolvimento, progresso e crescimento.
Fome	fome, desnutrição e crianças-desnutridas.
Irrigação	irrigação, Rio São Francisco e fruticultura irrigada.
Pobreza	pobre, pobreza e miséria.
Política	política, governo, prefeito e políticos.
Preconceito	preconceito, estigma e rotulado.
Região	Região, local, região nordestina e região do nordeste.
Resistência	resistência, forte, persistente, perseverante e fé.
Seca	seca, seco, galho seco, terra seca, verão o ano todo, calor e deserto.
Sufrimento	sofrimento, povo sofredor, muita dor, difícil e muita dificuldade.
Solidariedade	solidariedade, pessoal unido, humanidade, povo solidário

Para a categorização, foram consideradas as palavras mais frequentes utilizadas pelos sujeitos entrevistados, tendo em vista a organização do programa TextSTAT. As 15 categorias, portanto, são palavras com alta frequência no discurso dos sujeitos entrevistados e que orientaram o agrupamento de palavras. Vale ressaltar, que também foi feita a análise do contexto dessas palavras, tendo em vista a análise qualitativa. Ressalta-se ainda que foram levados em conta os relatórios dos *softwares* EVOC e SIMI.

Resultados e Discussão

Caracterização dos sujeitos: escolaridade, renda familiar, sexo, origem e tempo de moradia

São 120 sujeitos, 60 jovens, entre 18 e 25 anos, que compõem o Grupo 1 (G1) e 60 idosos, com idade a partir de 60 anos, que compõem o Grupo 2 (G2). Foram solicitados o nível de escolaridade, a renda familiar, sexo, origem e tempo de moradia dos entrevistados. É na escolaridade que se encontra a maior diferenciação, 68,89% dos participantes de G2 se declararam analfabetos e 62,30% dos participantes de G1 declararam possuir o nível superior

incompleto. Em relação à renda familiar, vale ressaltar que 48,21% de G1 e 48,89% de G2 optaram por não declarar e, que salvo essa situação, a maior expressão relativa dos grupos é que 20% de G2 declaram renda familiar acima de 20 salários mínimos (SM), e 26,23% de G1 declaram-se na faixa entre 2 e 4 SM. A distribuição por sexo é equilibrada em G1, 50% feminino e 50% masculino; e não equilibrada em G2, em que há expressiva participação do sexo feminino, com 77,28% do total dos participantes da pesquisa, decorrente da dificuldade de acesso ao sexo masculino, do alto nível de recusa e da baixa participação nas reuniões da terceira idade. Em sua maioria são migrantes ou não nascidos em Petrolina e Juazeiro, G1 – 50,82% e G2 88,46% e apenas, 11,54% de G2 são nativos ou nascidos na região da pesquisa. Em suma, a grande maioria veio de outra região e declara que migrou em busca de melhoria e de oportunidades. Por fim, os participantes de G1 moram na região, em média, há 14 anos e os de G2 há 39 anos. (Tabela 2)

Tabela 2 – Características dos participantes dos grupos

Características	G1 (%)	G2 (%)
Escolaridade		
Analfabetos	0	68,89
1º grau incompleto	0	15,56
1º grau completo	0	2,22
2º grau incompleto	0,00	2,22
2º grau completo	29,51	4,44
Superior incompleto	62,30	0,00
Superior completo	0,00	6,67
Renda familiar		
Não declarada	0	48,89
Acima de 20 SM	3,28	20,00
Entre 10 e 20 SM	4,92	13,33
Entre 4 e 9 SM	13,11	4,44
Entre 2 e 3 SM	26,23	8,89
Entre 0 e 1 SM	52,46	4,44
Sexo (%)		
Feminino	50,0	77,78
Masculino	50,0	22,22
Origem		
Local	49,18	11,54
Migrante	50,82	88,46
Tempo de moradia (média de anos)	14	39

Representações sociais de sertão entre membros de G2: análise do TAP

São elementos centrais da representação social de sertão entre os sujeitos de G2: “seca, sofrimento, resistência, agricultura, caatinga e fome”; primeira periferia: “carência, desenvolvimento, pobreza, cultura e irrigação”; segunda periferia: “solidariedade” e zona de contraste: “região e política”. (Tabela 3).

Tabela 3 – Evocações produzidas pelos participantes do G2

Núcleo Central - Freq. ≥ 12 OME $< 3,00$			1ª Periferia - Freq. < 12 OME $\geq 3,00$		
Palavras	Freq.	O.M.E.	Palavras	Freq.	O.M.E.
Seca	45	2,22	Carência	51	3,51
Sufrimento	27	2,70	Desenvolvimento	22	3,36
Resistência	25	2,96	Pobreza	22	3,46
Agricultura	16	2,88	Cultura	18	3,94
Caatinga	14	2,88	Irrigação	16	3,63
Fome	14	2,57			
Zona de contraste - Freq. < 12 OME $< 3,0$			2ª periferia - Freq. < 12 OME $\geq 3,00$		
Palavra	Freq.	O.M.E.	Palavra	Freq.	O.M.E.
Região	7	2,14	Solidariedade	10	4,20
Política	6	1,33			

Podemos observar que pelo critério de frequência, “seca” e “carência” são os elementos mais expressivos dessa representação social. Entretanto, pela organização do EVOC, “seca” é possível elemento do núcleo central de G2 e “carência” é possível elemento do sistema periférico. Segundo Abric (2000, p. 31):

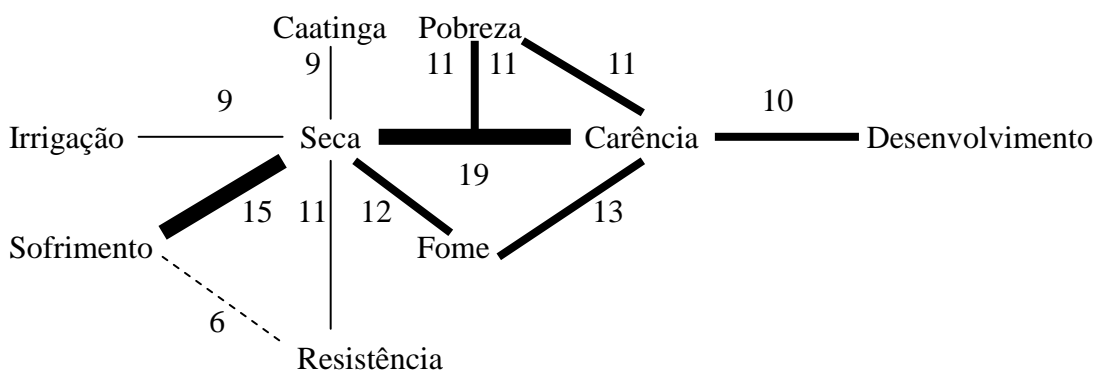
“Não é a presença maciça de elemento que define sua centralidade, mas sim o fato que ele dá significado à representação. Pode-se, perfeitamente, identificar dois elementos, dos quais a importância quantitativa é idêntica e muito forte, que aparecem, por exemplo, muito frequentemente no discurso dos sujeitos, mas, um pode ser central e o outro não”.

Representações sociais de sertão entre membros de G2: análise de co-ocorrência

Pécora e Sá (2008, p. 322) afirmam que “alguns elementos da primeira periferia, quadrante superior direito, considerando as altas frequências com que foram evocados, podem ser considerados centrais, na medida em que apresentem, por algum outro critério, como o da

conexidade, uma nítida afinidade com elementos do quadrante superior esquerdo”. Neste sentido, lança-se a hipótese de que, no presente caso, talvez “carência” possa ser um destes elementos. A análise da conexidade dos elementos evocados, sintetizada na árvore máxima apresentada na Figura 8, parece fornecer apoio a essa hipótese. (Figura 1)

Figura 1 – Árvore máxima das evocações dos participantes do G2



Como é possível verificar, dois elementos possuem a característica de centralidade em relação aos elementos, “seca” e “carência”. Carência, portanto, passa a ser supostamente central na representação social de sertão de G2. Em função da observância deste critério de centralidade – conexidade – passam a ser sete e não seis os elementos centrais da representação de sertão entre idosos: “seca, sofrimento, resistência, agricultura, caatinga, fome e carência”. Vale ressaltar que agricultura não está na figura tendo em vista que o termo “agricultura” não apresentou co-ocorrência com outros termos evocados.

Por sua vez, os elementos de primeira periferia sem “carência” passam a ser “desenvolvimento, pobreza, cultura e irrigação”. Segundo Abric (op. cit., p. 32), “os elementos periféricos constituem a interface com o núcleo central e a situação concreta na qual a representação é elaborada ou colocada em funcionamento”. Podemos constatar tais fatos, na árvore máxima, onde “desenvolvimento e irrigação” não são elementos centrais, mas estão presentes na organização estrutural da representação social de sertão.

Representação social de sertão entre membros de G1: análise do TAP

Entre os sujeitos do G1, os elementos “seca e caatinga”, localizados no quadrante superior esquerdo, são possivelmente os elementos que compõem o núcleo central; “resistência, cultura, pobreza, desenvolvimento e sofrimento”, no quadrante superior direito, compõem a primeira periferia do sistema periférico; “carência, irrigação, solidariedade, preconceito”, quadrante de segunda periferia e “fome e região” compõem a zona de contraste.

(Tabela 4)

Tabela 4 – Evocações produzidas pelos participantes do G1

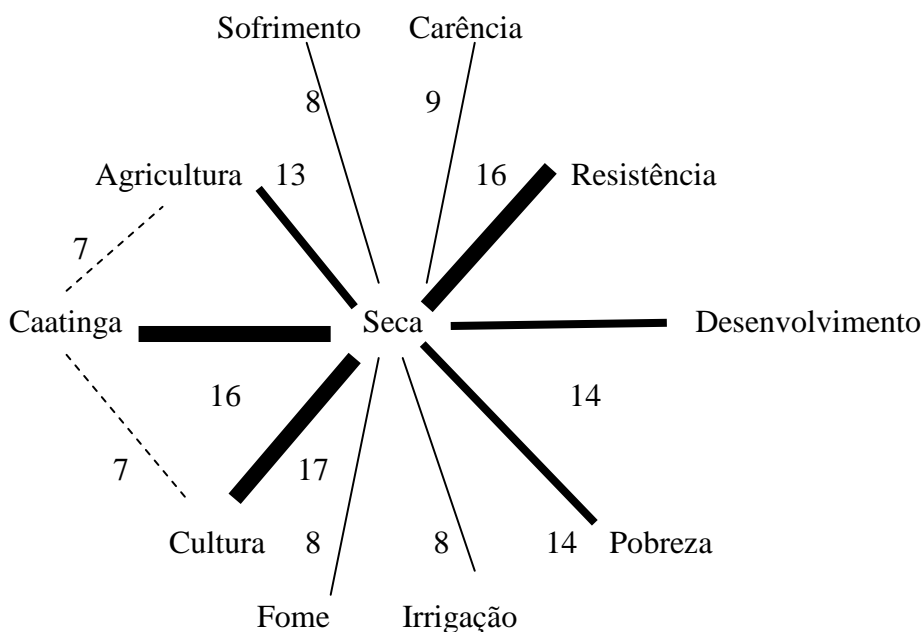
Núcleo Central – Freq. ≥ 12 OME $< 3,00$			1ª Periferia - Freq. < 12 OME $\geq 3,00$		
Palavra	Freq.	O.M.E	Palavra	Freq.	O.M.E.
Seca	79	2,54	Resistência	43	3,33
Caatinga	21	2,81	Cultura	29	3,17
			Pobreza	26	3,04
			Desenvolvimento	19	3,32
			Sufrimento	12	3,17
Zona de contraste – Freq. < 12 OME $< 2,5$			2ª Periferia – Freq. < 12 OME $\geq 3,00$		
Palavra	Freq.	O.M.E	Palavra	Freq.	O.M.E.
Fome	9	2,89	Carência	11	3,27
Região	5	2,20	Irrigação	11	3,18
			Solidariedade	6	3,83
			Preconceito	5	3,00

Pelo critério de frequência, “seca” é o elemento mais expressivo na representação social de sertão entre os membros de G1. Em segundo, “resistência” com frequência bem abaixo do elemento “seca”, mas na segunda colocação. Esta constatação indica a necessidade do teste de centralidade, ou seja, o teste de co-ocorrência dos elementos que compõem a estrutura da representação.

Representação social de sertão entre membros de G1: análise de co-ocorrência

A árvore máxima corrobora a centralidade dos elementos “seca e caatinga” na representação social de sertão entre jovens, sem que haja modificações na estrutura organizacional demonstrada na Figura 2.

Figura 2 – Árvore máxima das evocações dos participantes do G1



É possível identificar que “seca e caatinga” como elementos centralizadores por co-ocorrência de elementos. Seca co-ocorre com 10 elementos, com fortíssima co-ocorrência com ‘caatinga’, ‘cultura’ e ‘resistência’; forte co-ocorrência com ‘desenvolvimento’; fraca, com ‘fome’, ‘irrigação’, ‘sofrimento’ e ‘carência’. Caatinga, por sua vez, é elemento central por apresentar co-ocorrência fortíssima com o elemento “seca” e co-ocorrer com “agricultura” e “cultura” de maneira fraquíssima.

Quanto à diferença da estrutura de representação social de sertão entre G1 e G2, vale lembrar que segundo a abordagem estrutural das representações sociais, aqui privilegiada, as representações de dois ou mais conjuntos sociais acerca de um mesmo objeto só podem ser consideradas diferentes se as composições dos respectivos núcleos centrais forem nitidamente diferentes (ABRIC,2000). Se isto não se verifica, há que se concluir que se trata da mesma representação social básica, apenas diversamente ativada em função das situações específicas em que se encontram os diferentes grupos de sujeitos. Nesse sentido, os resultados da presente

pesquisa evidenciam a existência de uma representação única de “Sertão”, visto que a organização e análise dos dados indicam a existência de um mesmo elemento significativo, seca, para os dois grupos investigados.

Representação social de sertão: análise de conteúdo

A análise de conteúdo foi dividida em essencial e circunstancial, fundamentada no princípio da *rationale* de Flament (citado por Sá, 1996, p. 27): que "os sujeitos tendem a destacar o essencial (núcleo central) em relação ao circunstancial (periféricos) quando respondem à pergunta.", que no caso foi ‘como é morar no sertão para você?’. Nessa perspectiva, foram classificados como essenciais os elementos que indicam o sentido de sertão “pobre” e em circunstanciais aqueles que indicam o sentido de “desenvolvido”. Na temática essencial, foram encontradas 9 categorias: “Lugar carente”; “Seca, caatinga”; “Resistência”; “Tranquilo”; “Lugar isolado”; “Fome, pobreza, miséria”; “Sofrimento”; “Região do nordeste” e “Política”. Na temática circunstancial foram identificadas 6 categorias: “Aqui não é sertão”; “Lá é sertão, aqui não ”, “Aqui é bom, amo, gosto”; “ Não é só pobreza”, “Crescimento, desenvolvimento” e “Não tinha, hoje tem”.

Considerando o resultado da participação relativa das categorias essenciais e circunstanciais, verifica-se que os sujeitos, ao responder como é morar no sertão, tendem a destacar as categorias essenciais, G1 = 62,02% e G2 = 52,14%, em relação às circunstanciais, G1 = 37,98% e G2 = 47,86%. (Tabela 8)

Tabela 5 – Categorias de respostas fornecidas pelos participantes à pergunta ‘Como é morar no sertão para você?’, considerando-se respostas múltiplas.

Variáveis	Categorias	Freq. Absoluta			Freq. Relativa (%)		
		Total	G1	G2	Total	G1	G2
Essenciais	1. Lugar carente	24	18	6	9,76	13,95	5,13
	2. Seca, caatinga	43	25	18	17,48	19,38	15,38
	3. Resistência	19	7	12	7,72	5,43	10,26
	4. Tranquilo	3	3	0	1,22	2,33	0,00
	5. Lugar isolado	8	5	3	3,25	3,88	2,56
	6. Fome, pobreza, miséria	18	8	10	7,32	6,20	8,55
	7. Sofrimento	15	5	10	6,10	3,88	8,55
	8. Região do Nordeste	7	6	1	2,85	4,65	0,85
	9. Política	4	3	1	1,63	2,33	0,85
Circunstanciais	1. Aqui não é sertão	16	9	7	6,50	6,98	5,98
	2. Lá é sertão, aqui não	14	6	8	5,69	4,65	6,84
	3. Aqui é bom, amo, gosto	29	8	21	11,79	6,20	17,95
	4. Não é só pobreza	17	13	4	6,91	10,08	3,42
	5. Crescimento, desenvolvimento	21	13	8	8,54	10,08	6,84
	6. Não tinha, hoje tem	8	0	8	3,25	0,00	6,84
Total de respostas incluídas nas categorias essenciais		141	80	61	57,32	62,02	52,14
Total de respostas incluídas nas categorias circunstanciais		105	49	56	42,68	37,98	47,86
TOTAL GERAL DE RESPOSTAS		246	129	117	100,0	100,0	100,0

É importante salientar que a questão não é classificar elementos do discurso em centrais e/ou periféricos. O que se pretende é identificar a complexidade desse funcionamento, ou seja, as contradições. Daí a separação entre o que parece ser essencial e o que parece ser circunstancial, imbricados nos discursos dos sujeitos. É dessa maneira, que se pretende dialogar com o pensamento social de Sertão em uma região sertaneja cuja estrutura propicia o pensamento social de “desenvolvimento” em um cenário de “pobreza”. Ressalta-se também que o local de pesquisa, é sertão, mas é estruturado no modelo de produção capitalista em escala internacional, denominado Polo de Desenvolvimento por órgãos de fomento como o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES.

Podemos verificar que a representação social de morar no sertão entre os grupos investigados é composta por categorias essenciais (57,32%) e que as transformações da região não ocorreram de forma imperceptível, tendo em vista a significativa participação das

categorias circunstanciais (42,68%), impacto que pode ser observado através do critério de importância relativa considerando-se o resultado total. No resultado total verifica-se a imbricação de categorias essencial- circunstancial, haja vista que sertão é “Seca, caatinga” (17,48%), “Aqui é bom, amo, gosto” (11,79%), “Lugar carente” (9,76%), “Crescimento, desenvolvimento” (8,54%), “Resistência” (7,72%), “Não é só pobreza” (6,91%), “Aqui não é sertão” (6,5%). Assim sendo, é possível que as transformações da região tenham impactado o discurso dos grupos investigados. Segundo Abric (2000, p. 27), “toda realidade é representada, quer dizer, reapropriada pelo indivíduo ou pelo grupo, reconstruída no seu sistema cognitivo, integrada no seu sistema de valores, dependente de sua história e do contexto social e ideológico que o cerca”. Em outras palavras, o fato de estarem em uma região tida como “desenvolvida”, para padrões de sertão, impacta o discurso do grupo (indivíduos que moram na região sertaneja Petrolina-PE Juazeiro-BA).

A seguir destacamos um jovem e um idoso falando de sertão através do elemento “carência”; ancorado em “não é só pobreza” e “sofrimento” ou o sertão de que ouviu falar e o sertão vivido. Segundo Sá (2007, p.294) é preciso levar em conta que “Fontes amplamente socializadas, os manuais de história e os registros proporcionados pela comunicação de massa têm sido responsáveis pela transformação dos fatos não vividos em memórias comuns, notadamente geracionais, e coletivas”. De maneira que, na pesquisa em questão, entendemos que os idosos se referem a fatos vividos e os jovens ao que foi aprendido. (Tabela 6)

Tabela 6 - Como é morar no sertão: exemplo de um jovem e de um idoso moradores de Petrolina.

Grupos	Discursos
Jovem: Não é só pobreza, Carência	“- Quando fala sertão, na minha mente o que vem logo é pobreza. Eu acho que várias pessoas têm isso na mente, porque a gente já relaciona sertão ser uma região muito pobre, a gente já relaciona a subdesenvolvimento, a escassez de tudo, de infraestrutura, de educação, de saúde das pessoas, de pessoas muito pobres, que é miséria, é mesmo fome, a gente relaciona a isso. Só que a gente não imagina que é assim, quando vim para cá, para Petrolina, uma estrutura dessa, já mudei minha concepção, porque eu sei que é uma área desenvolvida, muito, e eu mesmo mudei um pouco, e eu sei que tem outros sertões que não são pobres, então a gente imagina.”
Idoso: Carência, Sofrimento	“- A vida no Sertão era muito difícil, muito sofrida. De primeiro num tinha transporte, o 'caba' andava descalço ou no lombo de animal... não tinha médico, eu mesmo arranquei um dente cru, sem anestesia e o médico passou uma lista de remédio que não tinha mais tamanho...nós nem salário não tinha, o dinheiro não dava para pagar... Água...era de cacimba de degrau para poder tirar a água, de quinze metro, carregava nuns copinho. E quando era época de seca, a água sumia.Era difícil.”

Análise das categorias essenciais

“Seca, caatinga” é o elemento mais expressivo, com 30,50% do total das categorias essenciais. Na participação relativa decrescente, temos “Lugar carente” (22,50%) para G1 e “Resistência” (19,67%) para G2. Segue “Fome, pobreza, miséria” para G1 (10%) e G2 (16,39%) juntamente com “Sofrimento”. Pelo exposto, a representação social de sertão encontra-se na dependência da história de quem fala, sertão é o imaginário trágico para os dois grupos, sendo que G1 ouviu falar, mas “nunca viu isso” e G2 fala do que vivenciou antes do “desenvolvimento” e que “hoje não é mais assim”. (Tabela 7)

Tabela 7 - Frequência absoluta e relativa das categorias essenciais considerando-se respostas múltiplas.

Categorias essenciais	Frequência Absoluta			Frequência Relativa		
	Total	G1	G2	Total	G1	G2
1. Lugar carente	24	18	6	17,02	22,50	9,84
2.Seca, caatinga	43	25	18	30,50	31,25	29,51
3. Resistência	19	7	12	13,48	8,75	19,67
4. Tranquilo	3	3	0	2,13	3,75	0,00
5. Lugar isolado	8	5	3	5,67	6,25	4,92
6.Fome, pobreza, miséria	18	8	10	12,77	10,00	16,39
7. Sofrimento	15	5	10	10,64	6,25	16,39
8. Uma região do nordeste	7	6	1	4,96	7,50	1,64
9. Esquecido pelo governo	4	3	1	2,84	3,75	1,64
TOTAL	141	80	61	100,0	100,0	100,0

Análise das categorias circunstanciais

Tendo em vista as categorias circunstanciais e o critério de análise hierárquica decrescente, a realidade em que vivem os participantes é representada de acordo com o seguinte conteúdo: “Aqui é bom, eu gosto” (27,62%) é “Crescimento, desenvolvimento” (20%), “Não é só pobreza” (16,19%), “Aqui não é sertão” (15,24%), “Lá é sertão, aqui não” (13,33%) e “Não tinha, hoje tem” (7,62%) (Tabela 8)

Tabela 8 – Frequência relativa e absoluta das categorias circunstanciais considerando-se respostas múltiplas.

Categorias circunstanciais	Frequência Absoluta			Frequência Relativa		
	Total	G1	G2	Total	G1	G2
1. Aqui não é sertão	16	9	7	15,24	18,37	12,50
2. Lá é sertão, aqui não	14	6	8	13,33	12,24	14,29
3. Aqui é bom, amo, gosto	29	8	21	27,62	16,33	37,50
4. Não é só pobreza	17	13	4	16,19	26,53	7,14
5. Crescimento, desenvolvimento	21	13	8	20,00	26,53	14,29
6. Não tinha, hoje tem	8	0	8	7,62	0,00	14,29
TOTAL	105	49	56	100,0	100,0	100,0

A afetividade, “Aqui é bom, amo, gosto”, é mais expressiva para G2 (37,50%) do que para G1 (16,33%). O discurso de G1 é norteado pelas categorias “Não é só pobreza” e “Crescimento, desenvolvimento” (26,53%). O discurso de G2 é por “Lá é sertão, aqui não”, “Crescimento, desenvolvimento” e “Não tinha, hoje tem” (14,29%). Em se tratando de “Aqui não é sertão” e “Lá é sertão, aqui não”, a posição hierárquica é a mesma para as duas gerações G1 e G2.

Entende-se que este resultado possivelmente se encontra articulado com a identidade social do grupo, visto que os participantes são moradores de uma região sertaneja que se considerada na perspectiva do modelo econômico capitalista é rica, mas na perspectiva da distribuição social da riqueza, é pobre, pois a maioria da população permanece na pobreza. No conflito entre região rica e pobre, a afetividade funciona como mecanismo de equilíbrio sociocognitivo dos participantes.

Conclusão

Este estudo mostrou que a análise das evocações livres de palavras conduziu à caracterização dos elementos constituintes da estrutura da representação social do sertão entre jovens e idosos que moram na região sertaneja Petrolina-PE Juazeiro-BA evidenciado pelas palavras *agricultura, caatinga, carência, cultura, desenvolvimento, fome, irrigação, pobreza, política, preconceito, região, resistência, seca, sofrimento e solidariedade*. A comparação entre as representações de sertão dos grupos evidencia diferenças sutis que não permitem afirmar a existência de representações diferentes em função da situação geracional. Observou-se uma representação que reproduz o sertão do imaginário trágico para os grupos, o sertão da seca e da pobreza. Evidências corroboradas por dois outros instrumentos utilizados na organização e análise dos dados, o teste de centralidade e a análise de conteúdo temática.

Os idosos ressaltam as experiências, revelando dificuldades vivenciadas. Os jovens ressaltam o que ouviram falar, revelando o que foi aprendido e não vivenciado. Para os grupos, o local em que moram não pode ser considerado como sertão, porque não é seco e pobre. Pode-se supor que o discurso dos participantes da pesquisa é impactado pelo crescimento econômico do local, tendo em vista a implantação da fruticultura irrigada ligada ao comércio exterior, que projeta o local como a parcela mais rica do sertão pernambucano e baiano.

A questão é que a legitimação desse contexto é ideológica, porque quem enriquece é a região, na perspectiva de acumulação de capital. A logística para atender a produção e o escoamento da fruticultura irrigada é exemplo marcante desse modelo, são canais de irrigação, estradas que ligam a região as capitais, aeroporto internacional, órgãos governamentais no fomento da agricultura científica e o mercado financeiro com a disponibilização de crédito aos empresários do segmento. Um ciclo que faz crescer o Produto Interno Bruto dos municípios de Petrolina-PE e Juazeiro-BA acima da média dos municípios

do entorno.

Os resultados evidenciam que para os participantes o local em que moram parece uma capital e que por isso não pode ser considerado como sertão. Nessa perspectiva, o desenvolvimento alcançado ancora-se na pobreza do sertão que se tem em mente e não se visualiza a reprodução das desigualdades sociais de um modelo de desenvolvimento econômico. Tendo em vista que esse processo envolve a aplicação de recursos públicos, entendemos que ainda há muito a ser pesquisado. Não tem como negar o avanço da região, mas é preciso refletir sobre a concomitante produção de riqueza e exclusão social.

Referências Bibliográficas

Abric, J-C. (2000). A abordagem estrutural das representações sociais. Em A. S. Moreira & P. Oliveira, D. C (Org.). *Estudos interdisciplinares em representações sociais* (pp. 27-37). 2 ed. Goiana: AB.

Arruda, A (2002). Teoria das representações sociais e teoria de gênero. *Cadernos de Pesquisa*, n 117, p.127-147, novembro /2002.

Bardin, L. (2005) *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Castro, I. E. (2003). Instituições e cidadania. *Macator – Revista de Geografia da UFC*, ano 2, n.3.

_____ (1994). Da seca como tragédia a seca como recurso, velhos e novos discursos, velhos e novos territórios. *Anuário do Instituto de Geociências-IGEO-UFRJ*. V17. pp1-13.

Elias, D. (2006). Ensaio sobre os espaços agrícolas de exclusão. *Revista NERA*, ano 9, n. 8, pp. 29-51

Fonseca, H. (2008) *Pernambucânia: o que há nos nomes das nossas cidades*. 2 ed. Recife: CEPE-FUNDARTE.

Franco, M. L. P. B. (2004) Representações sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência. *Caderno de Pesquisa*, v.34, n.121, p-169-186,

Heckathorn, D.D. (2002). "Respondent-Driven Sampling II: Deriving Valid Estimates from Chain-Referral Samples of Hidden Populations". *Social Problems*. 49: 11-34.

Jodelet, D.(2001). *As representações sociais*. Ed. UERJ, Rio de Janeiro

Martins, P. O.; Trindade, Z. A.; Almeida, A. M. O. (2003) O ter e o ser: representações sociais da adolescência entre adolescentes de inserção urbana e rural. *Psicol. Reflex. Crit*, Porto Alegre, v. 16, n. 3.

Mendes, J.T.G.; Padilha Júnior, J. B. (2007) *Agronegócio: uma abordagem econômica*, São Paulo: Pearson Prentice Hall.

Pecora, A.R. E Sá, C.P. (2008) Memórias e Representações Sociais da Cidade de Cuiabá, ao Longo de Três Gerações. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 21, n.2,

Sá, C. P. (1996) Representações sociais: teoria e pesquisa do núcleo central. *Temas em Psicologia*, nº. 3,

_____ (2007) Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20 (2), 290-295,

Sobel, T. F. & Ortega, A. C. (2007) *XLV Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER)*, Londrina. Anais. Evolução e situação atual do Pólo Petrolina - Juazeiro: uma análise a partir dos indicadores sócio-econômicos.

ESTUDO 2: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA REGIÃO SERTANEJA PETROLINA/PE- JUAZEIRO-BA ¹

Resumo

Este estudo teve o objetivo de identificar as representações sociais da região sertaneja Petrolina-PE/Juazeiro-BA, região mais desenvolvida do Sertão dos estados de Pernambuco e Bahia, resultado da implantação da fruticultura irrigada. Participaram da pesquisa 120 sujeitos, entre 18 e 25 anos (N=60) e a partir de 60 anos (N=60), amostra intencional e orientada pela “técnica de saturação”. Os dados pessoais dos participantes e as respostas à simulação de duas situações: 'Se não existisse fruticultura irrigada' e ' Ontem e Hoje de Petrolina e Juazeiro', foram organizados com o auxílio dos *softwares* Excel e TextSTAT e da técnica de análise de conteúdo categorial. Podemos verificar que os grupos investigados relacionam as mudanças na região à implantação da fruticultura irrigada. Para os participantes jovens, caso não existisse a fruticultura irrigada, a região não seria desenvolvida e as cidades seriam pobres, enquanto para os idosos a região não seria desenvolvida e a vida seria difícil. Conclui-se que o desenvolvimento das referidas cidades tem forte impacto sobre a representação social dos participantes, representação esta que contribui para tornar invisível a situação de pobreza que afeta a maioria da população. Entendemos que o modelo é viável para promover o desenvolvimento regional, haja vista o exemplo da região sertaneja Petrolina Juazeiro, mas reproduz um ciclo vicioso de desigualdade social. Para avançar, devemos repensar a fragmentação das ciências econômicas e das ciências sociais, fragmentação que contribui para ocultar a indivisibilidade socioeconômica que funciona no cotidiano.

Palavras-chave: Representações Sociais, Sertão, Desenvolvimento Econômico, Petrolina, Juazeiro

¹ Artigo elaborado de acordo com as normas do periódico Psicologia & Sociedade.

Abstract

This study aimed to identify the social representations of the cities of Petrolina, Pernambuco, Bahia and Juazeiro, most developed region of the Hinterland of the states of Pernambuco and Bahia, as a result of the implementation of irrigated horticulture. The participants were 120 subjects between 18 and 25 years (N = 60) and from 60 years (N = 60), and guided by purposeful sampling "saturation". The personal data of participants and the responses to the simulation of two scenarios: 'If it were not irrigated fruit' and 'Yesterday and Today of Petrolina and Juazeiro' were organized with the help of software and Excel TextSTAT and technical analysis of categorical content . We can verify that the groups investigated the changes in the region relate to the implementation of irrigated horticulture. For youth participants, if not for the irrigated horticulture, the region would not be developed and cities were poor, while the region for the elderly would not be developed and life would be difficult. It is concluded that the development of these cities has a strong impact on the social representation of participants, representing that this contributes to making invisible the poverty that affects the majority of the population. We understand that the model is viable in regional development perspective, considering the example of Petrolina Juazeiro hinterland region, but plays a vicious cycle of social inequality. To advance, we can rethink the fragmentation of science in economics and social sciences, in other words, socioeconomic indivisibility that works in daily life.

Keywords: Social Representations, wilderness, Economic Development, Petrolina, Juazeiro

De região isolada e assolada pela seca e seus efeitos, tais como, atraso e pobreza, a região sertaneja de Petrolina-Juazeiro passou a polo de irrigação mais desenvolvido do Vale do São Francisco (MDA, 2010). O processo foi iniciado na segunda metade da década de 1960, com a concentração de investimentos federais para a criação de infraestrutura de irrigação e geração de energia elétrica, e consolidou-se nas décadas de 1980 e 1990 com a liderança do setor privado, através da organização de empresários motivada “pela necessidade de competição nos mercados nacionais e internacionais, que passaram a pressionar o Governo pela ampliação da infraestrutura”. Ação que resultou em um ciclo de riqueza sob a égide capitalista de produção, entendida como crescimento econômico, geração de emprego e renda. (CODEVASF, 2010).

Para pensar na radical mudança que ocorreu em Petrolina e Juazeiro, é preciso pensar como aconteceu a transformação da região. São quatro fases de gradativa concentração de capital. Primeira, entre 1950-1975, fase de implantação da infraestrutura voltada à atividade da fruticultura irrigada. Segunda, entre 1975-1985, fase da constituição da agroindústria. Terceira, 1985-1994, fase de formação da base exportadora. E finalmente a quarta, entre 1994-1999, fase de consolidação do complexo frutícola. (SILVA, 2001)

Instaura-se, assim, um ciclo de crescimento da dinâmica capitalista, oposto ao pensamento social de sertão “atrasado” e passa-se a um possível pensamento social de sertão “desenvolvido”, o que nos incitou a investigar como se constrói e reconstrói o pensamento social de “desenvolvimento” na região sertaneja Petrolina-Juazeiro entre jovens e idosos que moram na localidade Petrolina. Segundo Souza e Ramos (2010, p. 9), “a convergência de todas essas ações resultou no que pode ser considerado como uma revolução verde, pelo grande impacto que se verificou na Caatinga”. Vale ressaltar que qualquer análise do modelo que propõe o “desenvolvimento” evidencia que o modelo fica restrito a determinados segmentos da sociedade e exclui a grande maioria. Segundo Ramos (2002 pp. 3-4):

Refletindo-se sobre as mudanças no uso agrícola às margens do rio São Francisco, encontramos a constituição de um moderno pólo fruticultor irrigado e a inserção cada vez maior da região no comércio internacional de frutas. No entanto, as distintas oportunidades que se dá a colonos, pequenos e médios irrigantes, e grandes empresários agrícolas, têm reforçado as exclusões técnicas e políticas.

Em síntese, seguindo os critérios da teoria econômica, parece não haver dúvidas de que a região melhorou (MARICATO, 2011; ORTEGA e SOBEL, 2010; ROCHA & BURSZTYN, 2008; SILVA, 2007; SOBEL & ORTEGA, 2007; VITAL, MOLLER, FAVERO, SAMPAIO & SILVA, 2011), entretanto, a desigualdade mostra que a realidade é mais complexa. Em outras palavras, nessa perspectiva não podemos visualizar a complexidade da realidade ou do processo histórico-social que reproduz a desigualdade social e cria outras. Segundo Ortega & Sobel (2010, p. 93):

... assim como ocorrera com outras políticas públicas implementadas durante o regime militar, em sua atuação no pólo, o foco dos investimentos públicos foi a geração de condições físicas e locais favoráveis à produção em grande escala da agricultura irrigada, em um claro exemplo de planejamento centralizado, sem uma ampla e democrática participação das comunidades locais.

A presente investigação, interessada em conhecer a dinâmica da implantação da fruticultura irrigada apoiada no modelo de desenvolvimento econômico capitalista de produção, fundamenta-se na Teoria das Representações Sociais, que propicia a visualização da dinâmica da realidade. Segundo Arruda (2005, p. 231):

A TRS, como uma antropologia do mundo contemporâneo (Moscovici, 1978), lida com as maneiras como os grupos dão sentido ao real, elaborando-o e explicando-o para si mesmos, para se comunicarem e funcionarem cotidianamente. Trata-se de um pressuposto da teoria, o da construção social da realidade; socialmente erigida e compartilhada, esta se dá em cada espaço social, se faz em códigos sociais, a partir do olhar que tal espaço e a experiência/informação/afetos do sujeito aí posto lhe facultam projetar sobre o objeto representado.

Assim, este trabalho se propôs a descrever a representação social de sertão entre

jovens e idosos que moram na localidade a respeito do “desenvolvimento econômico” da região sertaneja Petrolina - PE Juazeiro – BA. Orientando-se pela hipótese de que a representação social de sertão dos moradores de Petrolina-PE é estruturada pelas temáticas do “atraso” e do “desenvolvimento”.

Método

Participantes

Participaram da pesquisa 120 sujeitos, divididos em dois grupos: Grupo 1 (N=60), com idade entre 18 e 25 anos e Grupo 2 (N=60), a partir dos 60 anos, que moram em Petrolina-PE, rico cenário de investigação no campo da psicologia social em decorrência das transformações do local, que passou da agricultura familiar para a prática da fruticultura irrigada voltada ao comércio exterior.

Procedimentos de coleta de dados

A coleta de dados, que ocorreu de março a julho de 2009, foi realizada através da utilização de duas simulações hipotéticas em relação à região de moradia do grupo: Situação 1 (S1) - “Petrolina (PE) e Juazeiro (BA) sem fruticultura irrigada”, aplicada aos dois grupos, G1 e G2, e Situação 2 (S2) - “Petrolina (PE) Juazeiro (BA): ontem e hoje”, aplicada ao G2, tendo em vista o que foi vivido pela geração de idosos.

Os participantes do G2 foram contatados na reunião da terceira idade, que ocorre todas as quintas-feiras em uma instituição local de assistência. Os jovens, por sua vez, foram contatados em uma universidade da localidade. Em ambos os casos, foram feitos contatos iniciais com alguns participantes os quais, após a entrevista, e por solicitação da pesquisadora, indicavam três outros sujeitos a serem entrevistados conforme as necessidades da investigação, caracterizando a técnica ‘bola de neve’ ou *snowball*. (HECKATHORN, 2002). Em obediência aos princípios éticos, foi solicitado o consentimento de acesso ao local.

Segundo Pecora & Sá (2008, p.321), para esse tipo de pesquisa a melhor opção de escolaridade dos participantes é no mínimo o ensino médio completo, “dado que pesquisas anteriores apontam um desempenho mnemônico precário em estratos de escolaridade mais baixa”. Em decorrência do alto índice de analfabetismo de G2, tivemos várias desistências e substituições. Além disso, o tempo de levantamento dos dados do grupo foi bastante lento, pausado. Iniciamos conversas em grupo para depois fazer ou marcar a entrevista individual, como objetivado pela pesquisa. Sempre temerosos em fornecer os dados pessoais, aceitavam participar com a ressalva de não fornecê-los e nem assinar qualquer papel que fosse.

Análise dos dados

As entrevistas foram transcritas e submetidas à Análise de Conteúdo, segundo Bardin (2005), com procedendo a leitura flutuante; leitura visando destacar o conteúdo relevante, a partir dos temas de interesse; categorização temática do conteúdo destacado; decomposição temática do conteúdo das entrevistas e reagrupamento do conteúdo em categorias. Desta maneira foram investigados dois conteúdos das entrevistas: “sertão do atraso” e “sertão do desenvolvimento”, tidos como variáveis: as variáveis do atraso, tais como pobre, pobreza, miséria e as variáveis do desenvolvimento, tais como, crescimento, progresso, evolução, riqueza.

Com o auxílio do Excel foi elaborada a tabela com as características dos participantes e com o software TextSTAT, que organiza o texto por frequência e contexto das palavras, foi elaborada a tabela de categorização com os elementos mais frequentes nas simulações S1 e S2.

Resultados e Discussão

O Grupo 1 (N=60) caracteriza-se pela idade média de 22 anos, maioria de estudantes universitários (62,30%), ambos os sexos (30 homens e 30 mulheres), de origem local (49,10%) e migrante (50,82%), que moram, em média, há 14 anos na região; o Grupo 2 (N=60), idade média de 67 anos, maioria analfabetos (68,89%), sexo feminino (77,78%), migrante (88,46%), com tempo médio de moradia, no bipolo Petrolina/Juazeiro, de 39 anos. (Tabela 1)

Tabela 1 – Características dos participantes

Características	G1	G2
Faixa etária média (anos)	22	67
Escolaridade	62,30% de universitários	68,89% de analfabetos
Gênero	50% feminino	77,78% feminino
Origem	50 % de migrantes	88,46% de migrantes
Tempo médio de moradia	14 anos	39 anos

Vale ressaltar as dificuldades de entrevista com os participantes do G2, tendo em vista que os homens se recusaram a participar com mais frequência, decorrendo daí a maior participação do sexo feminino (77,78%). O público feminino, em grande maioria nas reuniões de idosos, foi receptivo, haja vista a diferença de levantamento por gênero, de maneira que apenas 22,22% do grupo são homens.

S1: *Se não existisse fruticultura irrigada.*

A categorização do corpus da situação hipotética ‘se não existisse a fruticultura irrigada’, que foi aplicada às duas gerações, G1 e G2, resultou em 7 categorias: “Pobreza”, “Não seria desenvolvida”, “A vida seria difícil”, “Não sei”, “Não seria como é, seria sertão”, “As pessoas iriam embora” e “As pessoas não deixariam”. (Tabela 2)

Tabela 2 – Categorização das respostas de todos os participantes para a simulação S1.

Categorias	Exemplos de elementos incluídos
1. Pobreza	Pobreza, Miséria, Subdesenvolvimento, Carência.
2. Não seria desenvolvida	Não seria desenvolvida, sem desenvolvimento.
3. A vida seria difícil	A vida seria difícil, dificuldade, muito difícil.
4. Não sei	Não sei, não pensei, nunca pensei nisso.
5. Não seria como é, seria sertão	Não seria como é, não seria assim, seria interior, sertão.
6. As pessoas iriam embora	As pessoas iriam embora, não viriam para cá.
7. As pessoas não deixariam	As pessoas não deixariam, foi feito pelas pessoas.

De acordo com os dados inscritos na Tabela 2, podemos verificar que a categoria mais expressiva foi que a região “Não seria desenvolvida” (41,12%), demonstrando que os grupos investigados possivelmente relacionam as mudanças ocorridas na região à implantação da fruticultura irrigada. Se considerarmos que “Não ser desenvolvido” e “Pobreza” são categorias similares, a referência à “pobreza” representa 61,12% das respostas. Salvo as categorias citadas, “Não ser desenvolvido” e “Pobreza”, pelo critério de organização descendente de participação relativa das categorias, restariam 5 elementos na organização da representação social de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA) sem fruticultura: “A vida seria difícil” (16,11%), “Não seria como é, seria sertão” (10,00%), “As pessoas iriam embora, não viriam para cá” (7,22%), ‘Não sei’ (3,33%) e ‘As pessoas não deixariam (2,22%). (Tabela 3)

Tabela 3 – Frequências absolutas e relativas das respostas dos participantes à simulação S1

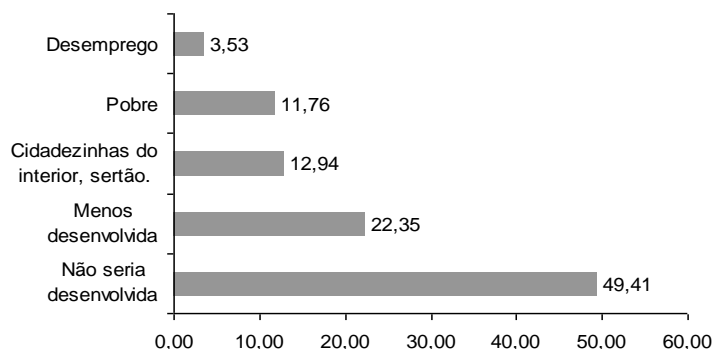
Categorias	Frequência					
	G1		G2		Total	
	Absoluta	%	Absoluta	%	Absoluta	%
1. Não seria desenvolvida	63	50,81	11	16,67	74	41,12
2. Pobreza	24	19,35	12	18,18	36	20,00
3. A vida seria difícil	20	16,13	19	28,79	29	16,11
4. Não seria como é, seria sertão.	9	7,26	9	13,64	18	10,00
5. As pessoas iriam embora.	5	4,03	8	12,12	13	7,22
6. Não sei	3	2,42	3	4,55	6	3,33
7. As pessoas não deixariam.	0	0	4	6,06	4	2,22
TOTAL	124	100	66	100	180	100,0

Entende-se que o ‘desenvolvimento’ da região naturaliza-se no pensamento social dos participantes da pesquisa. Segundo Jodelet (2001, p. 39) “por um trabalho da memória, o pensamento constituinte apoia-se no pensamento constituído para enquadrar a novidade a esquemas antigos, ao já conhecido”. Em outras palavras, “atraso” e “desenvolvimento” são concomitantes no pensamento dos grupos investigados. Na perspectiva subjetiva, a questão não é o ‘desenvolvimento’ da região, é o ‘não-atraso’ dela.

Pela ordem decrescente da participação percentual das categorias, podemos verificar que a representação social da região sertaneja Petrolina/Juazeiro sem fruticultura para G1 é que a mesma: “Não seria desenvolvida” representa 50,81% do conteúdo abordado pelos participantes da pesquisa, “Pobreza” (19,35%), “A vida seria difícil” (16,13%), “Não seria como é, seria sertão” (7,26%), as “Pessoas iriam embora” (4,03%), “Não sei” (2,42%).

Diante do exposto, o desenvolvimento da região sertaneja ancora-se na representação tradicional de sertão, em outras palavras, seca e atraso. Ressalva que nos levou a aprofundar o teste qualitativo do conteúdo ‘desenvolvimento’, utilizando o software TextSTAT 2.8, que disponibiliza os contextos das categorias, e permite identificar a adjetivação atribuída ao fenômeno social ‘desenvolvimento’. Foram encontradas 5 situações relevantes, que foram organizadas em frequência relativa descendente: “Não seria desenvolvida” (49,41%), “Menos desenvolvida” (22,35%), “Cidadezinha do interior” (12,94%), “Pobre” (11,76%) e “Desemprego” (3,53%). (Figura 2)

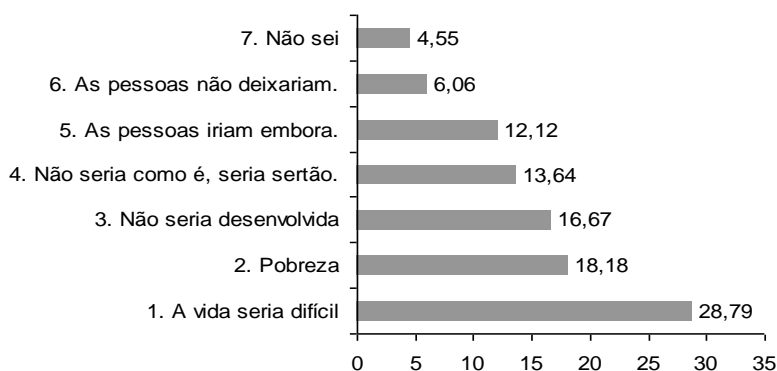
Figura 2 – Análise contextual da categoria desenvolvimento entre participantes do G1 para a simulação S1



Além das adjetivações esperadas, tais como ‘Não seria desenvolvida’ e ‘Menos desenvolvida’, surge uma categoria com alto nível de significância relativa para a análise contextual: sem a fruticultura irrigada Petrolina e Juazeiro seriam ‘Cidadezinhas do interior, sertão’. Entende-se que para G1 a região em estudo não se caracteriza como sertão tendo em vista o ‘não-atraso’ que decorre da fruticultura irrigada.

Para G2, a sequência de categorias por ordem de importância relativa, que organiza a representação social da região 'sem a fruticultura irrigada' é a seguinte: “A vida seria difícil” (28,79%), “Pobreza” (18,18%), “Não seria desenvolvida” (16,67%), “Não seria como é, seria sertão” (13,64%), “As pessoas iriam embora” (12,12%), “As pessoas não deixariam” (6,06%) e “Não sei” (4,55%). (Figura 3)

Figura 3 – Participação relativa das categorias de respostas entre os participantes do G2 para a simulação S1



Podemos observar que para G2, a situação hipotética ‘sem fruticultura irrigada’ está associada às dificuldades, ou seja, ‘A vida seria difícil’ (28,79%) e ‘Pobreza’ (18,18%). Entende-se que esse é um “trabalho de memória do pensamento constituinte no pensamento constituído” (JODELET, 2001, p.39), visto que o pensamento sobre o “desenvolvimento” da região está ancorado na idéia de metrópole (frequentemente divulgada nos meios de comunicação, nas novelas, etc.), que se opõe à idéia de sertão, visto que está associado à carência e pobreza, que os participantes deste grupo viveram, supondo que para isso os membros pensam nos “fatos vividos”. Segundo Arruda (2009, p.761), “para elaborar a representação social o olhar informado recorre à experiência, às representações hegemônicas e aos conhecimentos prévios”, orientando-se, assim, pelo princípio da memória social (SÁ, 2007), suposição que pode ser mais bem visualizada pela análise comparativa dos grupos G1 e G2, uma vez que diferem significativamente na ordem decrescente da participação relativa das categorias que expressam o sentido, dada a hipótese de não 'existir a fruticultura irrigada' na região. Para G1, a categoria de primeira ordem é mais da metade do conteúdo, 50,81% das respostas, ou seja, “Não seria desenvolvida”. Por outro lado, para G2, “Não seria desenvolvida” é categoria de terceira ordem, com 16,67%, sendo que, a categoria de primeira ordem é que “A vida seria difícil” (28,70%) e “Pobreza” é a categoria de segunda ordem (18,18%). Fica a suposição de que o trabalho mental de G1 é produto de conhecimento transmitido, tendo em vista que o grupo não vivenciou o processo de “desenvolvimento” e

nem vivencia o “atraso” do sertão.

A âncora das duas gerações é a forte associação existente entre “sertão e atraso”, o que parece diferir é o suporte utilizado pelos grupos, enquanto G2 fala de “fatos vividos”, G1 de “conhecimento adquirido”. Podemos refletir sobre essa “coerência” estabelecida pelos grupos tendo em vista o constituído (se, historicamente, Sertão é atrasado), para dar coerência ao pensamento constituinte (Petrolina e Juazeiro localizadas no sertão, sem desenvolvimento seriam atrasadas). Entende-se aqui que o subjetivo, como substância do social, joga sobre ele outros ângulos. (Arruda, 2009)

Situação 2: Petrolina e Juazeiro ontem e hoje

Proposta para os participantes de G2, essa situação prepondera na pesquisa, haja vista que as mudanças ocorridas na região, incorporada ao processo de globalização como pólo exportador de fruticultura, são “fatos vividos” pela maioria do grupo. Conforme podemos verificar na Tabela 4, 8,83 % dos entrevistados moram na região entre 0 e 10 anos, 15,00 % entre 11 e 20, 53,33% entre 21 e 40 anos e 23,33% entre 41 e 60 anos. (Tabela 4)

Tabela 4 – Tempo de moradia dos participantes do G2 em Petrolina-PE e Juazeiro-BA

Tempo de moradia (anos)	Frequência	
	Absoluta	Relativa
0 – 10	5	8,33
11 – 20	9	15,00
21 – 40	32	53,33
41 – 60	14	23,33
TOTAL	60	100,0

Podemos verificar que a maioria dos entrevistados mora na região há mais de 20 anos, com significativa parcela com mais de 40 anos de moradia, dado significativo para o objetivo a que se propõe esta seção: entender o discurso dos moradores que vivenciaram o processo de

transformação da região. D. Josefa (nome fictício) declarou morar em Petrolina há 37 anos e fala de Petrolina ontem e hoje:

A Petrolina de antigamente, quando cheguei aqui em 73... porque é assim, eu vim direto de Toritama pra cá, Ave Maria...custou um impacto, de ser assim: os costumes muito diferentes...a diferença da cidade aqui, porque naquele época só tinha o centro da cidade, as ruas não eram calçadas, era só areia, aquela areia branca sabe?, parecia um litoral, aquelas cidadezinhas de litoral da beira da praia, como aquelas que tem as casinhas de pescadores. Ave Maria! Muito, muito diferente, principalmente de Caruaru, de onde eu morei né? Ave Maria, que diferença! Era muita gente de fora, pouca gente da cidade... era o pessoal tudo chegando, chegando. Petrolina de hoje é uma capital né? (buscando confirmação com o olhar). A capital do rio, do Sertão. Mudou muito, para os meus netos eles já vão se adaptando como se fosse uma capital. Eles são pequenininhos ainda e Petrolina daqui a dez, quinze anos né? Futuro né? tem muito.

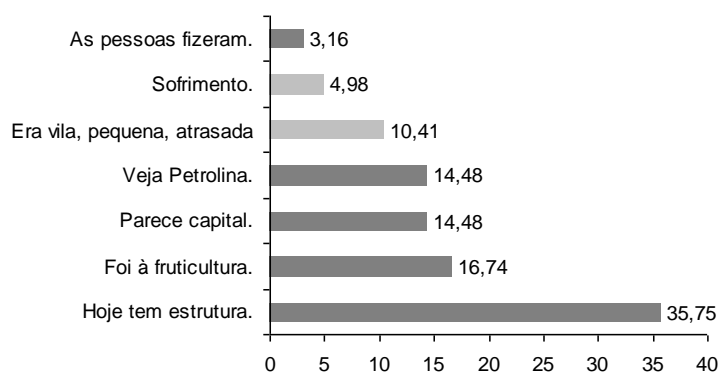
A análise de conteúdo para categorização do corpus, composto por 60 entrevistas, resultou em 7 subcategorias divididas entre os conteúdos Ontem e Hoje (Tabela 5): duas para o conteúdo Ontem: ‘Era Vila’ e ‘Era sofrimento’; e cinco para o conteúdo Hoje: ‘Hoje tem estrutura’, ‘Agora parece capital’, ‘É por causa da fruticultura’, ‘Veja Petrolina’ e ‘Por causa das pessoas’. (Tabela 5)

Tabela 5 – Categorização das respostas dos participantes do G2 para a simulação S2

Categories	Subcategories	Conteúdo
Ontem	1.Era Vila...	Vila pequena, lugarejo, transporte de jegue, feira atrasada, não tinha médico.
	2. Era sofrimento	Sufrimento, dificuldade, miséria, fome, necessidade
Hoje	1. Hoje tem estrutura.	Faculdade, dinheiro, universidade, renda, saúde, saneamento, mercado, hospitais, ônibus, casas, acessibilidade, trânsito.
	2. Parece capital	Não precisa sair, é capital, é rica, é metrópole
	3. Foi a fruticultura	Da política, liderança, projetos, fruticultura, exportação, irrigação.
	4. Veja Petrolina	Tem liderança, não parece sertão, é destaque, mais evoluída, mais importante, planejada, mais rica, mais desenvolvida, planejada.
	5. As pessoas fizeram.	As pessoas vinham e vêm, pessoal chegando, atrai pessoas, crescimento populacional.

Organizados por ordem de importância relativa do conteúdo (Figura 4), os elementos que compõem a representação da região sertaneja Petrolina/PE-Juazeiro/BA para G2 são: Hoje tem estrutura (35,75%), Foi à fruticultura (16,74%), Parece capital (14,48%), Veja Petrolina (14,48%), Era vila (10,41%), Sofrimento (4,98%) e As pessoas fizeram (3,16%).

Figura 4 – Participação relativa das categorias de respostas dos participantes do G2 para a simulação S2



Considerando a importância das categorias (Tabela 6), podemos verificar que para os entrevistados Hoje (84,61%) é bem mais significativa que Ontem (15,39%). Vale ressaltar que o conteúdo do discurso do Hoje da região é associado à estrutura, haja vista o nível de significância para as categorias “Hoje tem estrutura” e “Foi a fruticultura”. Para os membros desse grupo hoje a região pode ser consideradas como “Capital”

Tabela 6 – Frequência relativa das categorias de respostas dos participantes do G2 para a simulação S2

Categorias	Subcategorias	Frequência	
		Absoluta	%
Ontem	Era vila, pequena, atrasada	23	10,41
	Sufrimento	11	4,98
Hoje	Hoje tem estrutura	79	35,75
	Foi a fruticultura	35	16,74
	Parece capital	32	14,48
	Veja Petrolina	32	14,48
	As pessoas fizeram	9	3,16
TOTAL		221	100
Total ONTEM		34	15,39
Total HOJE		187	84,61

Os símbolos do sistema capitalista, tais como *shopping center*, condomínios e prédios luxuosos, orla fluvial com calçada, aeroporto internacional e mercado financeiro representam uma nova imagem para se pensar em ‘desenvolvimento’ como oposto a atraso. Daí a importância das categorias ‘Hoje tem estrutura’ ou ‘Parece capital’.

Vale ressaltar que o processo de implantação e consolidação da fruticultura irrigada impactou fortemente a economia local com mudanças significativas, nova paisagem produtiva, relações de trabalho baseadas em lei, tecnologia, novas mediações econômicas, novas instituições, grandes investimentos, associações e cooperativas com pequenos produtores, mão-de-obra qualificada, terceirização, mediação financeira com bancos renomados e o pensamento social parece ter acompanhado as transformações produzidas na

região. O que questionamos é que este discurso obscurece ou torna invisível a pobreza da maioria, ou, em outras palavras, o modo como o desenvolvimento é pensado resulta no ocultamento das contradições. Parece não haver dúvidas de que entre os idosos, a vida de hoje é menos difícil comparando com o que já viveram.

Entre os fatores que contribuem para essa forma de pensar, “desenvolvimento econômico acima de tudo”, destacam-se os elementos afetivos. Segue o exemplo do discurso de Maria (nome fictício) sobre Petrolina (PE) ontem e hoje, onde podemos claramente identificar tais elementos:

Diferença muito grande. Quando cheguei aqui só tinha uma Vila. Depois, quando vi que a gente ia ter até a faculdade de Medicina... chorei. Agora tem muita coisa, tem o SESC... foi chegando de pouquinho... Meus filhos, por exemplo, para estudar tiveram que sair. Meu neto, para se formar em Direito teve que ir para o Crato... lembro que chorava e sofria muito...falava pelo telefone, é difícil vovó... sofria muito. Aí foi chegando as coisas... até universidade... agora não precisa sair... (riso).

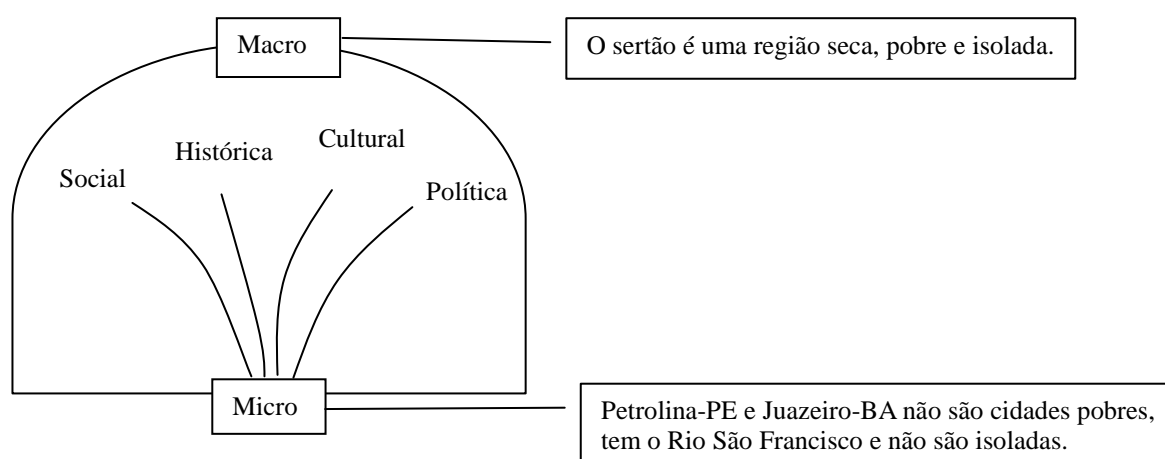
Segundo Arruda (2009), os trabalhos em representações sociais concentram-se em temas como saúde e educação. São poucos os trabalhos que se dedicam ao tema territorial, um trabalho nessa linha de pesquisa é o desenvolvido por Aragão & Arruda (2007), em representações sociais do Brasil, que evidencia o significativo atravessamento do afeto e formas de saber específicas, tendo em vista o apego ao lugar que chega a compor uma marca de identidade social.

Conclusão

A análise dos resultados que aqui se apresenta fundamenta-se pelo pressuposto que para entender o contexto micro é preciso dialogar com o contexto macro como fios de um mesmo tecido. Nessa perspectiva, as mudanças que ocorreram na região sertaneja Petrolina-

PE Juazeiro-BA (contexto micro), em decorrência da implantação e consolidação da prática da agricultura irrigada voltada ao mercado externo, impactam a representação que os participantes da pesquisa têm a respeito do sertão, ou seja, que o sertão é uma região seca e pobre (contexto macro). Entre os participantes Petrolina-PE e Juazeiro-BA embora sejam municípios localizados no sertão do São Francisco dos Estados de Pernambuco e da Bahia não podem ser classificados como sertão, em outras palavras, não são sertão. (Figura 5)

Figura 5 . – Análise Contextual : perspectiva Micro (Petrolina-PE Juazeiro-BA) e Macro (Sertão)

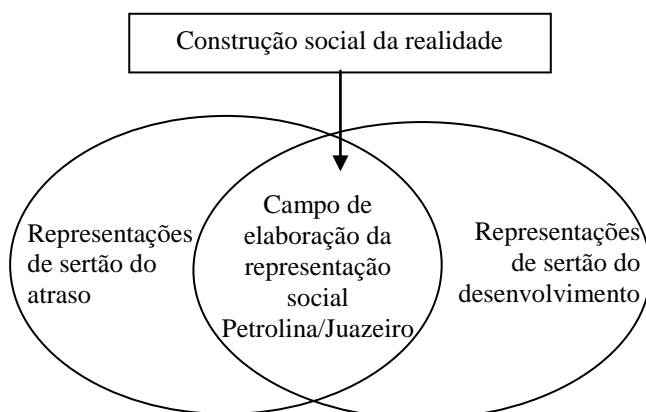


Petrolina e Juazeiro são municípios do sertão dos Estados de Pernambuco e da Bahia, que a partir dos anos 90 passam a ser projetados como o maior polo de exportação de fruticultura irrigada do Brasil, em nível nacional e internacional. Para o saber popular o desenvolvimento econômico naturaliza-se no pensamento social por um trabalho de memória social que procura sempre o atraso como elemento que define o sertão. Entre os jovens, os municípios referidos são projetados como capitais ou metrópoles e não como aquelas cidadezinhas distantes e isoladas do interior. Entre os idosos, a vida não é mais difícil, como no passado, quando as cidades eram apenas pequenas Vilas. Hoje podem ser vistas como capitais.

Entende-se que o objeto em estudo, região ou território, é resultado de um processo de

construção histórica, cultural, social e política que envolve o imaginário social e sentimentos locais. O saber do atraso, decorrente de longo processo histórico, é atravessado por uma nova forma de saber o sertão, o sertão do desenvolvimento. (Figura 6)

Figura 6 . – Campo de elaboração da representação social de Petrolina/Juazeiro para G1 e G2



Aos olhos do grupo, o crescimento das cidades, as novas estradas, o aeroporto, a exportação, os bancos, a diversificação do comércio, hospitais, água encanada, luz elétrica, escolas, o *shopping center*, é uma realidade concreta ou seja, não pertence à imagem do sertão do atraso. Nesse contexto a subjetividade dos participantes enfatiza um ângulo específico ao sertão desenvolvido: não somos pobres, o outro sim, porque é isolado e seco. Atravessada pelo afeto associado ao local, essa forma de elaboração de saber torna o local um paraíso, onde não se enfrenta a realidade do imaginário trágico, atribuído historicamente ao clima do sertão, cenário da seca difundido pela literatura, pela mídia e pelos estudos científicos.

Referências Bibliográficas

- Aragão C. O. M. & Arruda A. (2007) Representações sociais do Brasil para jovens universitários. *V Jornada Internacional e III Conferência Brasileira sobre Representações Sociais*.
- Arruda, A (2009) Teoria das representações sociais e ciências sociais: trânsito e atravessamentos. *Sociedade e Estado, Brasília, v. 24, n. 3. p. 739-766*.
- Arruda, A. (2005) Despertando do Pesadelo: a interpretação. Em: A.S.P., Moreira, B.V., Camargo, J.C. Jesuino e S.M. Nóbrega (Orgs). *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais* (229-258). João Pessoa: UFPB.

- Bardin, L. (2005) *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Heckathorn, D.D. (2002). "Respondent-Driven Sampling II: Deriving Valid Estimates from Chain-Referral Samples of Hidden Populations". *Social Problems*. 49: 11-34.
- Jodelet, D.(2001). *As representações sociais*. Ed. UERJ, Rio de Janeiro.
- Maricato, E. (2011) Metrôpoles desgovernadas. *Estudos Avançados* 25 (71) .
- Ortega, A. C. & Sobel, T. F. (2010) Desenvolvimento territorial e perímetros irrigados: Avaliação das políticas governamentais implantadas Nos perímetros irrigados Bebedouro e Nilo Coelho em Petrolina (PE). *Planejamento e Política Públicas*, n35.
- Pecora, A.R. & Sá, C.P. (2008) Memórias e Representações Sociais da Cidade de Cuiabá, ao Longo de Três Gerações. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 21, n.2,
- Ramos, S. F. (2002) Uso do território brasileiro e sistemas agrícolas: a fruticultura irrigada em Petrolina (PE) / Juazeiro (BA). *Anais XVI Encontro Nacional de Geografia Agrária*, Petrolina/PE.
- Sá, C. P. (2007) Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20 (2), 290-295,
- Silva, P. C. G. (2001) Articulação dos interesses públicos e privados no polo Petrolina-PE/Juazeiro-BA: em busca de espaço no mercado globalizado de frutas frescas. Campinas. *Tese de doutoramento* – Instituto de Economia da UNICAMP.
- Souza, R. C. A. & Ramos, A. R. N. (2010) Rio São Francisco: Cultura, Identidade e Desenvolvimento. *RDE, ano XII, edição especial*, Salvador-Bahia.

ESTUDO 3: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE SERTÃO ENTRE ESTUDANTES DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA E GEOGRAFIA.¹

Resumo

Este trabalho tem o objetivo de identificar as representações sociais de sertão entre estudantes de licenciatura em História e Geografia – LH e LG - de uma instituição de ensino superior de Petrolina-PE. Participaram da pesquisa 60 estudantes, 30 de LH e 30 de LG, amostra intencional, não probabilística, definida pelo critério de saturação. O instrumento utilizado foi um questionário que objetivou caracterizar os participantes, coletar respostas à pergunta aberta ‘o que é sertão para você?’ e evocações ao termo indutor ‘sertão’. Para organizar os dados foram utilizados os *softwares* Excel, TextSTAT 2,8, EVOC 2000 e SIMI, bem como a Análise de Conteúdo. Os resultados revelaram que para LG e LH o elemento que representa o sertão é o clima. Concluímos que a representação social de sertão entre LH e LG deve ser analisada na esfera “transubjetiva” da representação social ou na zona de hibridez formada pelas esferas subjetiva e intersubjetiva, onde o saber só pode ser entendido em relação ao contexto do qual ela deriva sua lógica e racionalidade.

Palavras-chave: Representações sociais, Sertão, Polifasia Cognitiva, Petrolina, Transubjetividade

¹ Artigo elaborado de acordo com as normas do periódico Psicologia & Sociedade.

ABSTRACT

This study aims to identify the social representations of wilderness between undergraduate students in History and Geography - LH and LG - an institution of higher education in Petrolina-PE. The participants were 60 students, 30 LH and 30 LG, purposeful sampling non-probability, defined by the criterion of saturation. The instrument used was a questionnaire that aimed to characterize the participants, collect responses to the open question 'what is wilderness to you?' And invocations to the inductive term 'hinterland'. To organize the data were used Excel software, TextSTAT 2.8, EVOC 2000 and ACS, as well as content analysis. The results revealed that for LH and LG the element that represents the interior is the weather. We conclude that the social representation of wilderness between LH and LG should be analyzed in the field "transubjetiva" social representation or hybrid zone formed by the subjective and intersubjective spheres, where knowledge can only be understood in relation to the context from which it derives its logic and rationality.

Keywords: Social representations, Hinterland, polyphasia Cognitive, Petrolina, Economic Development.

Investigar o significado de sertão na consciência coletiva é uma tarefa que exige a leitura de obras clássicas brasileiras nas áreas de Geografia, História, Sociologia, Antropologia, Economia ou Literatura, pois é termo que oferece múltiplos significados (SCHIAVO, 2007). Para atender aos propósitos desse trabalho, o significado de sertão é considerado produto das estratégias de projetos exógenos, que podem ser definidos através do processo histórico cujo propósito inicial é seu controle simbólico para futuro domínio e transformação espacial e ideológica (GOMES NETO, 2011). Nessa perspectiva, optamos por refletir sobre quatro desses “projetos” que definiram o sertão em diferentes contextos históricos, conforme explicitado na Tabela 18: DESERTO para o projeto de Colonização, considerando dois momentos históricos, o descobrimento do território brasileiro e a ocupação do litoral; NAÇÃO com a independência do Brasil na perspectiva do movimento literário, em duas linhas, romantismo e realismo; ATRASO e DOENÇA, na perspectiva das missões científicas, que tornariam o Brasil um país civilizado e moderno e DESENVOLVIDO para os ideais do modelo capitalista voltado para a economia internacional.

Tabela 1 – Projetos exógenos, contextos históricos e categorias de significação de sertão.

Projetos	Contextos Históricos	Categorias
Colonização	Descobrimto e ocupação do território brasileiro: o processo de colonização, litoral e sertão.	Deserto
Nacionalização	Independência do Brasil: Romantismo e Realismo	Nação
Progresso	Primeira República: expedições científicas do século XIX	Atraso e Doença
Industrialização	Segunda República: industrialização da economia brasileira	Subdesenvolvido

Fontes: Seligmann-Silva, 2009; Discini Campos, 2010; Lima 2009; Sá, 2009; Coelho e Santos, 2008; Favareto, 2006.

Vale ressaltar o pressuposto moscoviciano (2001, p. 244):

As representações sociais são arquétipos de raciocínio comum ou pré-concepções estabelecidas ao longo de um largo espaço de tempo (*long durée*), isto é, tributárias de histórias retóricas e crenças sociais que possuem o status de imagens genéricas. Na verdade, é uma questão de *topoi*, isto é, de ‘locais’ de senso comum onde elas encontram a fonte de desenvolvimentos e os meios de se legitimar, pois esses locais

estão ancorados no perceptível (cognição partilhada) e na experiência ritualizada (cultura e seus ritos, isto é, suas partes operativas na representação). Elas tomam, geralmente, a forma de noções ancoradas em sistemas de oposições (isto é, termos que são contrastados a fim de ser relacionados) relativos ao corpo, ao ser, à ação na sociedade e ao mundo de maneira geral; toda linguagem testemunha isso.

Para pensar a representação de sertão, portanto, precisamos pensar os opostos que o levaram às cinco categorias de significados aqui denominadas de Deserto, Nação, Atraso, Doença e Subdesenvolvido. É importante ressaltar que as categorias (Tabela 19) possuem amplitude e por isso representam múltiplas representações similares, produzidas nas devidas épocas.

Tabela 2 – Elementos das categorias de sertão: Deserto, Nação, Atraso e Doença e Subdesenvolvido.

Categories	Elementos	Quem Diz? E Como?
Deserto	Área de fronteira adentro, interior, espaços vastos, interiores pouco povoados, possessões recém-conquistadas, terras desconhecidas.	Colonizadores, na perspectiva do processo de colonização do Brasil.
	Espaço desconhecido, inacessível, isolado, perigoso, dominado pela natureza bruta, habitado por bárbaros, hereges infieis, onde não havia religião, civilização e cultura.	Habitantes do Litoral, na perspectiva de civilização do povo brasileiro.
Nação	Paisagens exuberantes, paraíso, gente humilde, sábia e corajosa.	Intelectuais, na perspectiva romântica da construção da nacionalidade brasileira.
	Porção indesejável e vergonhosa, miscigenação, degeneração, fraco, feio, passivo, inferior, retrocesso.	Intelectuais, na perspectiva realista da construção da nacionalidade brasileira.
Atraso e Doença	Isolados geograficamente, doentes, sem cultura, analfabetos, pobres, parasitas, esquecidos pelo governo, atrasados, incapacidade econômica.	Movimento higienista, na perspectiva de levar o país ao “progresso” ou modelo europeu.
Subdesenvolvido	Baixa produtividade agrícola, baixa renda per capita, baixa capacidade de investimento, baixa capacidade de consumo.	Empresários, na perspectiva de oportunidades, tendo em vista o modelo capitalista do comércio internacional.

Fontes: Vicentini (2007); Sá (2009); Sobel & Ortega (2007b); Gomes Neto (2011)

Tendo a colonização como marco de análise, o questionamento em relação à produção de representações de sertão gira em torno do colonizador, no caso o português, ou seja, como o português pensa o território ao se deparar com o espaço recém-descoberto e a ser ocupado, porque “o momento de chegada à América, o confronto com humanidades e naturezas outras, configuram em proporções gigantescas, uma destas situações, entre a perda

do velho e a conquista de um novo” (ARRUDA, 1998, p.19). Os portugueses empregavam a grafia “sertão” ou “certão” para referir-se a áreas situadas dentro de Portugal, assim nomeando espaços vastos, interiores pouco povoados e possessões recém-conquistadas sobre as quais nada sabiam. Nesse sentido e tendo em vista a investigação sobre sertão, se conclui que todo o Brasil era sertão para os recém-chegados. (NEVES, 2003; SILVA, 2007; SÁ, SÁ e LIMA, 2008).

Nessa perspectiva, deu-se a ocupação do território brasileiro que se iniciou na faixa litorânea, a qual concentraria as principais atividades econômicas transformando-se em núcleos urbanos que ao longo de um período de acumulação se tornou referência de espaço “colonizado e civilizado” para os que nele moravam. Nesse processo, brasileiros pensariam os brasileiros, em outras palavras, o Brasil litoral que pensa o Brasil sertão: espaço desconhecido, inacessível, isolado, perigoso, dominado pela natureza bruta, habitado por bárbaros, hereges infiéis, onde não havia religião, civilização e cultura. (AMADO, 1995, p. 6). Segundo NEVES (2003, p.155):

O colonizador, impondo-se sobre o colonizado, estabeleceu a alteridade colonial, no início, sendo a colônia o território dos outros – índios, negros, cafuzos, mulatos, mamelucos – enfim, do colono ou do que deveria ser colonizado. O avanço e a ocupação e povoamento do interior, na transição para o século XVIII, com a mineração e a pecuária, definiu nova alteridade, na relação interativa e complementar, entre litoral e sertão. “Como um jogo de espelhos”, espaço do outro – índio, caboclo vaqueiro, tropeiro, boiadeiro, agricultor - refletia seu principal referente, o litoral – território do poder, da força propulsora do desenvolvimento, do padrão cultural – de forma invertida, deformada, estilhaçada (ARAÚJO, 2000), embora no imaginário sertanejo essa inversão de valores não tivesse a mesma intensidade da projeção litorânea.

Em síntese, falar do sentido de sertão no Brasil é reportar-se à chegada dos portugueses, tendo em vista que durante a ocupação e povoamento o sertão era “fronteira da colonização, campo de atividades dos bandeirantes, lugar onde se procuravam minérios e

guerreavam-se contra os índios” (NEVES, 2003, p. 154). O avanço da ocupação definiu nova alteridade, na relação litoral e sertão, alteridade interna que seria suavizada com a construção do eu nacional. Nesse processo, o significado mais comum é a ideia de lugar distante do poder público e dos projetos modernizantes, que acompanhou o sentido de sertão por muito tempo, associado “a conceitos geográfico (semi-árido) e econômico (pecuária) numa percepção espacial (interior) e noutra social (pouco povoada) ambas as categorias da Geografia, mas trazendo implícitas a noção da ação humana ou a concepção de espaço social historicamente construído, um processo da ideia de região”. (NEVES, 2003, p. 156)

À fase de exploração do espaço físico, seguem as demais fases de construção do país, Colônia, Independência, Primeira República e Segunda República. Segundo Arruda (1998, p.33), “a independência nacional e a aproximação da modernidade, com a abolição da escravatura e a proclamação da república seria o segundo grande momento da construção do imaginário do território brasileiro”. Portanto, a construção social de pensar o sertão continuaria, na pós-colônia, com a persistente ideia de “Nação”, cuja imagem, na literatura brasileira, foi construída em versões do “romantismo” e do “realismo”. A urgência em caracterizar a ex-colônia, fez ver o brasileiro associado à paisagem e à sociedade do interior, numa perspectiva “romântica” do sertanejo como uma gente sábia e corajosa. Araújo (2008, pp. 23-24) citando, Guimarães Rosa, diz:

O país não poderia ser definido moral e culturalmente a partir do ambiente eclético, heterogêneo e indefinível que se encontra à beira-mar. Para o autor, a chave para adentrarmos as características nacionais só será encontrada nas estradas que levam ao interior do país. Somente neste ambiente distante das diversas influências metropolitanas e estrangeiras em geral, com a rigidez e proximidade do controle português é que se pode encontrar o brasileiro digno desta definição.

Por sua vez, para o “realismo” a região era tida como um problema para a “Nação” que se desejava construir: um outro negativo, oposto à urbanidade litorânea, porção indesejável e vergonhosa do Brasil. Estes efeitos seriam acentuados com explicações

biológico-raciais que tinham na miscigenação o símbolo da degeneração sertaneja; alteridade posta na distância mais radical, onde o modo de vida e a sociedade sertaneja são tomados como antítese da ideia de “Nação”. Euclides da Cunha (1901, p.45-48) descreve o sertanejo e a mestiçagem:

O Sertanejo

É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. (...). Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente.

A Mestiçagem

A mistura de raças mui diversas é, na maioria dos casos, prejudicial. Ante as conclusões do evolucionismo, ainda quando reaja sobre o produto o influxo de uma raça superior, despontam vivíssimos estigmas da inferior. A mestiçagem extremada é um retrocesso. (...) E o mestiço — mulato, mameluco ou cafuz — menos que um intermediário, é um decaído, sem a energia física dos ascendentes selvagens, sem a altitude intelectual dos ancestrais superiores.

É importante ressaltar que, pelo pressuposto jodeliano, é preciso pensar quem fala, através das perguntas, “quem e onde?, o que e como?, sobre o que? Com que efeito?” (JODELET, 2001, pp. – 32-33). O modo euclidiano de pensar estava profundamente mergulhado nos pressupostos e preconceitos advindos do credo cientificista, isto é: evolucionismo, determinismo climático e biológico e, de uma forma mais geral, do positivismo (OLIVEIRA, 2002; GOMES NETO, 2011). Por esse caminho, o conceito do sertão era compreendido da forma mais pejorativa possível. (OLIVEIRA, 2002, p. 512;)

Adotando aqui a perspectiva de Jodelet, podemos entender que Euclides da Cunha ao referir-se ao sertão como deserto, recupera relatos de viagens de cientistas viajantes do século XIX, naturalistas a serviço da elite que se deparavam com a natureza desconhecida. Os primeiros exploradores, a exemplo do francês Auguste Saint-Hilare e os alemães Carl F. Von Martins e Johann B. Von Spix, viam a América como terra de homens rústicos, sem história,

que deveriam ser cristianizados, pois traziam na bagagem a idéia de “progresso” legitimado no século XIII e propagado em sentido universal pela expansão europeia (MIRANDA, 2009).

Em relação aos efeitos do que foi dito por Euclides da Cunha, para Rezende (2001, p. 201):

Os sertões tem sido um dos livros significativamente discutidos no Brasil. Já foram publicados, sobre esta obra, inúmeros estudos, principalmente sob a forma de artigos em revistas especializadas de literatura, ciências sociais e história, bem como diversos textos em jornais de grande circulação e outros periódicos de caráter humanístico, de modo geral.

Às consagradas representações dos Sertões de Euclides da Cunha juntem-se os relatórios de expedições científicas, do ano de 1912, a requerimento do Instituto Oswaldo Cruz - IOC, que versam sobre as localidades de atenção da Inspetoria de Obras Contrás as Secas- IOC. O relatório dos cientistas Adolfo Lutz e Astrogildo Machado diagnostica a localidade percorrida como atrasada, devido à questão racial, ao clima e à distância de muitos povoados em relação ao litoral e o relatório dos cientistas Arthur Neiva e Belisário Pena aponta a doença e não o clima ou a raça, como principal problema da região. (SÁ, 2009, LIMA, 1999).

Estes relatórios veicularam representações em discursos exacerbados. Tomemos o exemplo do trabalho de Lima e Hochman (2000, p. 316), sobre a posição de Monteiro Lobato após entrar em contato com o diagnóstico científico de Arthur Neiva e Belisário Pena. Antes o personagem Jeca Tatu era “Caboclo indolente e parasitário” depois do contato com os relatórios e em consenso com ideário sanitário “O Jeca não é assim, está assim”.

Esse esforço para entender o Brasil procurava descartar as visões pessimistas sobre os determinantes climáticos, físicos e raciais. O diagnóstico de um povo doente significava a possibilidade de recuperação do atraso através de ações de higiene e saneamento, fundamentadas no saber médico e implementadas pelo poder público.

O forte mestiço de Euclides da Cunha (1902), resistente às intempéries do sertão, foi

caracterizado pelo relatório de expedições científicas pelo sertão do país como aqueles que restringiam “nossa capacidade econômica e nos condenavam à eterna inferioridade frente às nações desenvolvidas”. (TEIXEIRA, 1997, p.233)

Nesse processo, a performance de representações de sertão foi reproduzida: “Degeneração” (Projeto de colonização), “Atraso” (Projeto do Progresso) e “Desenvolvimento” (Projeto de industrialização), cada uma há seu tempo e com o apoio do Estado (SOUZA, 1998, p.58) se cristalizam com a contribuição das informações e representações difundidas em jornais, no cinema, na música, na literatura e no rádio (GUEDES, 2006; DANTES e GOMES, 2008; BATISTA 2008; COELHO e SANTOS, 2008).

O sentido contemporâneo do sertão é de “desenvolvimento”, tendo em vista a idéia do projeto de industrialização do país, e se constitui em mais um entre os projetos que definem o sertão através de “interesses exógenos”, cuja legitimidade é ancorada no sentido de “região do atraso”, a exemplo dos projetos de colonização, nacionalização e progresso. Segundo Gomes Neto (2011, p.56) a ideologia geográfica do sertão está ligada a alguns traços gerais claramente identificáveis: são áreas de atração de interesses estrangeiros, reservas de valor e são supostamente atrasadas em relação às regiões às quais são comparadas.

Vale ressaltar que a proposta de “desenvolvimento” não se refere à região propriamente, são “ilhas isoladas” que possuem condições propícias à especulação capitalista. A região sertaneja Petrolina-PE Juazeiro-BA é um exemplo dessa implantação. Atualmente é denominada por Rede de Desenvolvimento Integrado – RIDE do Ministério da Integração Nacional.

Esse programa é mais uma das históricas ações de assistência governamental ao semiárido. Petrolina e Juazeiro estão entre os melhores resultados desse processo histórico, em ‘riqueza’ e, por conseguinte, em “exclusão social” (PNUD, 2007). Vale ressaltar que o modelo agrícola dessas áreas é o agronegócio, processo produtivo “que requer capital,

pesquisas, experimentos, logística para comercialização, suporte de infraestrutura de transporte, portos adequados, energia e mão de obra” (CASTRO, 2003, p. 50). Em outras palavras, diante do “atraso” apresenta-se a proposta de “desenvolvimento” da região através da produção agrícola articulada com a escala internacional, ou seja, um recorte da realidade que explica a existência da pobreza sertaneja por fatores como: “Baixa produtividade agrícola”, “baixa renda per capita”, “baixa capacidade de consumo”, “baixa capacidade de investimento” (ARAÚJO 2002, ROCHA e BURSZTYN, 2008, SOBEL e ORTEGA, 2007), ideias que se propagam e se institucionalizam no pensamento social.

Essa observação não procura encobrir vantagens e resultados alcançados, o que está em questionamento é a visão reducionista e fragmentada de soluções tecnológicas e economicistas. No entanto, há de se ressaltar que o que tem sido feito tem importância em escala local: nova paisagem produtiva, relações de trabalho baseadas em lei, tecnologia, novas mediações econômicas, novas instituições, grandes investimentos, associações e cooperativas com pequenos produtores, mão-de-obra qualificada, terceirização e mediação financeira. Entretanto, não há como negar que tais práticas ocorrem com alto nível de exclusão.

Segundo Moscovici (2003, p.194): “nosso pensamento científico, elevado à categoria de norma de todo pensamento, nossa lógica tomada como a única lógica viável, estigmatizam, sem examiná-los, todos os pensamentos e crenças diferentes, relegando-os a uma categoria inferior.” Para outros autores, isso pode ser tido como “econocentrismo”, ou seja, quando a ciência se distancia da sociedade e passa a praticar o “cientificismo”. “Nessa perspectiva, a ciência é compreendida como uma instituição especializada, que tem a ambição de intensificar o papel de explicação da realidade, definindo regras, através de seus modelos teóricos, que acabam, também, por especificar e prescrever as ações humanas.” (ALMEIDA e CUNHA, 2003, p. 147). Não podemos deixar de destacar que esse foi o modo como o Estado, a Igreja e os Empreendedores capitalistas dominaram o interior da América do Sul.

(MIRANDA, 2009, p. 632)

Assim, as teorias são tomadas como “verdades” porque coerentes com os valores dos contextos culturais nos quais se inserem, institucionalizam certas práticas, como, por exemplo, a exclusão social na distribuição da riqueza de um processo de produção que é social. Como abandonar a ideia de “desenvolvimento econômico” em uma região que se enxerga como pobre, tendo em vista a maioria dos municípios sertanejos? O pressuposto desenvolvimentista, assim, re-institucionalizou a prática de intervenção que desconsidera a cultura, haja vista a implantação da prática da agricultura científica. Em outras palavras, inferioriza a agricultura familiar para implantar o agronegócio.

Entende-se, portanto, que “... dentro de uma dimensão social, a ciência e o senso comum – crenças em geral – são irredutíveis um ao outro, pelo fato de serem modos de compreender o mundo e de se relacionar com ele” (MOSCOVICI, 2003, pp. 199). Segundo Jodelet (2001, p. 22), as representações sociais “como fenômenos cognitivos, envolvem a pertença social dos indivíduos com as implicações afetivas e normativas, com as interiorizações de experiências, práticas, modelos de condutas e pensamento, socialmente inculcados ou transmitidos pela comunicação social, que a elas estão ligados.”

Na perspectiva de pesquisar ciência como produto psicossocial, optamos por investigar estudantes-professores de licenciatura em Geografia e História, por serem receptores e transmissores do saber científico, por ser o espaço territorial o seu objeto de estudo e atenderem ao pressuposto de pesquisa em representações sociais, ou seja, não considerar o fenômeno social em seu estado, mas em sua dinâmica.

Esse trabalho fundamenta-se na teoria das representações sociais de Moscovici (2001), em especial na abordagem estrutural das representações sociais, proposta por Abric (2000, pp. 27-37). Na perspectiva da abordagem estrutural, extraímos a hipótese do núcleo central, de teste de centralidade e o princípio da *rationale* de Flament (1996), ou seja, que “uma

representação social apresenta uma característica específica, a de ser organizada em torno de um núcleo central, constituindo-se em um ou mais elementos, que dão significado à representação” (...) “É preciso considerar também que a centralidade de um elemento não pode ser atribuída somente por critérios quantitativos. Ao contrário, o núcleo central é antes de tudo, uma dimensão qualitativa” (ABRIC, 2000, p.31), portanto, assumimos o pressuposto de Flament (1994): “a evidência do núcleo central é o nível mais simples da investigação em representações sociais, tendo em vista que a representação social não é revelada em toda a sua complexidade ‘senão se lhes coloca boas questões’.” (SÁ, 1996, p.26).

Em síntese, este trabalho é uma investigação da representação social de sertão entre estudantes-professores de licenciatura em Geografia e História de uma instituição de ensino superior em Petrolina-PE, tendo em vista a hipótese de polifasia cognitiva, “um estado em que registros lógicos diferenciados inseridos em modalidades diferentes de saber coexistem em um mesmo indivíduo, grupo social ou comunidade.” (JOVCHELOVCTHI, 2004, p. 20)

Método

Participaram da pesquisa 60 alunos dos cursos de Licenciatura em História (N=30) e em Geografia (N=30), aqui denominados LH e LG, amostra intencional e composta com base no critério de saturação (FONTANELLA, RICAS e TURATO, 2008, p.17). Os participantes foram selecionados de acordo com os seguintes critérios: ser aluno de licenciatura, estar entre 6º e 8º períodos, estar em estágio de docência e em conclusão ou defesa de monografia.

Instrumento

Para coletar as informações, foi utilizado um questionário, aplicado em sala de aula após autorização do professor. O questionário foi composto por três núcleos de interesse: 1) características dos participantes (curso, período, idade); 2) representações ou concepções

sobre ‘o que é sertão’ e 3) evocações produzidas pelo termo indutor ‘sertão’.

Procedimentos de coleta

O contato com os participantes da pesquisa ocorreu em uma instituição de ensino de Petrolina-PE, no período junho-julho de 2011, em sala de aula, após procedimentos éticos de solicitação de autorização de acesso ao local, com o responsável direto da instituição e com o professor, em sala de aula, onde foram feitas as abordagens. No momento da abordagem, a sequência ocorreu com a apresentação do pesquisador, explicações da pesquisa, garantia da participação voluntária, anonimato e disposição para explicações complementares e, em seguida, os questionários foram distribuídos para que fossem respondidos individualmente.

Para o teste de associação, foi solicitado aos participantes que fizessem associações ao termo 'Sertão', com cinco palavras, e indicassem o grau de importância, ordenando as palavras numa escala numérica de um a cinco. Antes de iniciar a associação ao termo indutor, foram feitas simulações com outros termos, tais como Futebol, Religião, Violência, visando garantir a compreensão do procedimento, visto que requer certo nível de abstração.

Procedimentos de análise dos dados

Procedeu-se ao tratamento de dados com auxílio de quatro *softwares*: 1. A planilha eletrônica Excel para elaborar a tabela de caracterização dos participantes e preparar o *corpus* para a análise realizada pelos *softwares* EVOC e do SIMI; 2. Ensemble de Programmes Permettant L'Analyse des Evoca” – EVOC para operacionalizar e organizar o teste de associação de palavras; 3. SIMI para operacionalizar os resultados do EVOC em árvores máximas; 4. TextSTAT para obter a lista de frequência das palavras das respostas à pergunta aberta (o que é sertão) e contexto em que se encontram.

Nessa organização utilizou-se, também, a técnica de Análise de Conteúdo (Bardin, 2005), reunindo “elementos sob um título genérico em razão de características comuns” cujo

procedimento seguiu as diretrizes indicadas por Minayo (2007, p.309), tratando o *corpus* em três etapas: Pré-análise, exploração do material e tratamento e interpretação de resultados obtidos.

O EVOC, técnica de Vergès (1992) citada por Pereira (1997), organiza o *corpus* do teste de associação de palavras pelos critérios de frequência e ordem média das evocações, dividindo os elementos em quatro quadrantes, figura conhecida como *Tableau de Vergès* (ANDRADE e TEIBEL, 2011, p. 224), superior esquerdo ou núcleo central, com maior frequência e menor ordem média de evocação; superior direito ou primeira periferia com maior frequência e maior ordem média de evocação; inferior direito ou segunda periferia, menor frequência e menor ordem média de evocação, e finalmente, o inferior esquerdo ou zona de contraste com os elementos com menor frequência e menor ordem média de evocação.

O SIMI organiza os dados por coocorrência dos elementos, ligando os pares por linhas através do critério de frequência: linha tracejada para baixíssima coocorrência; linha simples, para baixa; linha dupla, alta e linha tripla, altíssima. Chamado de Análise de Similitude, esse procedimento resulta na construção de grafos ilustrativos das relações estabelecidas entre os elementos da representação. No presente estudo foram construídos grafos do tipo Árvore Máxima, que pode ser configurada em três tipos: “a estrela, em torno de uma noção que se liga a muitas outras, triângulo, que liga três noções duas a duas; e o ciclo, que liga mais de três noções” (SÁ, 1996, p. 130)

Resultados e Discussão

Caracterização dos participantes

Os participantes são estudantes-professores de Licenciatura em História e Geografia, entre 6º e 8º períodos, que estão em fase de conclusão ou concluíram a monografia, estudam e moram na região sertaneja de Petrolina-PE. Têm idade média de 28 anos e renda média entre

2 e 3 salários mínimos.

Representações sociais de sertão entre estudantes-professores do curso de Licenciatura em História

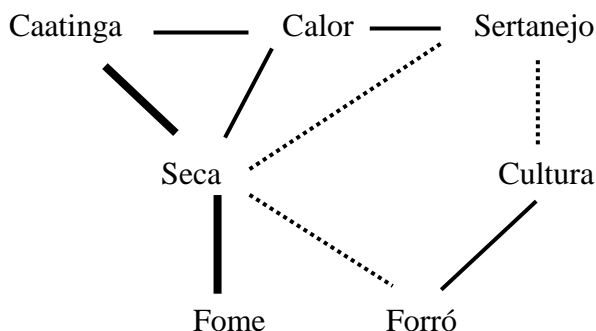
No teste de associação de palavras, operacionalizado pelo programa EVOC, ‘seca’ é o possível elemento central da representação social de sertão para os participantes de LH. ‘Caatinga’ e ‘Cultura’ elementos de primeira periferia. ‘Calor’ e ‘Forró’ são os elementos da segunda periferia. (Tabela 3)

Tabela 3 – Estrutura da RS de sertão dos participantes de LH

Núcleo Central Frequência > 10 O.M. E < 2,5			Primeira periferia Frequência > 10 O.M. E > 2,5		
Palavras	Frequências	O.M.E.	Palavras	Frequências	O.M.E.
Seca	13	2,462	Caatinga	13	3,315
			Cultura	12	2,583
Zona de contraste Frequência < 10 O.M. E < 2,5			Segunda periferia Frequência <10 O.M. E < 2,5		
Palavras	Frequências	O.M.E.	Palavras	Frequências	O.M.E.
			Calor	8	3,625
			Forró	5	3,400

Segundo Abric (2000, p.31) “o núcleo central é determinado, de um lado, pela natureza do objeto representado, de outro pelo tipo de relação que o grupo mantém com este objeto e, enfim pelo sistema de valores e normas sociais que constituem o meio ambiente ideológico do grupo no momento.” Logo, o que determina a natureza, a relação e a ideologia em relação ao sertão entre os participantes de LH é a seca. O teste de co-ocorrência expresso pela árvore máxima (Figura 1) evidencia que seca é o elemento que organiza a ideia que estudantes-professores do curso de Licenciatura em História têm de sertão. Estes elementos são: Caatinga; Fome, Sertanejo e Forró.

Figura 1 : Árvore máxima das evocações dos participantes de LH



A conexão funciona como teste de hipótese do núcleo central de dada representação social (Sá, 2008, p.). 'Seca', assim, é o elemento através do qual se cria, ou se transforma, o significado dos outros elementos constitutivos da representação social de sertão entre os participantes. É através dela, que os outros elementos ganham sentido, valor. (ABRIC, 2000, p. 31)

A Seca é um dos grandes referenciais na conformação da representação social do sertão e nesse processo estão implicadas questões econômicas e sociais (COELHO e SANTOS, 2008, p.2). O clima seco e o baixo índice de chuvas são características geográficas que quase sempre aparecem associadas à pobreza no imaginário popular, visão que se cristaliza com as informações difundidas através de jornais, políticos, trabalhos acadêmicos e literários.

Representações sociais de sertão entre estudantes-professores do curso de Licenciatura em Geografia

Na representação social de sertão entre estudantes-professores de LG (Tabela 4), verifica-se que o possível núcleo central da representação é o elemento 'seca', não há elementos na primeira periferia, nem na zona de contraste. Para a segunda periferia, surgiram dois elementos: 'cultura' e 'pobreza'. (Tabela 4)

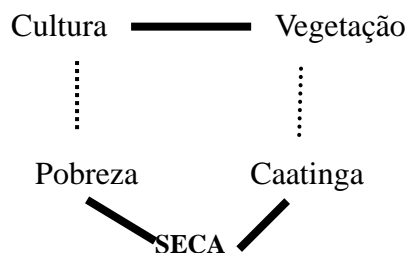
Tabela 4 – Estrutura da RS de sertão dos participantes de LG

Núcleo Central Frequência > 10 O.M. E < 2,5			Primeira periferia Frequência > 10 O.M. E > 2,5		
Palavras	Frequências	O.M.E.	Palavras	Frequências	O.M.E.
Seca	11	2,455			
Zona de contraste Frequência < 10 O.M. E < 2,5			Segunda periferia Frequência <10 O.M. E < 2,5		
Palavras	Frequências	O.M.E.	Palavras	Frequências	O.M.E.
			Cultura	6	3,000
			Pobreza	7	3,857

Vale ressaltar, que não há elementos de primeira periferia, cujos componentes resultam da ancoragem da representação com a realidade (ABRIC, 2000, p.32), logo, entende-se esse conhecimento como decorrente da formação escolar que não tem relação com o contexto. Considerando as características dos participantes, detentores de saber científico, que vivenciam o sertão do desenvolvimento, possivelmente, falam de conhecimento aprendido e não vivido. Segundo Bonfim (2006, p. 107), “o ensino e a aprendizagem da geografia escolar se caracterizam pela utilização excessiva do livro didático, pela aplicação de conteúdos mais conceituais que procedimentais, como também pela utilização descontextualizada e estereotipada das cartas geográficas”. É importante ressaltar, que seca é o principal elemento do imaginário regional veiculado e difundido nacionalmente através dos meios de comunicação e da bibliografia acadêmica (RIBEIRO, 1999), associada a ele vem a “pobreza”. Nessa perspectiva, é um discurso regionalista que não pode ser aplicado a todo o sertão, pois há lugares no sertão que não são necessariamente pobres como é o caso dos municípios de Petrolina-PE e Juazeiro-BA.

Em relação ao teste de conexidade, seca é o elemento que centraliza coocorrências com os elementos 'caatinga' e 'pobreza' entre os estudantes-professores de licenciatura em Geografia que participaram da pesquisa. (Figura 2)”

Figura 2 - Árvore máxima das evocações dos participantes de LG



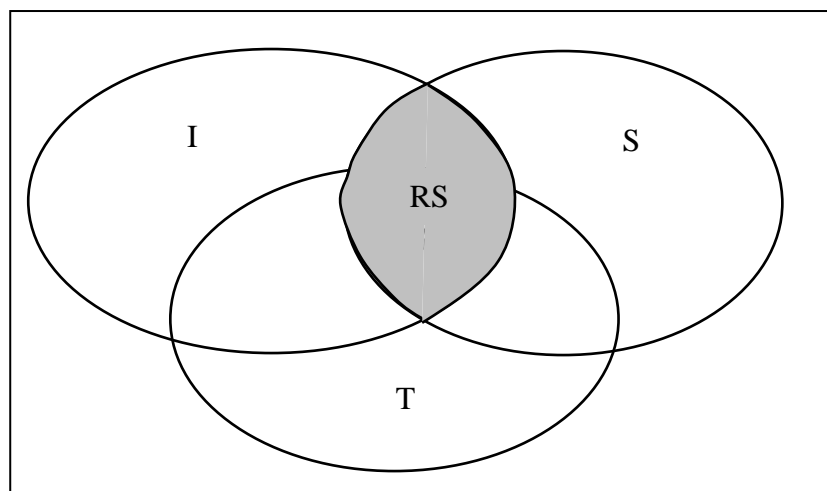
Dados de pesquisa com estudantes-professores em Geografia “apontam que a maioria tem uma ideia positivista e limitada. Assim, a figura do espaço produzido socialmente é negligenciada, pois, as palavras expressam ideias que simbolizam um espaço representado e não vivido assim como um espaço físico (natureza) sem práticas sociais” (BOMFIM, 2006, p. 111). Segundo Jovchelovitch (2004, p. 21):

Essas objetivações se apresentam como unidades, como todos, como realidades acabadas e fechadas. Mas, tão logo começemos escavar sua superfície, a realidade, que aparece como um todo contido e fechado se esvanece. Surgem então, redes móveis e extremamente complexas de relações, cuja natureza precisa ser investigada, descrita e se possível explicada.

Para entender o suposto estado representacional do sujeito em questão, adotamos a hipótese de polifasia cognitiva de Moscovici, “que expande o laço entre representação e contexto.” (JOVCHELOVITCH, 2004, p. 24) e a hipótese do campo de elaboração das representações sociais de Jodelet ao esclarecer que “as representações podem ser relacionadas a três esferas de pertença: subjetividade, intersubjetividade e a transubjetividade.” (JODELET, 2009, p. 696) e que o espaço da representação é o “entre”. Se considerarmos subjetividade e intersubjetividade respectivamente como S e I, o campo do entre estaria na intersecção $S \cap I$, em outras palavras, no nível psicossocial. Nesse trânsito do pensamento, psicológico e social, encontramos a representação social de quem fala e do contexto em que se insere. Se tomarmos T por transitividade, ou seja, subjetividade e intersubjetividade em um mesmo campo de formação do sujeito, a representação social ocorrerá no campo $S \cap T \cap I$, que faz

sentido para quem fala. (Figura 3)

Figura 3 – Esferas de pertença das representações sociais



Adaptado de Jodelet (2009, p. 695)

É na esfera da transubjetividade, com elementos subjetivos (indivíduo) e intersubjetivos (contexto de interação - grupo), que a produção de representações “remete a tudo que é comum aos membros de um mesmo coletivo” para dar sentido a uma crença indexada em uma situação porque faz sentido apenas aos atores implicados (JODELET, 2009).

Em síntese, o resultado do teste de palavras livres evidencia que a estrutura organizacional da ideia de sertão tanto para estudantes de LH quanto LG é possivelmente descontextualizada, em outras palavras, positivista e limitada. Na perspectiva de expandir a representação social de sertão dos grupos, segue o diálogo com a hipótese da polifasia cognitiva e de transubjetividade através da análise de conteúdo da questão aberta: o que é sertão para você?

A análise de conteúdo: O que é sertão para LH e LG

Em relação à questão ‘O que é sertão para você’, foram obtidas as seguintes categorias: ‘SECA’, ‘PARAÍSO’, ‘POVO FORTE’, ‘CULTURA’, ‘POBREZA’, ‘CAATINGA’, ‘IRRIGAÇÃO’, ‘IDEOLOGIA’ E ‘LUGAR’. De acordo com o software

TextSTAT, estas foram as palavras mais frequentes do discurso e, a partir delas, procedeu-se à categorização através da compilação das palavras similares em classes. (Tabela 5)

Tabela 5 – Categorização do *corpus* sobre o que é sertão para os participantes de LH e LG (N=60)

Categorias	Exemplo de Elementos
Seca	Seca, semi-árido, falta chuva, falta água...
Paraíso	Paraíso, lugar feliz, alegre, místico, fantástico...
Povo forte	Povo forte, guerreiro, lutador, bravo...
Cultura	Cultura, cultural, modo de vida, música...
Pobreza	Pobreza, miséria, sofrimento, carência...
Caatinga	Caatinga, mandacaru, mata nativa, umbuzeiro...
Irrigação	Irrigação, Rio São Francisco, Fruticultura...
Ideologia	Conceito, preconceito, referência, abstração...
Lugar	Lugar, território, Nordeste, interior...

Abric (2000, p. 28), citando Flament, propõe que em se tratando de uma abordagem estrutural das representações sociais, a representação depende de fatores circunstanciais e fatores globais. Segundo o autor, os fatores circunstanciais são de “natureza e limite da situação, contexto imediato, finalidade da situação” e os fatores globais são os “que ultrapassam a situação em si mesma: contexto social e ideológico, lugar do indivíduo na organização social, história do indivíduo e do grupo, determinantes sociais, sistema de valores”.

Para atender os objetivos aqui traçados, consideramos que os fatores circunstanciais para os grupos LH e LG possivelmente se relacionam com o sertão desenvolvido ou contexto imediato dos participantes em questão; e os fatores globais, aqui denominados essenciais, são elementos cuja gênese revela o lugar do indivíduo na organização social e ideológica, detentores e divulgadores do saber reificado.

Estes pressupostos nos orientaram a dividir as categorias nos contextos: imediato e sociológico, que chamamos, respectivamente, de variáveis circunstanciais (VC) e variáveis

essenciais (VE). Diante da situação da pesquisa, ou seja, de estudantes-professores de História e Geografia (contexto social) em uma região considerada como “a mais desenvolvida do sertão dos Estados de Pernambuco-PE e Bahia-BA” (contexto imediato), separamos as categorias nos blocos: bloco das variáveis essenciais, ‘SECA, CULTURA, CAATINGA, LUGAR, IDEOLOGIA, POVO FORTE e POBREZA’ ou possíveis representações do contexto social e o bloco das variáveis circunstanciais, ‘PARAÍSO e IRRIGAÇÃO’ ou possíveis representações do contexto imediato. Em síntese, verifica-se que para o grupo investigado a organização de representação de sertão é composta de 78,33% de conteúdo ideológico e 21,67% de conteúdos que ultrapassam o ideológico. (Tabela 23)

Tabela 6 – VE e VC para os participantes de LH e LG (frequência absoluta e relativa)

Variáveis	Categorias	TOTAL		LH		LG	
		Absoluto	%	Absoluto	%	Absoluto	%
Essenciais (VE)	Seca	60	20,00	33	21,57	27	18,37
	Cultura	40	13,33	28	18,30	12	8,16
	Caatinga	29	9,67	16	10,46	13	8,84
	Lugar	14	4,67	4	2,61	10	6,80
	Ideologia	18	6,00	6	3,92	12	8,16
	Pobreza	33	11,00	16	10,46	17	11,56
	Povo forte	41	13,67	20	13,07	21	14,29
Circunstanciais (VC)	Irrigação	23	7,67	5	3,27	18	12,24
	Paraíso	42	14,00	25	16,34	17	11,56
Total VE		235	78,33	123	80,39	112	76,19
Total VC		65	21,67	30	19,61	35	23,81
TOTAL		300	100,00	153	100,00	147	100,00

Como dito anteriormente, a análise do sujeito numa perspectiva psicossocial ocorre “na zona híbrida” entre social e individual (JOVCHELOVITCH, 2004). Considerando as respostas de todos os participantes e a equação $S = SS + SI$ (1), em que S é sujeito, SS (social) e SI (individual), temos que $S = 78,33\% + 21,67\%$, ou seja, a representação desse sujeito é composta por alta parcela de conteúdo ideológico (SECA, CULTURA, CAATINGA, LUGAR, IDEOLOGIA, POVO FORTE e POBREZA) e baixa parcela de conteúdo que

ultrapassa o ideológico (IRRIGAÇÃO e PARAÍSO).

Na expectativa de ir além do estado representacional dos sujeitos investigados, entende-se que é preciso definir a dimensão afetiva da representação social, haja vista a hipótese de separar objeto de sujeito quando o detentor do saber reificado adota o positivismo para construção do saber, um saber descontextualizado. Segundo Campos e Rouquette (2003, p. 436), tratando-se de Teoria das Representações Sociais, a dimensão afetiva é uma “situação de interatividade coletiva”. Nessa perspectiva, segue o diálogo entre PARAÍSO e IRRIGAÇÃO como “situação de interatividade coletiva”. Segundo Arruda (1998, p. 19):

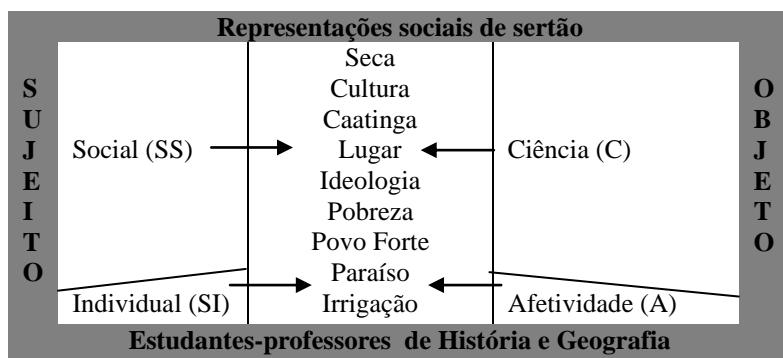
O Brasil já era o paraíso antes mesmo da chegada dos europeus. Tal era a projeção do imaginário deste sobre o novo mundo. A promessa de uma civilização favorecida pela natureza (Arnt 1992), porém, cotejada à fantasia e ao projeto comercial europeu, prestou-se a múltiplas representações, que expressam a ambiguidade contida tanto nos objetos representados quanto nos sujeitos que o representam.

IRRIGAÇÃO, por sua vez, decorre do discurso que considera que o problema do sertão é a seca e que a agricultura irrigada é solução para a região problema. Discurso que institucionalizou o ‘desenvolvimento econômico no sertão’ e tornou a desigualdade social invisível.

PARAÍSO e IRRIGAÇÃO, dessa forma são categorias consideradas como saber afetivo e não ideológico, tendo em vista que são compartilhadas coletivamente e ativadas dentro de um raciocínio do tipo “isso me agrada” ou “isto não me agrada” quando os grupos pesquisados falam em sertão. Entende-se que a representação se situa na terceira esfera na formação das representações sociais, a da transjetividade, “uma crença indexada a uma situação (quadro espaço-temporal, campo social ou institucional, universo do discurso) ou derivada de um entrelaçamento de princípios, evidências empíricas, lógicas ou morais e de partilhá-la coletivamente porque ela faz sentido para os atores implicados”. (JODELET, 2009, p. 698).

Se sujeito e objeto não se separam, a análise da representação social ocorre na intersecção sujeito objeto ($S \cap O$) e sendo o sujeito investigado receptor de saber científico (C), tudo que ultrapassa o conteúdo ideológico (O) para a pesquisa em representações sociais pode ser analisado como dimensão afetiva (S), haja vista a hipótese do cientificismo que separa sujeito de objeto ($S \times O$). (Figura 4)

Figura 4 – Representação social de sertão para LH e LG



Se considerarmos que O é objeto, C é ciência e A é Afetividade, $O = C + A$. Reportando-nos ao caso em estudo, temos que C resulta de SS , tendo em vista o lugar do indivíduo na organização social, ou seja, receptores e divulgadores de saber científico, e que A é possivelmente SI , tendo vista a necessidade teórica do cientificismo em separar ciência de afetividade, que decorre da postura positivista. A representação social de sertão é “entre” o sujeito e objeto em contexto.

Conclusão

O conhecimento de sertão dos grupos LH e LG é descontextualizado, considerando que o elemento que organiza a idéia de sertão é a seca. Seca como definidor de uma região é de cunho generalista, ou seja, ignora a construção social do território em sua análise, tendo em vista que universaliza os lugares pelo fenômeno da seca ou a definição do lugar pelo clima semi-árido. Definir uma região por elementos como clima e vegetação é considerado pelos

geógrafos como o pensamento da Geografia determinista, para a qual sujeito e objeto de pesquisa são isolados.

Na expectativa de demonstrar que sujeito não pode ser isolado de contexto, esse trabalho orienta-se pelas hipóteses de polifasia cognitiva e transitividade na construção do saber de um indivíduo, supondo que essa atividade só pode ser entendida em relação ao contexto do qual ela deriva sua lógica e racionalidade (JODELET, 2009). Os resultados evidenciam que, nos grupos, há uma parcela de afetividade na elaboração do pensamento em relação ao sertão, que nos leva a entender o porquê de contradições quando se define um lugar POBRE e MISERÁVEL como PARAÍSO para se morar.

Considerando os resultados apresentados, sujeito e contexto são elementos de um mesmo campo de construção de conhecimento, ou seja, não se isolam, são interdependentes. Isso pode ser utilizado na prática de ensino ou ignorado. Segundo Chauí (2006, p. 13):

...uma teoria exprime, por meio de ideias, uma realidade social e histórica determinada, e o pensador pode ou não estar consciente disso. Quando sabe que suas ideias estão enraizadas na história, pode esperar que elas ajudem a compreender a realidade de onde surgiram. Quando, porém, não percebe a raiz da história de suas ideias e imagina que elas serão verdadeiras para todos tempos e todos os lugares, corre o risco de estar, simplesmente, produzindo uma ideologia.

Diante do exposto, afirma-se que a política pública que transfere recursos para o sertão não visualiza a transformação da realidade do sertão, reproduz um quadro de desigualdade, tendo em vista que a minoria organiza-se e defende seus interesses, haja vista os exemplos dos colonizadores e dos empresários acima descritos.

Nessa perspectiva, defende-se a educação que visualize a inserção política de atores sociais, a educação inclusiva, que não aliena, que desenvolve a massa crítica e possibilita a visualização e participação da realidade como ela se apresenta.

Referências Bibliográficas

- Abric, J-C. (2000). A abordagem estrutural das representações sociais. Em A. S. Moreira & P. Oliveira, D. C (Org.). *Estudos interdisciplinares em representações sociais* (pp. 27-37). 2 ed. Goiana: AB
- Almeida, A. M. . O. & Cunha, G. G. (2003) Representações Sociais do Desenvolvimento Humano. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16 (1), pp. 147-155.
- Amado, J. (1995) Região, sertão, nação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.08, n.15, p.145-151.
- Andrade, D. B. S. & Teibel, E. N. H. (2011). Representações sociais de futuros professores sobre o brincas: elementos para se pensar os reguladores sobre sociais associados à infância. *Temas em psicologia*, v.19, n.1, pp. 219 – 231
- Araújo, L. A. (2008) A representação do Sertão na metrópole: a construção de um gênero musical (1929-1940). *Dissertação de Mestrado*. Universidade Estadual Paulista.”Júlio de Mesquita Filho”. Faculdade de história, Direito e Serviço Social. Franca.
- Araújo, T. B. (2002) *Nordeste, Nordestes: Que Nordeste? Observa Nordeste*.
- Arruda, A. (1998). Representando a alteridade. Petrópolis: Vozes
- Batista, M. B. (20008) "Vidas Secas", "Nordeste seco": uma construção regionalista em Graciliano Ramos. *Anais Encontro Estadual da ANPUH/PB XIII: Entre o Nacional e o Regional*, Biênio 2006-2008.
- Bomfim, N. R. (2006) A imagem da Geografia e do ensino da Geografia pelos professores das séries iniciais. *Estudos Geográficos*, Rio Claro, 4 (1): 107-116 Junho 2006.
- Castro, I. E. (2003).Instituições e cidadania. *Macator – Revista de Geografia da UFC*, ano 2, n.3.
- Coelho, L. R. e Santos, L. S. (2008) Representação Social de Sertão e discurso nos Jornais de Salvador. *Revista Internacional de Folkcomunicação*, Vol. 1, No 12.
- Chauí, M. de S. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 2004
- Cunha, E. (1901) Os sertões. São Paulo: *Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro*. 1901.
- Discini de Campos, R. (2010) Um intelectual viajante: Floriano de Lemos no sertão paulista

(1926-1930). *Revista Brasileira de História*, vol. 30, num. 60.

Favareto, A. S. (2006). Paradigmas do desenvolvimento rural em questão do agrário ao territorial. Tese de doutoramento. Universidade de São Paulo, Faculdade de Economia e Administração – FEA/USP.

Gomes Neto, J. F. Onde se (dês) encontra o sertão? (2011). *B.goiano.geogr. Goiânia*, v. 31, n. 1, p. 55-61.

Guedes, P. H. M. Q. (2006). *A colonização do sertão da Paraíba: agentes produtores do espaço e contatos interétnicos (1650-1730)*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

Jodelet, D.(2001). *As representações sociais*. Ed. UERJ, Rio de Janeiro.

_____ (2009).. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. *Sociedade e Estado, Brasília*, v.24,n3, p.679-712.

Jovechelovitch, S. (2004) *Psicologia social, saber, comunidade e cultura*.

Lima, N. T. (1999) *Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Revan: IUERJ, UCAM.

_____ (2009). Uma brasileira médica: o Brasil Central na expedição científica de Arthur Neiva e Belisário Penna e na viagem ao Tocantins de Julio Paternostro *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 16, supl.1, p.229-248.

Lima, R (2008). Mundar o sertão: ou quando o Jaguaribe virou açude no Ceará. *Ava Revista de Antropologia*, num. 13. Universidad Nacional de Misiones. Argentina.

Miranda, L. F. A. (2009) O deserto dos mestiços: O sertão e seus habitantes nos relatos de viagem do início do século XIX. *Revista História (São Paulo)*, vol 28, n.2, pp. 621-643.

Moscovici, S. (2003). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

_____ (2001). Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In D. Jodelet & L. Ulup. *As representações sociais*. UERJ: Rio de Janeiro.

Neves, E. F.(2003) Sertão como recorte espacial e imaginário cultural. *Politéia: Hist. e Soc. Vitória da Conquista*, v.3, n.1, p.153-162.

Oliveira, R. (2002) Euclides da Cunha, os sertões e a invenção de um Brasil profundo. *Revista*

Brasileira de História. São Paulo. V. 22, n44, pp.511-537.

Rezende, M. José. (2010). Os sertões e os (des)caminhos da mudança social no Brasil. *Ver. Socil. USP*, S. Paulo, 13(2), pp. 201-206.

Rocha, J.D.e Bursztyn, M. (2008). Políticas públicas territoriais e sustentabilidade no semi-árido brasileiro: busca do desenvolvimento via arranjos produtivos locais. *Revista Ciência de Administração*, Fortaleza, v,14, n.2, p. 263-278, dez 2008.

Sá, C. P. (1996) Representações sociais: teoria e pesquisa do núcleo central. *Temas em Psicologia*, nº. 3,

Sá, D.M. (2009) Uma interpretação do Brasil, como doença e rotina: a repercussão do relatório médico de Arthur Neiva e Belisário Penna (1917-1935). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 16, supl. 1, p. 183-203

Sá, D.M. (2009) Uma interpretação do Brasil, como doença e rotina: a repercussão do relatório médico de Arthur Neiva e Belisário Penna (1917-1935). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 16, supl. 1, p. 183-203,

Sá, D. M; Sá, M. R. & Lima, N. T. (2008) Telégrafos e inventário do território no Brasil: as atividades científicas da Comissão Rondon (1907-1915). *Hist. cienc. saúde-manguinhos*, 15 (3), pp. 779-810.

Teixeira, L. A. (1997) Da raça à doença em Casa Grande e Senzala. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos IV (2)* pp. 231-243,

Seligmann-Silva, M. (2009). Grande Sertão: Veredas como gesto testemunhal e confessional. *Alea: Estudos Neolatinos*, vol. 11, núm. 1, 2009, pp. 130-147. Universidade Federal do Rio de Janeiro – Brasil.

Sobel, T. F. & Ortega, A. C. (2007-A) *Anais XLV Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER)*, Londrina. Anais. Evolução e situação atual do Pólo Petrolina - Juazeiro: uma análise a partir dos indicadores sócio-econômicos.

_____ (2007-B) Desenvolvimento Territorial nos Perímetros de Irrigação do Submédio do Vale do São Francisco (PE/BA): avaliação preliminar. *Anais XLV Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural*.

Vicentini, A. (2007). Regionalismo literário e sentidos do sertão. *Sociedade e Cultura*, vol.10, n.02, pp. 187-190.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões desenvolvidas neste estudo foram orientadas pela abordagem estrutural das representações sociais proposta por Abric (2000), que permite identificar as características do sistema central e do sistema periférico de uma representação. Nessa perspectiva, os possíveis elementos centrais da representação de sertão dos grupos investigados, jovens, idosos e estudantes professores, estão associados a valores negativos, tais como, SECA, POBREZA, FOME e MISÉRIA. Segundo Abric (2000, p.31) “é a identificação do núcleo central que permite o estudo comparativo das representações. Para que duas representações sejam diferentes, elas devem ser organizadas em torno de dois núcleos centrais diferentes.” O que nos leva a afirmar que SECA é o elemento hegemônico na representação de sertão entre os membros dos grupos investigados. (Tabela 1)

Tabela 1 – Elementos centrais resultantes da evocação de sertão para os grupos investigados

Jovens	Idosos	LH	LG
Seca	Seca	Seca	Seca
Caatinga	Sufrimento		
	Resistência		
	Agricultura		
	Caatinga		
	Fome		

Essa forma de pensar o sertão associa-se ao fundamento geográfico de sua produção, que é a base do material imaginário sócio-político e importante recurso ideológico utilizado por grupos sociais particulares: governo, academia e empresários capitalistas. Segundo Gomes (1998, p. 58):

A institucionalização da seca, através das observações e sugestões dos pesquisadores e grupos de interesses, imprimiu à mesma um recorte epistêmico, ou seja, uma

determinada forma de delimitar, construir e explicar o problema, que se apresenta como conhecimento acabado aparentemente consistente e fundamentado.

Por sua vez, a primeira periferia “permite a ancoragem com a realidade” (ABRIC, 2000, p.34) e mostra a diferenciação dos grupos, que segundo o autor, decorre da possibilidade de adaptação “em função do vivido, uma integração das experiências cotidianas”. O sertão “vivido” pelos grupos pesquisados é o sertão inserido no modo capitalista de produção e, portanto, considerado “desenvolvido” e “não pobre”. Verificamos que o “desenvolvimento” impacta o discurso de jovens e idosos e não de estudantes-professores. O conteúdo representacional de sertão dos estudantes-professores parece decorrer da posição social que ocupam como receptores e divulgadores do conhecimento científico adquirido na academia. (Tabela 2)

Tabela 2 – Elementos da primeira periferia resultantes da evocação de sertão para os grupos investigados

Jovens	Idosos	LH	LG
Resistência	Carência	Seca	Não tem
<i>Cultura</i>	<i>Desenvolvimento</i>	Caatinga	
<i>Pobreza</i>	<i>Pobreza</i>		
<i>Desenvolvimento</i>	<i>Cultura</i>		
Sufrimento	Irrigação		

Na perspectiva de sertão “desenvolvido” e “não pobre” entendemos que a exclusão da maioria da população, que se situa na linha de extrema pobreza, é legitimada e torna-se prática social, haja vista os vultosos investimentos, tanto do governo quanto do setor privado, para viabilizar a prática agrícola do agronegócio ou a “agricultura científica”. Verifica-se que o discurso “desenvolvimentista” torna-se hegemônico ou superior a qualquer outra prática discursiva. Segundo Moscovici (2001, p. 48), à medida que criamos algo ideal, distanciamos-nos do lógico. E uma vez formadas, adquirem certa autonomia, combinam-se e transformam-

se segundo regras que lhes são próprias. Some-se a isso o que diz o autor sobre a criação de uma representação: “não produzimos unicamente nossas ideias e imagens: criamos e transmitimos um produto progressivamente elaborado em inúmeros lugares, segundo regras variadas.” Para o autor:

Se nossas representações são sociais, não é apenas por causa do seu objeto comum ou pelo fato de que são compartilhadas. Isso se deve também ao fato de serem o produto de uma divisão do trabalho que as distinguem com alguma autonomia. Sabemos que existe certa categoria de pessoas que tem por ofício criá-las. São todos aqueles que se dedicam à difusão do conhecimento científico e artístico: médicos, terapeutas, trabalhadores sociais, animadores culturais, especialistas das mídias e do marketing político. Em muitos aspectos se assemelham aos criadores de mitos das civilizações mais antigas: seu saber-fazer é codificado e transmitido, conferindo aos que o possuem uma autoridade segura. (p.63)

Diante do exposto, é importante destacar que “a determinação do sistema periférico é mais individualizada e contextualizada” (ABRIC, 2000, p. 33), haja vista o relevante fato que diferencia os grupos: o sertão para os idosos (G2) é o sertão “vivido”, para os jovens (G1) e estudantes-professores (LH e LG) é o sertão que foi “aprendido” nos livros e na mídia.

Para o saber popular, a partir da diferenciação existente entre jovens, idosos e estudantes-professores, o que se institui não é o “modelo de desenvolvimento econômico sob a égide capitalista de produção com alto nível de exclusão social, ou que provoca desigualdade social”, o que prevalece nessa análise é o ‘não-atraso’ da região. Em outras palavras, o “desenvolvimento econômico” de Petrolina-PE e Juazeiro-BA é legítimo aos olhos dos grupos investigados.

Para melhor compreensão, podemos retomar os resultados da investigação da representação social das cidades. Ao trabalharem com a situação hipotética: - ‘se não existisse a fruticultura irrigada na região em que vivem’, a categoria dominante entre os idosos foi “a vida seria difícil” e entre jovens a região seria “pobre”. Vale ressaltar que, entre eles, a

representação de que 'as cidades não são como o sertão' é conteúdo com alta relevância e que a desigualdade, que persiste na região, não é identificada nos discursos. A pobreza da maioria não é referencial de análise e sim a 'não pobreza' da região que passa a ser referencial 'de cidade', 'de capital', 'de metrópole'. Entre eles, Petrolina e Juazeiro estão no sertão, mas 'não são sertão, pois não são pobres'. O aspecto relevante é a participação relativa da afetividade nos discursos, considerando a categoria “aqui é bom, amo, gosto”, que entre os idosos é a categoria de maior relevância no conteúdo do discurso. Entre jovens, essa categoria é a quarta em participação relativa na representação social de sertão.

Podemos verificar que o discurso do grupo de estudantes-professores é estruturado por alta relevância de participação relativa das categorias essenciais (contexto ideológico) e baixa relevância das categorias circunstanciais (contexto imediato) e que, nesse contexto imediato, o conteúdo é afetivo e não há referência ao desenvolvimento da região. Sertão é sertão seco e pobre, mas é um 'paraíso', é o lugar de 'um povo forte'.

Ocorre que as informações são “desigualmente acessíveis aos grupos; o foco sobre os aspectos do objeto, em função dos interesses e da implicação dos sujeitos; a pressão à inferência referente à necessidade de agir, de tomar posição ou de obter reconhecimento e a adesão aos outros – são elementos que vão diferenciar o pensamento natural em suas operações, sua lógica e seu estilo” (JODELET, 2001, p. 30 citando MOSCOVICI), sertão da seca e da pobreza é produto de projetos exógenos. A representação social de sertão entre estudantes-professores tende a reproduzir o conteúdo acadêmico, que divide o território nacional com base em clima e vegetação. Essa forma de divisão norteia as políticas públicas ainda hoje.

Para a teoria econômica, Petrolina e Juazeiro são exemplos de um projeto de sucesso a ser replicado em outras regiões e para o governo, a transposição do São Francisco, por exemplo, pode transformar a realidade. Para nós, replicar o modelo não é transformar a

realidade, pois para renomados órgãos de pesquisa e após séculos de transferência de recursos, o sertão é uma região em que “a maioria vive abaixo da linha da pobreza” (IPEA, 2010), ou seja, extrema pobreza.

Para efetivamente transformar a realidade seria necessário voltar à realidade para entender o seu funcionamento de forma dialética, o que implica em uma educação contextualizada, numa prática de ensino que entenda o desenvolvimento do sujeito numa dimensão histórica, social e cultural que atenda as peculiaridades. Entendemos que devemos voltar a estudar a dinâmica da realidade que funciona com seus opostos. Nessa perspectiva, o modelo de desenvolvimento econômico que está sendo aplicado no sertão ainda tem muito que responder, a começar pelos movimentos opostos, tais como, reassentados, assentados da reforma agrária, sem terra, agricultores familiares, mulheres, ambientalistas. Em síntese, é necessário um projeto alternativo que coloque à vista o que o projeto desenvolvimentista, legitimado em sua aparência perfeita, torna invisível. Entender o discurso de movimentos sociais opostos, fazendo-os visíveis parece ser um bom desafio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abric, J-C. (2000). A abordagem estrutural das representações sociais. Em A. S. Moreira & P. Oliveira, D. C (Org.). *Estudos interdisciplinares em representações sociais* (pp. 27-37). 2 ed. Goiana: AB.
- Almeida, A. M. . O. & Cunha, G. G. (2003) Representações Sociais do Desenvolvimento Humano. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16 (1), pp. 147-155.
- Antônio C. (2009) Literatura de dois gumes. *Literatura Brasileira LBN3 – Unicam*.
- Andrade, D. B. S. & Teibel, E. N. H. (2011). Representações sociais de futuros professores sobre o brincas: elementos para se pensar os reguladores sobre sociais associados à infância. *Temas em psicologia*, v.19, n.1, pp. 219 – 231.
- Araújo, L. A. (2008) A representação do Sertão na metrópole: a construção de um gênero musical (1929-1940). *Dissertação de Mestrado*. Universidade Estadual Paulista.”Júlio de Mesquita Filho”. Faculdade de história, Direito e Serviço Social. Franca.
- Araújo, T. B. (2002) *Nordeste, Nordestes: Que Nordeste? Observa Nordeste*. Recife: FUNDAJ
- Arruda, A (2002). Teoria das representações sociais e teoria de gênero. *Cadernos de Pesquisa*, n 117, p.127-147, novembro /2002. _
- _____ (2005) Despertando do Pesadelo: a interpretação. Em: A.S.P., Moreira, B.V., Camargo, J.C. Jesuíno e S.M. Nóbrega (Orgs). *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais* (229-258). João Pessoa: UFPB, 2005
- _____ (2009) Teoria das representações sociais e ciências sociais: trânsito e atravessamentos. *Sociedade e Estado, Brasília*, v. 24,n. 3. p. 739-766.
- _____ (1998). *Representando a alteridade*. Petrópolis: Vozes.
- Amado, J. (1995) Região, sertão, nação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.08, n.15, p.145-151.
- Aragão C. O. M. & Arruda A. (2007) Representações sociais do Brasil para jovens universitários. *V Jornada Internacional e III Conferência Brasileira sobre Representações Sociais*.
- Bardin, L. (2005) *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barros, E. S. ; Costa, E. F. & Sampaio, Y. (2004) Análise de eficiência das empresas agrícolas

do pólo Petrolina/Juazeiro utilizando a fronteira paramétrica Translog. *RER*, Rio de Janeiro, vol. 42, nº 4, p. 597-614.

Batista, M. B. (2008) "Vidas Secas", "Nordeste seco": uma construção regionalista em Graciliano Ramos. *Anais Encontro Estadual da ANPUH/PB XIII: Entre o Nacional e o Regional*, Biênio 2006-2008.

Bomfim, N. R. (2006) A imagem da Geografia e do ensino da Geografia pelos professores das séries iniciais. *Estudos Geográficos*, Rio Claro, 4 (1): 107-116 Junho 2006.

Bonomo, M. (2010) Identidade social e representações sociais de rural e cidade em um contexto rural comunitário: campo de antinomias. *Tese (Doutorado)*. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Espírito Santo –UFES, Vitória.

Buonicore, A. C. (2005) Reflexões sobre o marxismo e a questão racial. (Parte 2). *Revista espaço acadêmico*. N 53,

Campos, P. H. F. & Rouquette, M-L. Abordagem e componente afetivo das representações sociais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2003, 16(3), pp. 435-445.

Cândido, A. (2004). O Romantismo no Brasil. São Paulo: Humanitas/FELCH.

Castro, I. E. (2003). Instituições e cidadania. *Macator – Revista de Geografia da UFC*, ano 2, n.3.

_____ (1994). Da seca como tragédia a seca como recurso, velhos e novos discursos, velhos e novos territórios. *Anuário do Instituto de Geociências-IGEO-UFRJ*. V17. pp1-13.

Chauí, M. S. (2004) *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense.

Coelho, L. R. e Santos, L. S. (2008) Representação Social de Sertão e discurso nos Jornais de Salvador. *Revista Internacional de Folkcomunicação*, Vol. 1, No 12.

Companhia do Desenvolvimento do Vale do São Francisco – CODEVASF,

Cunha, E. (1901) Os sertões. São Paulo: *Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro*. 1901.

Dantes, R. & Gomes, M. (2008) O Nordeste na TV: produção de sentido e o discurso da seca.,2008. *Anais XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Natal, RN Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

Discini de Campos, R. (2010) Um intelectual viajante: Floriano de Lemos no sertão paulista (1926-1930). *Revista Brasileira de História*, vol. 30, num. 60.

- Duarte, R. (2001). *Seca, pobreza e políticas públicas no nordeste do Brasil. Pobreza, desigualdade social e cidadania. Los límites de las políticas sociales en América Latina*. CLACSO. Buenos Aires.
- Elias, D. (2006). Ensaio sobre os espaços agrícolas de exclusão. *Revista NERA*, ano 9, n. 8, pp. 29-51,
- Favareto, A. S. (2006). *Paradigmas do desenvolvimento rural em questão do agrário ao territorial*. Tese de doutoramento. Universidade de São Paulo, Faculdade de Economia e Administração – FEA/USP.
- Fonseca, H. (2008) *Pernambucânia: o que há nos nomes das nossas cidades*. 2 ed. Recife: CEPE-FUNDA RTE.
- Fontanella, B. J.B.; Ricas, J. e Turato, E. R. (2008) Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *CAD. Saúde pública*. 24 (1); 17-27; jan2008.
- rango, M. L. P. B. (2004) Representações sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência. *Caderno de Pesquisa*, v.34, n.121, p-169-186,
- Gomes, P. P. P. (2008) O sertão dilacerado: outras histórias de Deus e o Diabo na terra do sol. *Lua Nova*, n.74, pp. 11-34.
- Gomes Neto, J. F. Onde se (dês) encontra o sertão? (2011). *B.goiano.geogr. Goiânia*, v. 31, n. 1, p. 55-61.
- Gomes, A.M. (1998) *Imaginário social das secas: suas implicações para mudança social*. Recife: FUNDAJ, Editora Massangano.
- Guedes, P. H. M. Q. (2006). *A colonização do sertão da Paraíba: agentes produtores do espaço e contatos interétnicos (1650-1730)*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Guilhoto, J. M.; Silveira, F. G.; Ichiara, S. M. & Azzoni, C. R. (2006). A importância do agronegócio familiar no Brasil. *RER, Rio de Janeiro*, vol. 44, nº03, p. 355-382.
- Heckathorn, D.D. (2002). "Respondent-Driven Sampling II: Deriving Valid Estimates from Chain-Referral Samples of Hidden Populations". *Social Problems*. 49: 11-34.
- Instituto de Assessoria de Desenvolvimento Humano – IADH (2010). *Plano Territorial de Desenvolvimento Rural do Sertão do São Francisco 2011*. Ministério do Desenvolvimento Agrário\ Secretaria do Desenvolvimento Territorial.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE

Jodelet, D.(2001). *As representações sociais*. Ed. UERJ, Rio de Janeiro.

_____ (2009).. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. *Sociedade e Estado, Brasília*, v.24,n3, p.679-712.

Jovechelovitch, S. (2004) *Psicologia social, saber, comunidade e cultura*.

Lima, N. T. & Hochman, G. (2000) Pouca saúde, muita saúde, os males do Brasil são... Discurso médico-sanitário e interpretação do país. *Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro*, v. 5, n. 2, pp. 313-332.

Lima, N. T. (1999) Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro: Revan: IUERJ, UCAM.

_____ (2009). Uma brasileira médica: o Brasil Central na expedição científica de Arthur Neiva e Belisário Penna e na viagem ao Tocantins de Julio Paternostro História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 16, supl.1, p.229-248.

Lima, R (2008). Mundar o sertão: ou quando o Jaguaribe virou açude no Ceará. *Ava Revista de Antropologia, num. 13*. Universidad Nacional de Misiones. Argentina.

Maricato, E. (2011) Metrôpoles desgovernadas. *Estudos Avançados 25 (71)* .

Martins, P. O.; Trindade, Z. A.; Almeida, A. M. O. (2003) O ter e o ser: representações sociais da adolescência entre adolescentes de inserção urbana e rural. *Psicol. Reflex. Crit*, Porto Alegre, v. 16, n. 3.

Mattar Vilela, J. (2010) Moral da política e antropologia das relações de poder no sertão de Pernambuco, *Lua Nova*, num. 79, pp. 163-199.

Mendes, J.T.G.; Padilha Júnior, J. B. (2007) *Agronegócio: uma abordagem econômica*, São Paulo: Pearson Prentice Hall.

Minayo, M. C. S. (2007). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 10ª ed. SP: Hucitec.

MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL

Miranda, L. F. A. (2009) O deserto dos mestiços: O sertão e seus habitantes nos relatos de viagem do início do século XIX. *Revista História (São Paulo)*, vol 28, n.2, pp. 621-643.

Moscovici, S. (2003). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis,

Rio de Janeiro: Vozes.

_____ (2001). Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In D. Jodelet & L. Ulup. *As representações sociais*. UERJ: Rio de Janeiro.

Neves, E. F.(2003) Sertão como recorte espacial e imaginário cultural. Politéia: **Hist. e Soc.** Vitória da Conquista, v.3, n.1, p.153-162

Oliveira, R. (2002) Euclides da Cunha, os sertões e a invenção de um Brasil profundo. *Revista Brasileira de História. São Paulo. V. 22, n44, pp.511-537.*

Ortega, A. C. & Sobel, T. F. (2010) Desenvolvimento territorial e perímetros irrigados: Avaliação das políticas governamentais implantadas Nos perímetros irrigados Bebedouro e Nilo Coelho em Petrolina (PE). *Planejamento e Política Públicas, n35.*

Pecora, A.R. E Sá, C.P. (2008) Memórias e Representações Sociais da Cidade de Cuiabá, ao Longo de Três Gerações. *Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v. 21, n.2*

Pereira, C. (1997) . Análise de dados nas representações sociais. *Análise Psicológica (1997), 1 (XV), 49-62*

Pessoa, D (1990) . *Espaço rural e pobreza no Nordeste do Brasil*. Recife:FUNDAJ, Editora Massangana.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO – PNUD

Ramos, S. F.(2002) Uso do território brasileiro e sistemas agrícolas: a fruticultura irrigada em Petrolina (PE) / Juazeiro (BA). *Anais XVI Encontro Nacional de Geografia Agrária, Petrolina/PE.*

Rezende, M. José. (20010. Os sertões e os (des)caminhos da mudança social no Brasil. *Ver. Socil. USP, S. Paulo, 13(2), pp. 201-206.*

Ribeiro, R.W. (1999) Seca e determinismo: a gênese do discurso do semi-árido nordestino. *Anuário do Instituto de Geociências - UFRJ. v.22.*

Rocha, J.D.e Bursztyn, M. (2008). Políticas públicas territoriais e sustentabilidade no semi-árido brasileiro: busca do desenvolvimento via arranjos produtivos locais. *Revista Ciência de Administração, Fortaleza, v,14, n.2, p. 263-278, dez 2008.*

Sá, A. F. A. (2003) O cangaço nas histórias em quadrinhos. *Diálogos Latinoamericanos, num.8, pp. 49-75.*

Sá, C. P. (1996) Representações sociais: teoria e pesquisa do núcleo central. *Temas em*

Psicologia, nº. 3,

_____ (2007) Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20 (2), 290-295,

Sá, D.M. (2009) Uma interpretação do Brasil, como doença e rotina: a repercussão do relatório médico de Arthur Neiva e Belisário Penna (1917-1935). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 16, supl. 1, p. 183-203.

Sá, D. M.; Sá, M. R. & Lima, N. T. (2008) Telégrafos e inventário do território no Brasil: as atividades científicas da Comissão Rondon (1907-1915). *Hist. cienc. saúde-manguinhos*, 15 (3), pp. 779-810.

Seligmann-Silva, M. (2009). Grande Sertão: Veredas como gesto testemunhal e confessional. *Alea: Estudos Neolatinos*, vol. 11, núm. 1, 2009, pp. 130-147. Universidade Federal do Rio de Janeiro – Brasil.

Silva, R. M. A. (2007). Entre o combate à seca e a convivência com o semi-árido: políticas públicas e transição paradigmática. *Revista Econômica do Nordeste*, Fortaleza, v.38, nº. 3, jul – set.

Silva, P. C. G. (2001) Articulação dos interesses públicos e privados no pólo Petrolina-PE/Juazeiro-BA: em busca de espaço no mercado globalizado de frutas frescas. Campinas. *Tese (Doutorado)* – Instituto de Economia da UNICAMP.

Sobel, T. F. & Ortega, A. C. (2007-A) *Anais XLV Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER)*, Londrina. Anais. Evolução e situação atual do Pólo Petrolina - Juazeiro: uma análise a partir dos indicadores sócio-econômicos.

_____ (2007-B) Desenvolvimento Territorial nos Perímetros de Irrigação do Submédio do Vale do São Francisco (PE/BA): avaliação preliminar. *Anais XLV Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural*.

Souza, R. C. A. & Ramos, A. R. N. (2010) Rio São Francisco: Cultura, Identidade e Desenvolvimento. *RDE, ano XII, edição especial*, Salvador-Bahia.

Spink, M. J. P. (1993) O conceito de representação social na abordagem psicossocial. *Cad. Saúde Públ. Rio de Janeiro*, 9 (3): 300-308,

Teixeira, L. A. (1997) Da raça à doença em Casa Grande e Senzala. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos IV* (2) pp. 231-243

Vicentini, A. (2007). Regionalismo literário e sentidos do sertão. *Sociedade e Cultura*, vol.10, n.02, pp. 187-190.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista/ Estudo 1 – Representações sociais de sertão entre jovens e idosos moradores da região sertaneja Petrolina-PE Juazeiro-BA

Identificação do respondente

Faixa etária: _____ Escolaridade: _____ Renda: _____

Tempo de moradia: _____ Sexo: _____

Natural de Petrolina/Juazeiro: Sim () Não ()

PARTE I – Teste de associação de palavras - TAP

Evocações	Ordenação
Sertão = _____	_____
Sertão = _____	_____
Sertão = _____	_____
Sertão = _____	_____

PARTE II – Perguntas abertas

1. O que é sertão para você?
2. O Sr (a) poderia falar sobre a vida no Sertão?

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista/ Estudo 2 – Representações sociais das cidades

Petrolina-PE e Juazeiro-BA

Identificação do respondente

Curso: _____ Escolaridade: _____ Renda: _____

Tempo de moradia: _____ Sexo: _____

Natural de Petrolina/Juazeiro: Sim () Não ()

SITUAÇÃO HIPOTÉTICA 1

Se não existisse a fruticultura irrigada entre jovens e idosos que moram na região.

SITUAÇÃO HIPOTÉTICA 2

A região Petrolina e Juazeiro: Ontem e Hoje, entre idosos que moram na região.

APÊNDICE C – Roteiro de entrevista/ Estudo 3 – Representações sociais de sertão entre
estudantes-professores dos cursos de Licenciatura em História e Geografia em uma instituição
de ensino superior de Petrolina-PE

Identificação do respondente

Curso: _____ Período: _____ Faixa estária: _____

Natural de Petrolina/Juazeiro: Sim () Não ()

PARTE I – Teste de associação de palavras - TAP

Evocações	Ordenação
Sertão = _____	_____
Sertão = _____	_____
Sertão = _____	_____
Sertão = _____	_____

PARTE II - Pergunta aberta

1. O que é sertão para você?

APÊNDICE D – Termo de Consentimento



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM PROJETO DE PESQUISA

Concordo em participar da pesquisa abaixo discriminada nos seguintes termos:

Pesquisa: Representações sociais de sertão
Pesquisador responsável pela coleta de dados: Liliane Caraciolo Ferreira
Orientador: Prof. Dr. Lídio de Souza
Instituição: Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) – DINTER UNIVASF

Justificativa e objetivo da pesquisa

Há séculos o sertão atrai recursos, tendo em vista a seca e seus efeitos. Um outro discurso é instaurado na região, tendo em vista a prática agrícola do agronegócio com a perspectiva de “desenvolvimento econômico”. De maneira que, são dois discursos que atraem o investimento no sertão, o *tradicional*, atraso e pobreza; e *contemporâneo*, tecnologia e desenvolvimento. No entanto, não há transformação da realidade sertaneja que continua com os maiores índices de pobreza do país.

Descrição dos procedimentos aos quais os participantes serão submetidos

Serão utilizados a entrevista e o teste de associação de palavras.

Benefícios esperados

Os resultados da pesquisa serão divulgados através da participação em congressos e publicação de artigos em periódicos especializados, contribuindo para a ampliação do corpo de conhecimento que se tem produzido para o sertão. Espera-se que os resultados da pesquisa possam gerar subsídios para a reflexão de políticas públicas e provocar o interesse da comunidade científica.

Telefone para contato: 2101.6853 (Colegiado de Administração da UNIVASF)

IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE

Nome: _____

RG: _____ Órgão Emissor: _____

Estando assim de acordo, assinam o presente termo de compromisso com duas vias.